



UFPE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EUDES GOMES SILVA

**HUMOR E ARGUMENTAÇÃO EM MEMES VIRTUAIS VEICULADOS POR REDES  
SOCIAIS DIGITAIS**

Recife

2019

EUDES GOMES SILVA

**HUMOR E ARGUMENTAÇÃO EM MEMES VIRTUAIS VEICULADOS POR  
REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Linguística

**Orientador:** Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Xavier

Recife

2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

S586h Silva, Eudes Gomes  
Humor e argumentação em Memes virtuais veiculados por redes sociais digitais / Eudes Gomes Silva. – Recife, 2019.  
113f.: il.

Orientador: Antônio Carlos dos Santos Xavier.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

Inclui referências.

1. Memes. 2. Retórica. 3. Argumentação. 4. Multimodalidade. I. Xavier, Antônio Carlos dos Santos (Orientador). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-142)

EUDES GOMES SILVA

**HUMOR E ARGUMENTAÇÃO EM MEMES VIRTUAIS VEICULADOS POR  
REDES SOCIAIS DIGITAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em LETRAS.

Aprovada em: 14/3/2019.

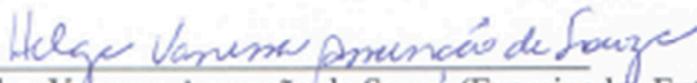
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos Xavier (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco



Prof.ª Dr.ª Paloma Sabata Lopes da Silva (Examinador Externo)  
Universidade Federal Da Paraíba



Prof.ª Dr.ª Helga Vanessa Assunção de Souza (Examinador Externo)  
Universidade Federal De Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

Essa parte do trabalho foi a mais difícil de concluir. Agradecer nunca é fácil, pois se resume a palavras que tentam exprimir todo o sentimento bom que nossa alma sente quando concluimos um trabalho desta natureza, que é a dissertação de Mestrado. Contudo, me arrisco a escrever o que jamais poderei expressar em sua totalidade a gratidão que sinto e sentirei.

“No Princípio criou Deus os céus e a Terra.” É desta forma que agradeço ao Criador de tudo que existe. Ele não existe, pois está para além de toda existência, mas ele É antes de todas as eras e universos. O fôlego de vida, o cérebro brilhante, a força de vontade, a capacidade da resiliência, tudo isso e muito mais, Ele nos capacitou a ter; e por isso, e principalmente pela existência de tudo, inclusive da Ciência, agradeço a Deus, que se revelou em Jesus Cristo, que se denominou Deus e creio em sua pregação.

Agradeço penhorado à educação sólida a mim dada pelos meus pais Ana Neri e Antônio Gomes, que embora não tenham tantos estudos como eu, sempre me incentivaram e investiram em mim para que hoje eu pudesse ser considerado pela Linguística como Mestre. Aos meus pais devo a minha vida, pois graças também a eles sou essa pessoa, esse professor respeitado por todos que me rodeiam. Tudo isso devo aos meus amados pais.

Impossível falar de amor paterno e materno sem me referir ao meu ilustre orientador Professor Doutor Antônio Carlos Xavier, que foi um pai orientador em minha experiência de mestrando na Universidade Federal de Pernambuco. Ele acreditou muito em mim. Agradeço a cada orientação, cada observação, cada puxão de orelha, cada ensinamento, cada palavra direcionada a mim. Nunca pensei que encontraria na Universidade um professor tão bem formado, capacitado e inteligente com toda humildade, educação e paciência como o professor Xavier.

Como professor, sou grato demais a todos os meus alunos que vibraram da minha aprovação na seleção e da finalização do Mestrado. Em especial, agradeço aos alunos que em 2017 eram do 6º ano. Nos meus momentos de agonia, eles sentiram tudo comigo e torciam para a minha aprovação. No dia da minha inscrição, os Bancos estavam de greve, e pensei que não daria como pagar minha inscrição. Com isso, todos os meus alunos choraram, se angustiaram comigo. Mas se alegraram quando viram o Professor Eudes, inscrito na seleção e aprovado. Amo meus alunos!

Também agradeço às pessoas que conheci na vida, seja fora da Universidade, seja dentro. Pessoas como Jana Silva e Andresa Carla, que desde muitos anos me fortalecem a alma e o coração com a amizade tão sincera e verdadeira. Também deixo aqui meu carinho e

agradecimentos a Edna, Josefa, Patrícia Messias, Isabella, Juliana, Jamillys, pessoas que conheci no mestrado e que sempre me encontravam com abraços, conversas, consolos e elogios. Registro também meu agradecimento a Marília Leal ex-aluna, que se tornou mui amiga.

Agradeço também a todos os professores que tive tanto na graduação quanto nas disciplinas do Mestrado. Cada um deles teve uma contribuição gigantesca neste novo título que conquisto. Em especial, agradeço à minha professora Rosilda Araújo, que desde a graduação torce muito por mim. Sem ela, muita coisa na minha vida acadêmica seria mais difícil (ou impossível). Além dos professores, agradeço à toda secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, em nome de Jozaías dos Santos. Todos os profissionais sempre se mostravam atentos, prestativos e muito bem humorados para aliviar as pressões do mestrado.

Vale salientar que sem a bolsa de mestrado concedida pelo CNPq, essa pesquisa não seria possível. É importante conceder bolsas a alunos de mestrado e doutorado, pois nos dedicamos exclusivamente à pesquisa, e, dessa forma, podemos contribuir assaz com a produção, divulgação e aplicação da ciência para toda a sociedade.

E não poderia me esquecer de agradecer a professora doutora Roberta Caiado (PPGCL – UNICAP), que contribuiu bastante na qualificação desta dissertação. Muito gentil, atenciosa e acessível para tirar todas as minhas dúvidas. E na banca examinadora, final, agradeço às professoras doutoras Paloma Sabata e Helga Vanessa, que contribuíram o suficiente para a finalização desta pesquisa. Obrigado, professoras, pela dedicação e disposição em ler meu trabalho e me mostrar coisas que não consegui enxergar.

Com certeza, eu me esqueci de citar mais pessoas que me ajudaram muito, mas neste parágrafo deixo registrado o que já disse no início: impossível agradecer totalmente, pois as pessoas que nos ajudam são muito maiores do que nossa memória, e muito maiores do que nossas palavras. Agradecer sempre é um risco para quem tem memória curta como a minha.

## RESUMO

O ser humano se utiliza das diversas linguagens para agir. A junção entre a linguagem verbal e não verbal tem sido, cotidianamente, um instrumento poderosíssimo em que manifestamos nossas intenções, ideias, pensamentos e, então, interagimos e agimos em sociedade. Partindo da hipótese de que os usuários de redes sociais digitais estariam argumentando por meio de Memes como forma de expressar sua criatividade (criatividade + criticidade) bem humorada, esta dissertação objetiva analisar o Meme em sua dimensão retórica-argumentativa. Isto implica observar quais elementos linguísticos e multimodais são usados para revelar o posicionamento do produtor de Memes. Para dar orientação às análises, recorreremos aos estudos da Retórica Clássica de Aristóteles ([340 a.C] 2005) e aos da Nova Retórica desenvolvidos por Perelman (2004), bem como à perspectiva da argumentatividade inerente à língua advogada por Oswald Ducrot (1998). Como os Memes possuem características multimodais, nos valem das discussões apresentadas em Dionísio (2005; 2007) e Kress e van Leeuwen (1996), para entendermos como a multimodalidade contribui na manifestação da intenção dos usuários. Sobre os estudos dos Memes, nos valem das ideias encontradas em Recuero (2009), Dawkins ([1976] 2007), Blackmore ([1999] 2000) e Dias (*et al.* 2015). Tomado como gênero multimodal, nesta pesquisa, defendemos que o Meme se estrutura retórico-argumentativamente, pois permite que seus produtores manifestem críticas, concretizando assim a previsão de Bazerman (2005), para quem todo gênero é uma forma de ação social. Além dos autores e teorias já citadas, esta pesquisa também dialogou com fenômenos da pragmática como a Teoria dos Atos de Fala de Austin (1990) e o Princípio Cooperativo de Grice (1982). A partir de uma amostra ampla, foram escolhidos para compor a amostra restrita 10 exemplares de Memes. Foram analisados aspectos retóricos, linguísticos e multimodais usados pelos produtores para revelar seu posicionamento argumentativo sobre um determinado tema de interesse público. Todos os Memes foram coletados em páginas encontradas em sites de relacionamentos, como *Facebook* e *Instagram*. Os resultados da investigação permitem-nos afirmar que produtores de Memes utilizam-se deste gênero multimodal para manifestar não apenas sua insatisfação quanto aos temas problematizados, mas principalmente para revelar seu ponto de vista de forma propositiva, criativa e bem humorada. Estamos convencidos de que o estudo do funcionamento retórico-argumentativo

presente no Meme e a explicitação das competências retóricas, linguísticas e multimodais necessárias à sua produção, demonstradas nesta pesquisa, revelam a surpreendente criatividade e criticidade de seus produtores.

**Palavras-chave:** Memes. Retórica. Argumentação. Multimodalidade.

## RESUMEN

El ser humano se utiliza de los diversos lenguajes para actuar. La unión entre el lenguaje verbal y no verbal ha sido, cotidianamente, un instrumento poderosísimo en el que manifestamos nuestras intenciones, ideas, pensamientos y, entonces, interactuamos y actuamos en sociedad. A partir de la hipótesis de que los usuarios de redes sociales digitales estarían argumentando por medio de Memes como forma de expresar creatividad bien humorada, esta disertación objetiva analizar el Meme en su dimensión retórica-argumentativa. Esto implica observar qué elementos lingüísticos y multimodales se utilizan para revelar el posicionamiento del productor de Memes. Para dar sustento a los análisis, recurrimos a los estudios de la Retórica Clásica de Aristóteles ([340 a. C.] 2005) ya los de la Nueva Retórica desarrollados por Perelman (2004), así como a la perspectiva de la argumentación inherente a la lengua abogada por Oswald Ducrot (1998). Como los Memes poseen características multimodales, nos valemos de las discusiones presentadas en Dionisio (2005, 2007), Kress y van Leeuwen (1996), para entender cómo la multimodalidad contribuye en la manifestación de la intención de los usuarios. En los estudios de los Memes, nos valemos de las ideas encontradas en Recuero (2009), Dawkins ([1976] 2007), Blackmore (1999) y Dias (et al., 2015). En el caso de que se trate de un género textual multimodal, el Meme se estructura retórico-argumentativamente, pues permiten que sus productores manifiesten críticas, concretando así la previsión de Bazerman (2005), para quien todo género textual es una forma de acción social. Además de los autores y teorías ya citadas, esta investigación también dialogó con fenómenos de la pragmática como la Teoría de los Hechos de Habla de Austin (1990) y el Principio Cooperativo de Grice (1982). A partir de una muestra amplia, fueron elegidos para componer la muestra restringida 10 ejemplares de Memes. Se analizaron aspectos retóricos, lingüísticos y multimodales usados por los productores para revelar su posicionamiento sobre un determinado asunto de interés público. Todos los Memes fueron recolectados en páginas encontradas en sitios de relaciones, como *Facebook* e *Instagram*. Los resultados de la investigación nos permiten afirmar que productores de Memes se utilizan de este género textual-multimodal para manifestar no sólo su insatisfacción en cuanto a los temas problematizados, sino principalmente para revelar su punto de vista propositivo de forma creativa y bien humorada. Creemos que el estudio del funcionamiento retórico-argumentativo

presente en el Meme y explicitación de las competencias lingüísticas, retóricas y multimodales necesarias para su producción, evidenciadas en esta investigación, valoran la creatividad y potencial argumentativo de sus productores.

**Palabras-clave:** Memes. Retórica. Argumentación. Multimodalidad.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Infográfico 1.....	25
Imagem 2 - Infográfico 2.....	26
Imagem 3 - Página da <i>web</i> do Museu de Memes.....	34
Imagem 4 - Referências bibliográficas sobre os Memes.....	35
Imagem 5 - Meme “para nossa alegria”.....	39
Imagem 6 - Meme do desenho Pica-Pau.....	43
Imagem 7 - MEME 1.....	73
Imagem 8 - MEME 2.....	74
Imagem 9 - MEME 3.....	80
Imagem 10 - MEME 4.....	80
Imagem 11 - Bilhete que deu origem ao Meme “é verdade esse bilete”.....	82
Imagem 12 - MEME 5.....	86
Imagem 13 - MEME 6.....	87
Imagem 14 - Fotografia do formando Luan.....	88
Imagem 15 - Pôster do filme: “Vingadores: guerra infinita”.....	90
Imagem 16 - MEME 7.....	90
Imagem 17 - MEME 8.....	93
Imagem 18 - MEME 9.....	94
Imagem 19 - MEME 10.....	99
Imagem 20 - MEME 11.....	100

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Os tipos de publicações sobre os Memes.....	35
Tabela 2 - Áreas temáticas que já estudaram os Memes.....	36
Tabela 3 - Interseção entre a Charge, o Cartum e o Meme.....	44

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1	A INTERNET E A MULTIMODALIDADE: <i>REVOLUÇÃO NAS PRÁTICAS SOCIAIS</i> .....	23
1.2	O <i>BOOM</i> DA INTERNET NO MUNDO E NO BRASIL.....	23
1.3	A MULTIMODALIDADE NOS GÊNEROS DIGITAIS.....	28
1.4	CARACTERIZANDO O MEME DA INTERNET.....	33
1.5	INTERSEÇÕES ENTRE OS GÊNEROS: <i>CHARGE, CARTUM E MEME</i> .....	40
<b>2</b>	<b>DEFINIÇÕES DE RETÓRICA.....</b>	<b>47</b>
2.1	A GÊNESE DA RETÓRICA E A VISÃO DE ARISTÓTELES.....	47
2.2	OS ESTUDOS DE CHAÏM PERELMAN E A NOVA RETÓRICA.....	52
<b>3</b>	<b>CONCEPÇÕES DE ARGUMENTAÇÃO.....</b>	<b>55</b>
3.1	LÍNGUA E ARGUMENTAÇÃO NA VISÃO DE OSWALD DUCROT.....	55
3.2	O FUNCIONAMENTO DA ARGUMENTAÇÃO EM CHAÏM PERELMAN.....	57
<b>4</b>	<b>FENÔMENOS DA PRAGMÁTICA NAS AÇÕES RETÓRICAS DO GÊNERO MEME.....</b>	<b>61</b>
4.1	ATOS DE FALA (AUSTIN).....	61
4.2	MÁXIMAS E IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS (GRICE).....	64
4.3	GÊNERO TEXTUAL COMO AÇÃO RETÓRICA (BAZERMAN).....	66
<b>5</b>	<b>ANÁLISES DE MEMES.....</b>	<b>71</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano, em muitos momentos de sua vida, já teve inúmeras oportunidades de manifestar sua opinião sobre algum assunto; não apenas para expor o que pensa, mas para que seus ouvintes se convençam de que sua opinião é razoável e verdadeira para ser aceita. Semelhantemente a isto, o ser humano pode se utilizar de algumas estratégias para que outra pessoa faça o que ele quer, ou seja, que a outra pessoa seja convencida ao ponto de agir conforme a vontade de outrem.

A Constituição Federal, no artigo 5º, parágrafo IV diz que aos cidadãos brasileiros é dado o direito da liberdade da manifestação do pensamento (BRASIL, 2018, p. 17). Essa livre manifestação pode ocorrer nas artes, no jornalismo, nas escolas, nos espaços públicos ou privados e nos mais diferentes locais de convivência social. Podemos afirmar que essa liberdade se fundamenta, principalmente, no conceito conhecido como democracia. É neste sistema de organização social que garantimos a diversidade de opiniões, críticas e pontos de vista. Acreditamos na democracia como o manto que protege a liberdade de expressão.

De acordo com Dahl (2012), a ideia de democracia surgiu na Grécia Antiga, em que as cidades antigas estavam fundadas na participação de todos os cidadãos em assembleia com o objetivo de tomar conjuntamente as decisões governamentais. O povo participava diretamente das decisões que deveriam ser tomadas para melhorar a vida em sociedade.

No pensamento político moderno, a democracia é vista em oposição às formas absolutistas e ditatoriais de governo. Através da Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988, entende-se que o estado democrático é concebido com o objetivo de garantir certos direitos fundamentais à cidadania, geralmente divididos em direitos civis, políticos e sociais. Um dos direitos civis é o que já mencionamos anteriormente: o direito à liberdade da manifestação do pensamento.

Essa liberdade, como Machado de Assis ([1892] 2017) escreveu, “não é surda-muda, nem parálitica. Ela vive, ela fala, ela bate as mãos, ela ri, ela assobia, ela clama, ela vive a vida” (p. 33). Ou seja, a liberdade está presente em nossa vida, e podemos usá-la de diversas formas. A liberdade é algo vivo em nós e devemos primar por esse direito constituído.

Contudo, sabemos que nem sempre foi garantido ao homem esse direito tão essencial para a vida em sociedade, que é a liberdade de expressão. Como exemplo, podemos citar a Santa Inquisição, também chamada de Santo Ofício. Ela era formada pelos tribunais da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) que perseguiam, julgavam e puniam severamente pessoas acusadas de se desviarem de suas normas de conduta e fé. A missão do Santo Ofício

era punir e aniquilar todo e qualquer contraditório aos preceitos apregoados pela ICAR. Os hereges, os que tinham e revelavam publicamente concepções diferentes das que a Igreja Católica Romana defendia, sofreriam punições severas, inclusive a ponto de serem queimados em praça pública.

Embora saibamos que ainda há muitos lugares no mundo onde não têm a liberdade de expressão em sua política<sup>1</sup>, alguns países mantêm a liberdade assegurada aos seus cidadãos. Muitas sociedades passaram a usar as palavras como forma de convencimento ao invés de armas.

Frente a isto, Fiorin (2017, p. 9) afirma que “a vida em sociedade trouxe para os seres humanos um aprendizado extremamente importante: não se poderiam resolver todas as questões pela força, era preciso usar a palavra para persuadir os outros a fazer alguma coisa”.

Nessa ideia democrática, todas as pessoas são livres para expressarem suas opiniões, inclusive opositor delas. O contraditório é algo saudável numa democracia. A partir do momento em que somos livres, esse direito também compreende àquelas ideias que divergem das nossas. A diversidade de opiniões faz parte da democracia.

Machado de Assis, no Diário do Rio de Janeiro, no ano de 1864, critica uma democracia disfarçada e exalta o que para ele seria a verdadeira democracia; para o escritor: “é uma santa coisa a democracia – não a democracia que faz viver os espertos, a democracia do papel e da palavra – mas a democracia praticada honestamente, regularmente, sinceramente” (p. 55). Desta forma, o escritor brasileiro critica uma democracia apenas no papel, da qual os espertos se aproveitam. Em contrapartida, Machado exalta a democracia que é exercida pela sinceridade e honestidade daqueles que usufruem deste direito constitucional.

A democracia exercida com sinceridade e honestidade pode proporcionar debates saudáveis e conclusões coerentes com a realidade dos fatos. Para chegar a esses resultados, a pessoa que se utiliza da palavra (o que chamaremos de orador) deve percorrer alguns caminhos para tentar convencer o outro. É neste âmbito que surge o estudo da Retórica, que inicialmente foi entendida como a arte do bem falar, de usar a linguagem em um discurso persuasivo. O intuito dos estudos retóricos, iniciados por Aristóteles, segundo Tringalli (1988), é o de não apenas servir para estudar como acontece a persuasão, mas munir o orador de estratégias para que ele seja persuasivo.

---

<sup>1</sup> Segundo a alarmante constatação feita pela Freedom House, organização não governamental (ONG) que monitora a liberdade pelo mundo, no relatório “Freedom in the World 2015”, países como República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Coreia do Norte, Arábia Saudita, entre outros, receberam nota máxima no quesito negativo de liberdade. A pesquisa estipulava nota 1 para os países livres, e nota 7 para os países não livres.

Sem poderes telepáticos e sem o uso da força, o homem percebe que suas palavras possuem alto poder de convencimento. Esta capacidade humana encontra espaço nos estudos de grandes filósofos, como Aristóteles, Platão, Perelman, entre outros.

Para que o orador consiga convencer, ele deve fazer uso de bons argumentos para que a partir destes o outro adote sua tese como verdadeira.

Evidentemente que o ser humano pode se utilizar das diversas formas de comunicação disponíveis para expressar suas ideias, opiniões e críticas. Os estudos retóricos tanto de Aristóteles quanto de Perelman focam a modalidade oral da Língua, mas suas ideias são tão fecundas que podemos refleti-las também no âmbito da modalidade escrita em que a persuasão pode ocorrer. Textos escritos, como artigo de opinião, artigo científico, teses de doutorados, e textos multimodais como as charges, as tirinhas, os cartuns têm como objetivo (cada um com suas especificidades) defender um ponto de vista, uma tese. E para isso, os seus produtores utilizam fortes argumentos para a almejada adesão dos leitores.

O homem pode manifestar suas ideias a partir da música, do poema, das notícias, dos artigos presentes em jornais e revistas, através das palestras, entre outros meios. Na internet, por sua vez, o homem do século XXI encontrou uma imensa liberdade que o possibilitou e facilitou a exposição de suas opiniões e críticas através de diversos gêneros textuais.

A internet veio como um meio importantíssimo para que pessoas manifestassem suas vontades e intenções comunicativas. Segundo aponta o último relatório Digital in 2018<sup>2</sup>, divulgado pelos serviços online Hootsuite e We Are Social, mais da metade da população mundial já conta com acesso à internet. De acordo com as duas companhias, somos mais de 4 bilhões de pessoas conectadas à rede, enquanto as estimativas mais recentes apontam para uma população global de 7,6 bilhões de seres humanos.

Falando em números específicos, o relatório constata que começamos 2018 com 4,021 bilhões de pessoas online (53% de todas as pessoas do planeta). Isto corresponde a um aumento de 7% em relação ao ano anterior. As redes sociais são utilizadas por cerca de 3,2 bilhões de pessoas (42% de todo o mundo).

Sobre o uso de aparelhos, um dado curioso é que os telefones móveis têm uma penetração maior do que as redes sociais digitais e até mesmo do que a conexão com a internet: eles são usados por 5,1 bilhões de indivíduos ao redor do globo (68% da população global). Além disso, quase todas as pessoas que usam redes sociais digitais o fazem também pelo smartphone: 2,9 bilhões de pessoas (39% da população mundial). Os dados desta

---

<sup>2</sup> O relatório completo em inglês pode ser acessado através deste link: <<https://wearesocial.com/blog/2018/01/global-digital-report-2018>>

pesquisa mostram um número bem significativo de pessoas no mundo que têm usado a Internet para interagir entre si.

Diante deste cenário, dificilmente encontraremos pessoas que não tenham alguma conta pessoal na internet, seja de *e-mail* ou de alguma rede social digital. Em seu livro *A Era do Hipertexto*, o linguista Xavier nos diz que aos poucos fomos inseridos no mundo ultra tecnológico. Provas disso são o uso de caixas eletrônicas, celulares e até mesmo os formulários preenchidos *on-line* para prestação de contas à Receita Federal. Isso nos leva a crer que “quase tudo ao nosso redor parece ter sido afetado pelo sistema tecnocientífico contemporâneo” (XAVIER, 2009, p. 22)

Com essa explosão sociotecnológica, o autor afirma que muitos saberes do ser humano são mudados ou melhorados, ou seja, valores e saberes que já se encontravam cristalizados são desafiados à revisão e/ou reformulação, principalmente os saberes ligados à produção de linguagem, informação e comunicação.

As diversas necessidades comunicativas do ser humano fazem com que novas formas de interação surjam. A internet por sua vez tem contribuído significativamente para a criação de novos modos para a comunicação, como as mensagens instantâneas, *e-mails*, vídeo-chamadas, entre outros. Além disso, com a chegada das redes sociais digitais, os usuários encontraram mais um espaço para veicularem seus mais variados textos, e assim interagir com o outro e com o mundo. Podemos dizer que se os usuários estão interagindo cada vez mais através do mundo digital, estão se utilizando de algumas práticas linguísticas que são próprias desse ambiente.

De acordo com Barton e Lee (2015), a partir do momento que o avanço tecnológico tomou grande espaço nas nossas vidas, houve grandes mudanças em todos os aspectos. As nossas atividades cotidianas, as práticas de trabalho e o mundo da aprendizagem são transformadas pelas tecnologias digitais.

Para comprovar essas mudanças, os autores usam alguns exemplos. O primeiro exemplo usado é o da fotografia, pois hoje ao invés de álbuns de fotos impressas, as pessoas tendem mais a compartilhar fotos com amigos e parentes na internet em sites de relacionamentos, como o Facebook e Instagram. Em nosso trabalho, outro exemplo usado pelos autores, recebemos muito mais *e-mails* do que cartas ou bilhetes. O que antes era impossível, hoje se tornou possível e muito prático, que é fazer reunião com pessoas que estão em lugares diferentes; o *Skype* (ou outros programas disponíveis em Whatsapp, Facebook) possibilita, através das vídeo-chamadas, a conversação “face a face” de pessoas que estão

distantes. Para isso, basta apenas ter algum programa computacional com essa função e conexão com a internet.

Ainda conforme Barton e Lee (2015), “é difícil encontrar uma área da vida que não tenha mudado. Pouco a pouco, as pessoas veem como absolutamente normal a transformação digital das atividades cotidianas” (p. 12). O que devemos destacar nestas mudanças que a tecnologia trouxe é que a vida contemporânea tem mudado em vários aspectos e isso impacta a linguagem e as práticas comunicativas. De acordo com os autores, “a linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e construção de sentidos” (p. 13). Eles ainda afirmam que ao mesmo tempo em que a linguagem afeta essas transformações, ela também é transformada por essas mudanças causadas pela tecnologia.

Entre outras práticas comunicativas, um exemplo de relevo são os Memes da internet. O conceito de Meme foi cunhado na biologia por Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta”, publicado em 1976. A partir de uma abordagem evolucionista, Dawkins compara a evolução cultural com a evolução genética, na qual o Meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas. Para o biólogo, o termo Meme serve para explicar o fenômeno de replicação de certas informações e ideias em nossa sociedade. Quando esse termo é usado no mundo virtual, Recuero (2009), autora que estuda o tema no Brasil<sup>3</sup>, concebe-o como algo que viraliza facilmente na rede, podendo ser uma foto, uma ideia, uma frase, uma expressão, entre outras manifestações.

Os usuários de redes sociais digitais, como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, conscientes de sua liberdade de expressão, produzem inúmeros Memes de acordo com algum tema específico ou geral. Observamos que muitos Memes produzidos contêm como intenção comunicativa comentar, opinar, argumentar, criticar algo de forma rápida, coerente, irreverente e criativa.

Vários assuntos ganham espaço na discussão na internet. Os usuários produzem Memes para discutir sobre questões políticas ou simplesmente de práticas corriqueiras. Dentro da variedade de temas, o que mais chama a nossa atenção são os Memes que tratam da discussão sócio-política. Os usuários, mesmo sem as credenciais de desenhista ou jornalista ou crítico político, lançam mão da criaticidade (criatividade + criticidade) e produzem seus

---

<sup>3</sup> O estudo de Recuero tem como base os estudos de Dawkins (2007) e Blackmore (2000). A autora promove uma taxonomia dos memes encontrados na internet. Recuero (2009) traça as características de memes encontrados em Weblogs, dentro de características já descritas por Dawkins: longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia.

Memes com intuito de criticar algum assunto específico que envolva a política e alguns problemas sociais<sup>4</sup>.

A partir do acesso a todo tipo de informações proporcionado pela Internet e suas redes sociais digitais, pelas quais qualquer um acha-se no direito de dizer o que pensa sobre os mais simples ou complexos temas e assuntos, esta pesquisa pretende analisar o Meme do ponto de vista da retórica-argumentativa. A utilização constante dos Memes em redes sociais suscita uma questão que direcionou nossa investigação, a saber: **Por que e como os sujeitos argumentam pelos Memes nas redes sociais?**

Como **hipótese**, este trabalho traz o pressuposto de que **os usuários de redes sociais estariam argumentando por meio de Memes como forma de expressão da sua criaticidade sagaz e bem humorada.**

Como objetivo geral, temos o de analisar o gênero Meme em sua dimensão retórica-argumentativa. Isto implica observar quais elementos linguísticos e multimodais são usados para revelar o posicionamento do produtor.

Como objetivos específicos, este trabalho almeja:

- a) descrever os elementos multimodais e linguísticos para entendermos como contribuem para a argumentação presente nos Memes; e,
- b) identificar os possíveis efeitos de sentido evocados pelos elementos multimodais e linguísticos presentes no gênero Meme para a compreensão/interpretação textual.

A coleta dos dados não se restringiu a alguma página em específico de uma rede social digital, visto que os Memes são uma prática de linguagem em comum, presentes em inúmeras páginas virtuais das variadas redes sociais, e produzidos por qualquer usuário.

Para um melhor entendimento da pesquisa, dividimos este trabalho da seguinte forma: no **Primeiro Capítulo**, há uma apresentação como a internet tem influenciado em nossa vida social, bem como o que permeia nossa interação via internet a partir da discussão sobre a multimodalidade presente nos gêneros digitais. Também fizemos uma intersecção entre a Charge, o Cartum e o Meme objetivando mostrar a novidade que a produção dos Memes traz para os sujeitos e o meio virtual.

No **Segundo Capítulo**, resenhamos teorias sobre retórica, com o intuito de mostrar uma revisão desses estudos, levando em consideração diferentes perspectivas de como estes

---

<sup>4</sup> Muitos temas podem ser visto no estudo dos Memes. Alguns exemplos que trazemos são os trabalhos de Chagas (2016), Junqueira (2016) e Jung (2011). O primeiro trata sobre a febre dos memes políticos; o segundo analisa os Memes como uma grande estratégia para o marketing digital; e a monografia escrita pelo último trata os Memes da internet como *serious business*, o qual busca compreender o que motiva um usuário a participar e a colaborar com a cultura dos memes.

temas foram e vêm sendo tratados ao longo do tempo. Vale justificar que escolhemos teorizar a partir de estudos da argumentação oral pela relação que pode se estabelecer com a multimodalidade presente no Meme, tendo em vista que a argumentação está condicionada por diversos meios, além da fala, por exemplo: a música, as expressões, as paisagens, etc.

Já no **Terceiro Capítulo**, apresentamos uma discussão em torno da noção de argumentatividade da língua. Nesta seção, aborda-se como a argumentação se faz presente em nosso cotidiano. Essa noção é discutida a partir das ideias de Oswald Ducrot (1998) e Chaïm Perelman e Tyteca (1999).

No **Quarto Capítulo**, há uma discussão sobre determinados fenômenos da Pragmática presentes às ações retóricas aplicadas ao gênero Meme. Para este capítulo, foram divididos três sub-tópicos importantes para a explanação. O primeiro sub-tópico apresenta as ideias defendidas por John Austin (1990), realçando-se que quando falamos não estamos apenas proferindo palavras, mas estamos agindo com palavras e através delas. É na palavra, tomada como penhor do falante, em que Austin fundamenta sua noção de atos de fala. Segundo o autor, quando falamos, manifestamos três dimensões de um mesmo ato de fala: o ato locucionário, o ilucucionário e o perlocucionário.

Por sua vez, no segundo sub-tópico deste capítulo, apresentamos o Princípio Cooperativo, as Máximas e Implicaturas Conversacionais de acordo com a proposta de Grice (1982). O autor defende a existência de um princípio de cooperação na interação humana. Junto à noção do princípio de cooperação, Grice diz que somos guiados a respeitar algumas máximas conversacionais, a saber: a máxima de qualidade, de quantidade, de relação e de modo. Todavia, Grice admite que tais máximas podem ser violadas, de acordo com as diversas intenções comunicativas do falante. Nosso intuito é descrever como as implicaturas conversacionais são importantes para a construção de efeitos de sentido nos Memes.

E, por fim, no terceiro sub-tópico, trazemos a visão de Charles Bazerman (2005,2011) no tocante aos estudos retóricos dos gêneros. Para este autor, gêneros são fatos sociais, fatos estes que são entendidos como ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala.

Foi no **Capítulo 5** que discutimos e avaliamos resultados de nossa investigação. A partir dos procedimentos metodológicos adotados para a coleta do *corpus*, selecionamos 10 Memes para nossa análise. Exatamente neste capítulo, destrinchamos como os fatores multimodais e linguísticos contribuem para a construção dos Memes, e também revelamos como a crítica-humorística é efetivada nos Memes escolhidos. O intuito desde capítulo foi

mostrar os Memes como veiculadores de críticas e opiniões sobre diferentes temas contemporâneos de modo leve e muitas vezes bem humorado.

Esta pesquisa se justificativa pela emergência e rápida proliferação dos Memes nas redes sociais digitais. Os usuários da Internet interagem bastante por meio dessas redes, o que possibilita uma vasta produção de novos gêneros. Todo pesquisador de linguagem, que se preocupa com novas formas de interação, deve lançar um olhar mais analítico, crítico e científico quantos aos fenômenos que ocorrem na Internet. Como nos sugere Marcuschi (2008, p. 202) o que deve ser feito é uma investigação sobre “qual a real novidade das práticas e não a simples estrutura interna ou a natureza da linguagem”. Daí a nossa pretensão em analisar os Memes em sua novidade estrutural e social quanto ao posicionamento de seus produtores.

Os Memes, por sua vez, são uma prática comum a milhões de usuários, como nos mostram os vários seguidores das inúmeras páginas do Facebook, Instagram e Twitter. cremos que o estudo do Meme, neste viés que escolhemos, é assaz relevante para a área da Linguística, uma vez que esta ciência se ocupa de explicar como significamos tudo a nossa volta por meio da linguagem. O Meme, com seus elementos linguísticos, nos pareceu um interessante objeto de investigação. Além dos elementos linguísticos encontrados, há imagens e até sons que constituem alguns Memes. Hoje, as mídias em geral mesclam cada vez as diversas semioses como texto, imagem e sons, obrigando a extrair sentido destas bricolagens semióticas.

Não apenas por seus aspectos constitutivos que os Memes mereceram destaque como objeto desta pesquisa, mas principalmente pelo teor crítico, criativo e humorístico que o permeia. Muitos usuários, realizando sua criaticidade, produzem Memes com o intuito de manifestar seu ponto de vista sobre algum tema de seu interesse. O que antes era restrito aos profissionais como jornalistas, cientistas políticos e desenhista, na produção das Charges e Cartuns, hoje o exercício da crítica pública pode feito por qualquer usuário que se interesse a produzir Memes, e por meio deles, expresse sua opinião mesclando texto + imagem + som com boa dose humorística.

### **Procedimentos metodológicos adotados**

Vejamos agora a trajetória metodológica que guiou esta pesquisa. É importante deixar claro que essa trajetória foi flexibilizada, pois, no caminho, tivemos alguns imprevistos.

Nesta seção, desenvolveremos como se caracteriza esta pesquisa, como foi feita a seleção dos dados, bem como a delimitação do universo que trabalhamos e quais procedimentos foram seguidos para que pudéssemos alcançar os nossos objetivos.

No que diz respeito à caracterização da pesquisa, podemos dizer que ela se insere na perspectiva descritivo-qualitativa de cunho interpretativo. Isso porque nos utilizamos de teorias que tratam da forma como os indivíduos se utilizam da linguagem para se posicionarem de forma argumentativa. Assim, privilegiamos, nos procedimentos analíticos, a descrição detalhada dos dados, sem uma maior preocupação com a quantificação. Esta pesquisa, desse modo, foi estritamente bibliográfica e qualitativa, porque se trata de uma “investigação cuja resposta é buscada em informações contidas em materiais gráficos” (XAVIER, 2010, p. 48) e qualitativa porque trabalha com descrições, comparações e interpretações.

A coleta dos dados foi realizada entre os anos 2017 e 2018 a partir de duas redes sociais digitais: Facebook e Instagram. Como essas redes de relacionamento apresentam inúmeras páginas de interação, deixamos claro que o universo deste trabalho de pesquisa não foi limitado a alguma em específico, pois julgamos que o Meme se trata de uma prática de linguagem comum entre os usuários, que ultrapassa os limites de qualquer página na *web*. Como prova disto, há (além do Google, onde o usuário pode pesquisar por inúmeros Memes) aplicativos destinados exclusivamente para a divulgação de Memes, como por exemplo, o aplicativo *Pack de Memes*, que já soma até então mais de 100 mil downloads; o aplicativo *Botão de Memes*, que já soma mais de um milhão de downloads, entre tantos outros *apps* disponibilizados no *Google Play*.

Para deixar mais claro, é importante destacar que o Facebook e Instagram permitem o acesso a uma grande quantidade de práticas de interação e, dessa maneira, selecionamos os dados a partir das publicações existentes no chamado *feed* de notícias. Evidentemente, algumas páginas destas redes sociais publicam Memes que nos interessam aqui e outras não, com isso fizemos uma pesquisa em algumas páginas que pudessem nos oferecer Memes que obedecessem aos nossos critérios de análise. Apenas escolhemos os Memes quem traziam a temática política em sua composição. Mesmo sem focar em página específica, por entendermos os Memes como uma prática já corriqueira, começamos a acompanhar algumas

páginas do Facebook como: Corrupção Brasileira Memes e South América Memes, e outras páginas no Instagram, como: @corrupcaobrasilmemes e @corrupcaobrmemes.<sup>5</sup>

Como a produção de Memes é muito intensa e volumosa, escolhemos como critério primeiro apenas aqueles que de alguma forma abordassem tema de interesse público. Evidentemente que alguns Memes trazem críticas a alguns políticos em específicos, daí sua temporalidade, contudo, como critério segundo, optamos por escolher para análise apenas os Memes que abordassem assuntos mais gerais possíveis, como a política e problemas sociais vigentes.

Como dito acima, a coleta foi realizada ao longo dos anos de 2017 e 2018; com isso, estipulamos uma amostra ampla de 100 Memes que criticassem de forma humorística qualquer assunto. Depois, a partir dos critérios explicitados acima, selecionamos 70, que foram os Memes que, de forma diferenciada, abordaram temas diferentes. Depois decidimos minimizar para 30, pois os julgamos como mais sofisticados por usarem a imagem e o refino da escrita em sua composição, ao observar apenas os Memes que falassem de temas mais gerais como corrupção, alguns outros temas sociais e algumas atitudes humanas. E para o *corpus* aqui apresentado, escolhemos apenas 10 Memes, pois os julgamos como representativos para a análise em sua dimensão retórica-argumentativa. Buscamos observar quais elementos linguísticos e multimodais são usados para expor o posicionamento do produtor do Meme.

Todos os Memes escolhidos, tanto os da amostra ampla quanto da amostra restrita analisada foram capturados a partir de um mecanismo presente nos *smartphones* que se chama *screenshots*, que significa capturar (como fotografia) uma imagem qualquer. Também é possível gravar a tela de uma imagem exibida no computador através da tecla *Print Screen*. Contudo, usamos apenas o mecanismo do *smartphones* por nos parecer mais prático operacionalmente.

Optamos em fazer a análise em pares de Memes por julgarmos semelhanças tanto na estruturação quanto no tema discutido. A partir disso, vamos analisando-o por descrição e revelação sobre como o Meme foi estruturado a partir das imagens e frases que aparecem em sua constituição. Duas características foram observadas nos Memes e guiaram a nossa coleta e

---

<sup>5</sup> As páginas do *Facebook* “Corrupção Brasileira Memes” conta com mais de um milhão de membros – membros são as pessoas que curtem a página - e a página “South América Memes” conta com mais de 405 mil membros. Já as páginas no *Instagram*, a @corrupcaobrasilmemes já soma mais de 28 mil seguidores, e a página @corrupcaobrmemes já tem, até o momento, mais de 100 mil seguidores. Esses dados nos mostram que milhares de usuários estão inseridos nesse universo digital, e como essas páginas produzem Memes que se utilizam do humor, da crítica e da criatividade para manifestar suas diversas intenções, elas nos foram bastante úteis para a realização desta pesquisa.

análise: 1) os Memes que se utilizam da ideia da comparação (em que alguns fatos são comparados com intuito de denunciar a contradição humana), e, 2) os Memes que surgem em outras mídias e migram para a internet.

Organizamos nossa análise da seguinte forma: a) primeiro apresentamos os Memes; b) depois apresentamos o contexto em que a produção do Meme ocorreu; c) em seguida, fizemos a aplicação das categorias de análise verificando, primeiramente, os elementos linguísticos-enunciativos, e depois, os elementos visuais, a fim de mostrar como a multimodalidade contribui para a expressão da intenção dos produtores de Memes. Esclarecemos que, em alguns Memes, fizemos as análises dos elementos visuais/multimodais juntos com os elementos linguístico-enunciativos, pois julgamos isso oportuno pela necessidade de analisá-los de forma simultânea. Se separássemos, ficaria uma descrição muito repartida, o que prejudicaria nossa análise e objetivos pretendidos.

### 1.1 A INTERNET E A MULTIMODALIDADE: *REVOLUÇÃO NAS PRÁTICAS SOCIAIS*

Neste capítulo, pretendemos deixar claro a importância e o alcance da internet, bem como sua força de sociabilidade e interação comunicativa humana.

A internet, podemos perceber, trouxe vários benefícios para a interação humana, e essa interação é permeada de textos que possuem em sua composição a multimodalidade. Desse modo, podemos deduzir que a internet é um enorme criadouro de novas interações através de novos textos, que chamamos aqui de gêneros emergentes ou digitais, conforme Marsuchi (2004; 2008) os classifica; textos esses que não apenas se tornaram objetos de estudos, como merecem mais pesquisas dada sua emergência e novidade na comunicação virtual.

Como o objeto de estudo desta pesquisa é o Meme da internet, faremos, no terceiro subtópico deste capítulo, uma análise sobre a interseção que enxergamos entre este gênero com a Charge e o Cartum. Partimos do pressuposto de que o Meme não surgiu do nada, mas pode ter amparo em gêneros já existentes como os dois acima citados. Mostraremos o fator novidade deste novo gênero no que se refere à autoria em termos de crítica criativa e bem-humorada.

### 1.2 O *BOOM* DA INTERNET NO MUNDO E NO BRASIL

A vida em sociedade exige mudanças que se fazem necessárias à existência humana. A fim de fazer o homem evoluir, foram-se criando tecnologias diversas que se tornaram

eficientes à socialização e comunicação interpessoal, como a escrita e a internet, por exemplo. A primeira teve sua evolução na linha do tempo: desde as primeiras inscrições rupestres à criação dos sistemas de escrita complexos; e a segunda caminha a passos largos, encurtando pontos distantes e trazendo mais dinamismo às relações humanas.

De acordo com Xavier (2009, p. 30), assim como o alfabeto teve sua influência nas práticas sociais, o surgimento do digital possibilitou a mudança nas formas de comunicação (oral, escrita, visual) que altera as práticas sociais interacionais, e principalmente como os sujeitos usam a linguagem. Um ponto fulcral com o surgimento do digital foram as mudanças e transformações que as práticas languageiras obtiveram.

Estamos vivendo num mundo extremamente tecnológico, em que mais da metade da população mundial tem acesso à internet, conforme o recente relatório divulgado pela Digital in 2018, divulgado pelos serviços online Hootsuite e We Are Social. De acordo com as duas companhias, somos mais de 4 bilhões de pessoas conectadas à rede, o que equivale a 54% de toda população mundial.

Segundo dados do Digital in 2018, mais de 60% da sociedade brasileira tem *smartphones*. O uso deste aparelho é bem maior do que o acesso à internet e às redes sociais digitais. Atualmente, metade do tráfego da web mundial vem de telefones celulares e smartphones, isto porque aumenta constantemente o uso de redes sociais via mobile. 85% dos internautas acessam a internet diariamente, em uma média, 9 horas e as maiores redes sociais digitais no Brasil são WhatsApp, Facebook e Youtube respectivamente.

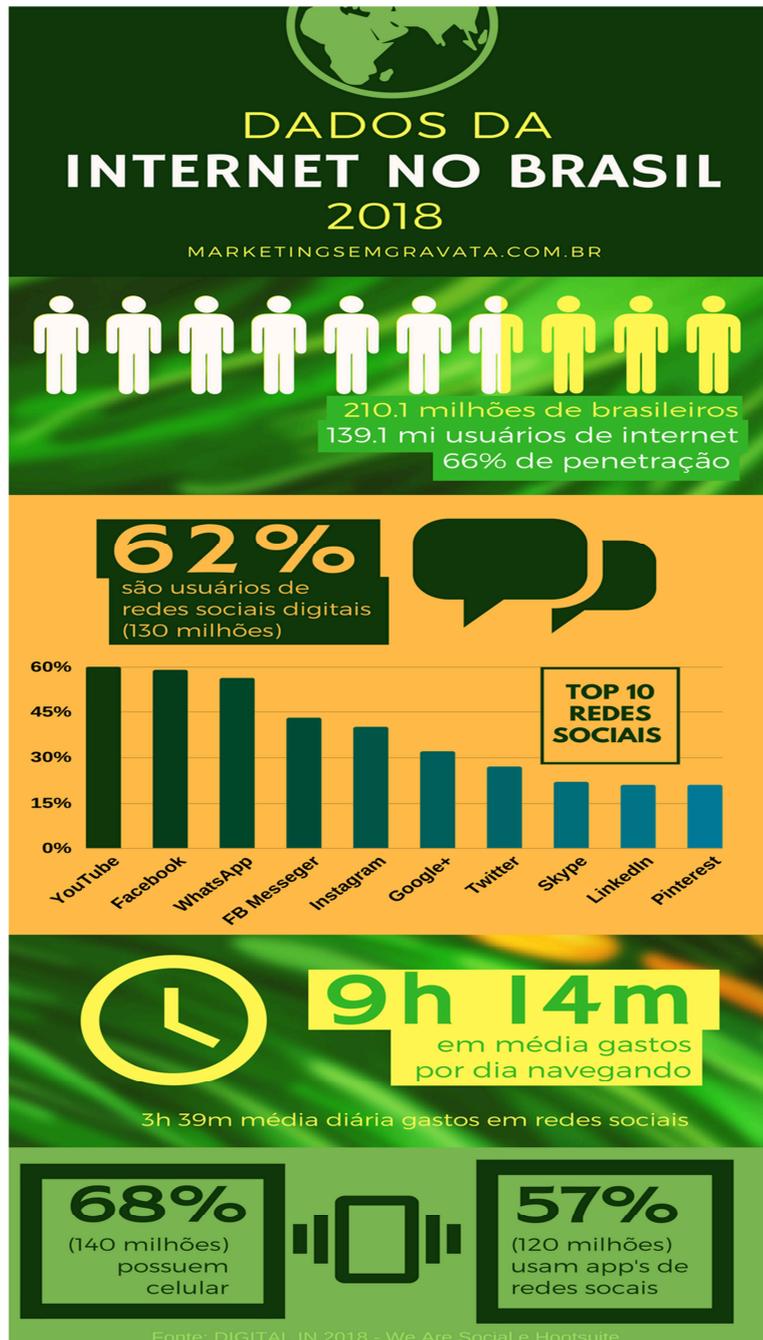
Essas informações nos revelam que brasileiros e pessoas do mundo todo estão cada vez mais inseridas no mundo digital. Por isso, muitos comportamentos sofreram transformações: comprar pela internet, postar textos, compartilhar fotografias, vídeos, interagir por vídeo-chamada, enviar mensagens instantaneamente etc.

Para melhor compreensão das informações e dos dados veiculados pela Digital in 2018, abaixo apresentamos dois infográficos<sup>6</sup> que revelam como usuários no Brasil, e no resto do mundo, estão se comportando no novo oceano digital.

---

<sup>6</sup> Os dois infográficos utilizados nesta parte do trabalho estão disponíveis no site: <<https://marketingsemgravata.com.br/dados-da-internet-no-brasil-em-2018/>>. Acesso em 19 nov. 2018

Imagem 1 - Infográfico 1



Fonte: <https://marketingsemgravata.com.br/dados-da-internet-no-brasil-em-2018/>

Outro dado importantíssimo para entendermos como a internet vem influenciando nossa vida cotidiana é o crescimento do e-commerce, ou seja, das compras realizadas pela grande rede mundial de computadores. O número de pessoas que fazem compras *on-line* cresceu muito. O infográfico abaixo nos ajuda a entender os dados:

Imagem 2 - Infográfico 2



Fonte: <https://marketingsemgravata.com.br/dados-da-internet-no-brasil-em-2018/>

Diante dessas informações, fica claro perceber que as pessoas estão cada vez mais utilizando os benefícios de conforto e praticidade oferecidos pelos serviços realizados on-line. A partir do momento em que muitas pessoas estão conectadas, elas passam a interagir mais, logo as mudanças de hábitos e comportamentos são inevitáveis. Uma dessas mudanças é a forma como as pessoas usam a linguagem. Por ela ser o centro das atividades humanas (BARTONI e LEE, 2015), na internet, ela também passou e passa por transformações que

merecem atenção e discussão de linguistas e outros pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento humano.

De acordo com Xavier e Marcushi (2010) na apresentação do livro *Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido*, a linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais. Ela é a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade humana. O advento da tecnologia digital, por exemplo, proporcionou o surgimento de vários gêneros. Marcushi (2010), neste mesmo livro, analisa alguns gêneros emergentes para identificar o que há de novo neles. O autor conclui que “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros suportes, tanto na oralidade como na escrita” (p.15).

Alguns gêneros surgiram com a chegada da internet para atender nossas intenções e emergências comunicativas. Séculos atrás, por exemplo, a forma que o homem havia criado para se comunicar com alguém que estivesse muito distante era através da carta, o que exigia portador e levava muito tempo até chegar ao seu destinatário. Se fosse caso de urgência, a carta deveria chegar rapidamente ao destino, caso contrário seria tarde demais. A internet, por sua vez, mudou essa comunicação à distância porque a encurtou, e através de um e-mail ou vídeo-chamada ou mensagem instantânea no Whatsapp, a mensagem chega instantaneamente ao destinatário.

Não somente novos gêneros surgiram como o e-mail, o blog, entre outros, mas também a maneira como se apreende as informações veiculadas neste novo ambiente de comunicação sofreu transformações, em razão do novo modo de organizar os textos na tela digital. Sobre esse assunto, Xavier (2009) chama-nos a atenção para a importância de se discutir nesta sociedade tecnológica-digital a noção de hipertexto. Para o autor, o hipertexto se apresenta como uma forma alternativa de: abordar dados (perceptíveis verbal, visual e/ou auditivamente), de construir informações, comunicá-las e compartilhá-las de maneira rápida, prática e eficaz.

Como dissemos acima, o surgimento do digital possibilitou a mudança nas formas de comunicação (oral, escrita, visual), o que altera as práticas sociais de uso das linguagens pelos sujeitos.

Num dos tópicos do primeiro capítulo de seu livro *A Era do Hipertexto*, Xavier (2009) aborda a relação entre o hipertexto e a pós-modernidade. Discutindo a noção de pós-modernidade, o autor diz que é somente na década de 1970 que o termo se destacou com o

alto desenvolvimento das ciências, surgindo assim a tecnociência, que possibilitou um avanço considerável entre tecnologia e ciência.

Um dos pontos discutidos pelo autor é sobre a pluralidade que o pós-modernismo nos trouxe. Citando o filósofo Lyotard, Xavier explica que a diversidade é a condição constitutiva da corrente pós-moderna. E isso, diga-se de passagem, constitui também um grande desafio para os sujeitos pós-modernos, uma vez que “se abre espaço para a ‘alteridade’ irrestrita, para o pluralismo total e para a valorização das vozes antes consideradas ‘dissonantes” (XAVIER, 2009, p. 35).

Partindo disso, concordamos com o autor sobre a urgência de uma emergência da chamada “enunciação digital”, uma vez que o hiperleitor é desafiado a lidar com uma variada gama tecnológica, cheia de botões, links, janelas, sinalizadores, etc., e por isso é levado à descentralização de ideias e à pulverização de opiniões. Por que ocorre esta descentralização? Porque um centro articulador, organizador de ideias e narrativas já não mais existe na sociedade pós-moderna. O que existem, então, são diferentes caminhos a serem percorridos.

Diante do quadro tecnológico presente na rede de computadores, os hiperleitores são levados a ler, selecionar dados e interpretá-los de maneira rápida, prática e eficaz. Frente a isto, o hipertexto proporciona um modo de enunciação amalgamado, multissensorial. A partir da discussão, somos levados pelo autor a compreender e aceitar que é dessa forma que a pós-modernidade com sua visão plural e multidimensional se relaciona com o hipertexto e seus hiperleitores pós-modernos.

Concordando com as mudanças provocadas pela nova organização hipertextual de linguagens na tela digital cuja consequência fora a criação de novos gêneros comunicativos, Thomas Erickson (1997, p. 4) afirma que: “a interação *on-line* tem o potencial de acelerar enormemente a evolução dos gêneros”. Esses gêneros surgiram com características muito similares às dos gêneros já existentes. O que sabemos é que na internet muitas transformações ocorreram e os gêneros textuais, agora chamados digitais, não poderiam fugir ao processo de transformações patrocinadas pela tecnologia digital.

### 1.3 A MULTIMODALIDADE NOS GÊNEROS DIGITAIS

Como falamos acima, a tecnologia nos proporcionou algumas mudanças na sociedade: a linguagem teve transformações, gêneros emergentes surgiram para atender às necessidades comunicativas dos usuários, e a maneira de leitura na tela digital, através do hipertexto, nos

chama a atenção para a liberdade de construção de sentidos do hiperleitor, conforme ele clique nos links sugeridos na *webpage*.

Marcushi (2004) falando sobre o ambiente digital, diz que muitos gêneros surgem neste meio. Esses gêneros emergentes não surgem como algo inédito, mas se amparam em gêneros já existentes. De acordo com o autor: “os gêneros emergentes nessa nova tecnologia digital são relativamente variados, mas a maioria deles tem similaridades em outros ambientes, tanto na oralidade quanto na escrita” (MARCUSCHI, 2004, p. 13).

É evidente que, num contexto de constantes avanços tecnológicos, é possível perceber que os gêneros e as práticas sociais de linguagem vêm se modificando e incorporando vários recursos semióticos, tornando-se assim cada vez mais multimodais. Segundo Vieira e Silvestre (2015), a multimodalidade pode ser entendida como a combinação de diferentes recursos semióticos para a criação de um evento comunicativo. Isto é, textos multimodais são aqueles que articulam recursos de escrita (fonte, tipografia, cor), som (palavras faladas, músicas), imagens (desenhos, fotos, imagens em movimento ou estáticas), gestos, movimento, expressões faciais, dentre outras formas de linguagem, para que as interações sociais aconteçam. Assim, todos os recursos semióticos empregados, compreendidos como modos de enunciação (visual, sonoro, gestual etc.), contribuem para a tessitura dos textos e para a construção de sentido pelo o leitor.

Dionísio defende que,

Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para a divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações (DIONÍSIO, 2005, p. 115).

A partir do uso que fazemos das múltiplas semioses, configuramos nossas relações a partir da mescla das várias linguagens que fazem parte da nossa interação social. Na internet, por exemplo, a mescla de diferentes linguagens possibilita aos usuários um ambiente bastante dinâmico e diversificado. Além disso, conforme nos explica Marcushi, gêneros estão emergindo no ambiente digital, o qual o autor os define como gêneros emergentes. Como todos os textos, os gêneros emergentes possuem características, e a multimodalidade marca seu lugar de destaque nesses gêneros.

O modo de enunciação digital, segundo Xavier (2009), possibilitou a presença marcante das múltiplas linguagens presentes a partir da união entre palavras, imagens, sons,

GIF's (vídeos curtíssimos sem áudios), que juntos podem produzir efeitos de sentidos inéditos de acordo com os contextos e intenção do produtor. Essa hibridização de semioses possibilita ao usuário expressar suas mais variadas intenções comunicativas com nuances e detalhes até então não expressos pela dimensionalidade dos modos de enunciação verbal e visual analógicos.

O homem sempre se utilizou diferentes formas de linguagem para expressar-se e interagir. Com o advento das novas tecnologias digitais, estamos utilizando simultaneamente os recursos semióticos (visuais), e, ao longo da nossa história social, cultural e política, é através desses recursos que “atribuímos sentido às realidades interior e circundante, interagimos e criamos os nossos textos” (VIEIRA, 2015, p. 7).

Nossa interação, a partir da linguagem verbal, é permeada também por outros sistemas de significação, como os gestos, as expressões faciais e corporais que juntas contribuem para produzir inúmeros significados. Nessa relação, a escrita constrói significados em contextos de situação e de cultura específicos. Para Vieira (*op. cit.*) “em suma: multimodalidade é a designação para definir a combinação desses diferentes modos semióticos na construção do artefato ou evento comunicativo” (VIEIRA, 2015, p. 8). Isto é, a utilização de diferentes recursos semióticos proporciona a multimodalidade presente em alguns gêneros, a fim de construir um evento comunicativo capaz de expressar as intenções dos usuários.

Vale salientar que a linguagem verbal continua tendo um papel central na vida das pessoas, e no âmbito da evolução das novas tecnologias,

têm sido integrados outros modos de comunicar, para além da linguagem verbal. Embora a linguagem verbal, na sua forma impressa, se tenha tornado uma forma privilegiada de veicular o conhecimento através dos tempos, nas últimas décadas, juntamente com o modo visual, este modo tem se convertido em co-modo. A palavra impressa no jornal, na revista, articula-se com a imagem ou com a fotografia; o livro escolar ou académico já não é apenas um texto constituído pela palavra escrita, mas um texto multimodal, em que a palavra escrita interage com gráficos, quadros, tabelas, desenhos, imagens, na construção de significados. Os produtores de texto fazem escolhas deliberadas relativamente ao uso dos modos de representação e a respetiva articulação de forma a construir os seus textos multimodais (SILVESTRE, 2015, p. 25).

Entendemos, a partir disso, que é a partir da interação entre diferentes modos semióticos que se fundamenta a noção de multimodalidade. Essa característica merece

atenção principalmente no ambiente digital<sup>7</sup>. De acordo com Xavier (2000, p. 5), “a fusão dos diversos recursos das várias linguagens numa só tela de computador [...] provoca um construtivo, embora volumoso, impacto perceptual-cognitivo no processamento da leitura”. Essa multiplicidade de linguagem numa só tela possibilita ao leitor uma série de leituras que deverão ser realizadas, como compreensão da imagens, do texto escrito, dos movimentos corporais, identificando a força significativa contidas em diferentes sons, diversas cores, gráficos e infográficos.

Para Kress e van Leeuwen (1996), introdutores do conceito de multimodalidade, é importante destacar que ela não diz respeito apenas às imagens estarem juntas ou atreladas às palavras, tendo em vista que abrange também a maneira como um texto se organiza em determinado contexto. Isto é, a multimodalidade é vista não apenas como a junção de diferentes semioses, mas como o texto está disposto graficamente. Dionísio (2005) também compartilha desta mesma ideia sobre multimodalidade. Para a autora, é importante deixar claro que, ao conceber os gêneros como multimodais, ela não está atrelando aos aspectos visuais meramente as fotografias, telas de pintura, desenhos, caricaturas, por exemplo, mas também a própria disposição gráfica do texto.

No que diz respeito à representação que as imagens fazem do mundo, os autores Kress e van Leeuwen dizem que as imagens não apenas representam a realidade, elas “produzem imagens da realidade” e, nesse sentido, não devem ser vistas apenas como meio para construir um conhecimento sobre fatos de uma cultura, mas funcionam para ajudar na compreensão de valores, crenças, práticas sociais da cultura alvo, pois são textos impregnados de sentidos “investidos” política e ideologicamente (FROW, 1985 apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 95) a serem desnaturalizados.

Tomando como referência a Gramática Formal, Kress e van Leeuwen sugerem uma Gramática do Design Visual, afirmando que o texto visual é uma mensagem organizada e estruturada em si mesma, “conectada ao texto verbal, mas de forma alguma dependente dele” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p.18). Segundo eles, os significados, expressos no modo verbal ou visual, atentam para suas especificidades e se realizam conforme suas marcas construídas cultural e historicamente.

Em comparação, os teóricos em questão propõem uma abordagem de textos visuais a exemplo de como funciona com os textos verbais: descrever a maneira como os elementos

---

<sup>7</sup>A dissertação de Pimentel (2014), ao estudar o processo de hibridização e agrupamento dos gêneros no *facebook*, fundamentado em Kress e van Leeuwen (1996), Stöckl (2004) e Dionísio (2005), concorda com a tese de que todos os gêneros são multimodais, mas defende que é nos gêneros digitais que essa característica mais se evidencia.

composicionais da imagem combinam o seu todo significativo a partir da sua própria gramática, tal como as unidades verbais são descritas em textos obedecendo a sua ordem sintática.

Sendo assim, o meio para representar algo, quer seja visual ou linguisticamente, afeta o significado. Na comunicação verbal, por exemplo, a expressão resulta da escolha de distintas classes de palavras ou estruturas de frases, enquanto na comunicação visual o conteúdo pode ser manifestado pelo uso de diferentes elementos composicionais, como ângulo ou estruturação, cores, para citar alguns (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Para justificar a consolidação da Gramática Visual, Kress e van Leeuwen (2006) destacam os seguintes fatores: o incremento do papel da comunicação visual em materiais didáticos, o avanço das novas tecnologias – como os softwares, cada vez mais acessíveis a indivíduos não especialistas no manuseio e na manipulação de imagens – e o fenômeno da globalização, pois, ao mesmo tempo em que constrói representações semióticas, conforme uma complexa rede de especificidades atribuídas a um povo, demanda um entendimento generalizado acerca de seus efeitos semióticos devido à rápida veiculação e consumo dessas representações.

Ainda sobre o assunto da multimodalidade, Dionísio (2007), ao definir o texto multimodal, concebe-o como um processo de construção textual ancorado na mobilização de distintos modos de representação. Isso remete não apenas aos textos escritos, mas também aos orais. Diante dessa concepção, a multimodalidade abarca não só a linguagem verbal escrita, como também outros registros, tais como: a linguagem oral e gestual. É importante destacar que a modalidade na fala da referida autora abarca “palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografia, palavras e sorrisos, palavras e animações etc.” (p. 178).

Nesse contexto, o texto multimodal consiste em uma construção textual estabelecida na conexão/união de elementos advindos dos diferentes registros da linguagem. Os textos multimodais mais conhecidos são os que estão pautados na união de elementos alfabéticos e imagéticos (leia-se linguagem verbal escrita e visual, respectivamente). Sobre tal conceituação, podemos mencionar a título de exemplificação: os anúncios, os cartuns, as charges, as histórias em quadrinhos, as propagandas, as tirinhas, os Memes da internet, etc. Tais gêneros trazem consigo a materialização de signos alfabéticos (letras, palavras e frases) e signos semióticos (imagéticos e visuais). Ou seja, esses gêneros têm sua construção materializada mediante múltiplas e diversificadas semioses.

A forma que a multimodalidade contribui para a expressão da crítica das pessoas que dela se utilizam pode ser observada em gêneros como a Charge, a Tirinha, o Cartum. A título de exemplo, tomemos a dissertação de mestrado defendida por Cavalcanti (2001) na Universidade Federal de Pernambuco. Neste trabalho, a autora analisa como a multimodalidade contribui para a manifestação da criticidade de alguns produtores de charges. Para a autora, sendo a nossa sociedade cada vez mais interessada pelas imagens, os meios semióticos possibilitam a manifestação crítica do produtor a partir da junção da imagem e da palavra. Contudo, algumas charges podem se apresentar sem palavras, apenas com a imagem, todavia a intenção comunicativa é transmitida satisfatoriamente.

A característica multimodal, como já dissemos acima, não é própria do ambiente digital. Outros gêneros possuem em sua constituição a multimodalidade. São os casos da Charge, do Cartum, da tirinha, das Histórias em Quadrinhos, etc. Por causa disso, no tópico a seguir, abordamos sobre a intersecção que enxergamos entre a Charge, o Cartum e o Meme<sup>8</sup>. Esta parte do trabalho é importante porque encontramos características muito parecidas entre esses três gêneros. Nosso intuito é o de mostrar o que tem de novo na produção do Meme da internet frente aos dois gêneros aqui comparados.

#### 1.4 CARACTERIZANDO O MEME DA INTERNET

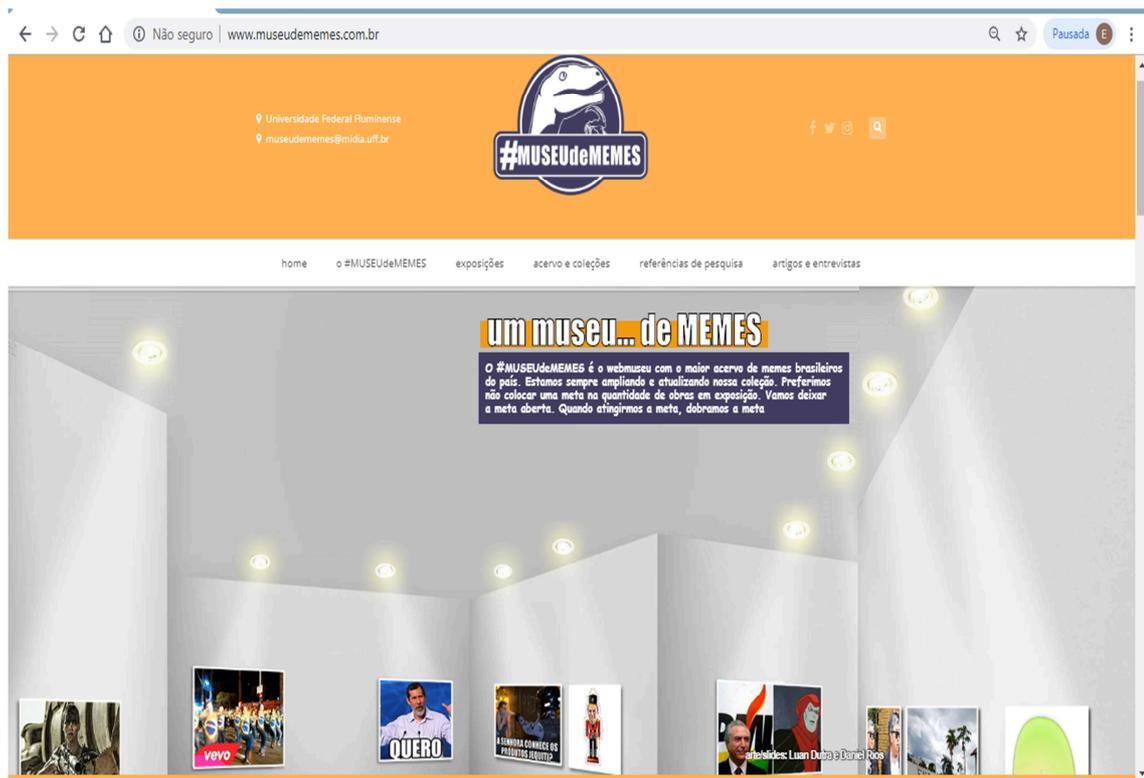
Antes de apresentarmos conceitos e características do Meme, achamos relevante apresentar algo bastante representativo que envolve o universo dos Memes. Por causa da sua imensa repercussão entre usuários da internet e na sociedade brasileira, a Universidade Federal Fluminense decidiu criar um museu virtual de Memes. Além de selecionar e disponibilizar inúmeros Memes já veiculados na Internet, o Museu oferece um grande acervo de trabalhos acadêmicos voltados à temática<sup>9</sup>. Abaixo podemos ver a página inicial do Museu que pode ser acessada a partir do site <[www.museudememes.com.br](http://www.museudememes.com.br)>

---

<sup>8</sup> Embora não seja nossa intenção desenvolver este assunto, achamos assaz relevante mencionar a pesquisa de mestrado realizada por Idjane Macêdo. Segundo a autora, o Meme seria uma reelaboração do gênero Charge. Achamos que essa observação só tem a enriquecer na discussão sobre os gêneros emergentes, tal como nos aponta Marcuschi (2008).

<sup>9</sup> Tomamos o termo Meme nesta parte do trabalho como temática porque o Museu traz pesquisas das mais diversas áreas do estudo científico acerca do tema. Logo, o termo Meme não é exclusivo da internet. Pesquisas como as de Dawkins (1976), Blackmore (1999) e outros tratam deste termo pelo viés do estudo da biologia, outros estudos tratam o mesmo termo pelo viés da Neurociência, como a tese de doutorado de Carolina Pereira de Moraes (2009).

**Imagem 3** - Página da *web* do Museu de Memes



Fonte: <https://museudememes.com.br>

Nesta página inicial podemos ver links que direcionam o visitante a conhecer o museu. Na aba “o #MUSEUdeMEMES”, o visitante tem seis opções para conhecer o Museu e justificativas para sua existência. Na aba “exposições”, o visitante tem acesso a uma vasta exposição de Memes, bem como acesso a atividades e grupos de estudos realizados pelos organizadores do museu. No link “acervo e coleções”, o visitante do museu pode pesquisar os Memes através da caixa de busca, bem como tem a oportunidade de enviar doações para o museu. No link de “referências de pesquisa”, por sua vez, tem-se o acesso a todas as pesquisas que os organizadores encontraram. De acordo com informações do próprio museu, a coleta, monitoração e organização começaram em 2011. Desde então, o projeto do museu organiza em seu acervo referências bibliográficas relacionadas ao universo da pesquisa acadêmica sobre memes, comunidades virtuais, e conteúdos gerados por usuário (UGC). Livros, capítulos de livro, artigos publicados em periódicos ou em anais de congressos científicos, teses, dissertações ou monografias, fontes eletrônicas e textos inéditos também compõem um acervo de mais de 900 peças.

Abaixo mostramos alguns dados coletados (até o ano de 2017) destes registros das referências bibliográficas:

**Imagem 4 - Referências bibliográficas sobre os Memes**



Fonte: <https://museudememes.com.br/referencias>

Os dados apenas aparecem quando o visitante vai navegando com o *mouse* por cima dos indicadores. A tabela abaixo nos ajuda a conhecer os números de acordo com o tipo de publicação.

**Tabela 1 - Os tipos de publicações sobre os Memes**

Tipo de publicação	Quantidade
Livros	36
Teses, Dissertações ou Monografias	128
Artigos publicados em periódicos	543
Artigos publicados em anais	236
Capítulos de livro	39
Artigo inédito (preprint)	31
Outros	23

Fonte: <https://museudememes.com.br/referencias>

Outros dados revelados pelo Museu são os dados referentes a publicações por área temática. Podemos perceber, na tabela abaixo, a presença de várias áreas de estudo. O site do museu nos indica 11 áreas em que foram coletadas pesquisas em torno da temática Memes.

**Tabela 2** - Áreas temáticas que já estudaram os Memes

Por área temática	Quantidade
Comunidades Virtuais e Subculturas	187
Estética, Design e Cultura Popular	98
Internet e Política	328
Marketing e Consumo	39
Media, Literacy e Educação	67
Psicologia, Subjetividades e Cognição	49
Redes Sociais, Contágio e Difusão	87
Sociobiologia e Filosofia	51
Sociologia dos Afetos e Emoções	37
Teoria da Narrativa e Linguagem	101
Outros	5

Fonte: <https://museudememes.com.br/referencias>

Podemos concluir destes dados divulgados pelo Museu dos Memes que os Memes ganharam tamanha visibilidade não apenas entre os usuários, mas também entre pesquisadores das mais diversas áreas de estudo.

Como já tínhamos mencionado, o conceito de Meme foi cunhado na biologia por Richard Dawkins, em seu livro “O Gene Egoísta”, publicado em 1976. Este autor, a partir de uma abordagem evolucionista, compara a evolução cultural com a evolução genética, em que o Meme é o “gene” da cultura, que se perpetua através de seus replicadores, as pessoas. Para o biólogo, o termo Meme serve para explicar o fenômeno de replicação de certas informações e ideias em nossa sociedade.

O autor elabora sua ideia de Meme a partir da descrição de três características, a saber: longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia. Sobre a característica da **longevidade**, o autor diz que: essa característica diz respeito à capacidade que o Meme tem de permanecer ao longo do tempo, isto é, de ele possuir resistência para sobreviver por um extenso período, favorecendo, assim, o surgimento de muitas cópias. Já sobre a característica da **fecundidade**,

o autor explica que estaria relacionada à capacidade que um determinado Meme tem de produzir cópias de si mesmo. E, por último, sobre a característica da **fidelidade de cópia**, Dawkins explica sobre a possibilidade de os Memes descendentes terem um alto grau de semelhança com o Meme original.

Mais tarde em 1999, Susan Blackmore deu maior abrangência ao conceito, no livro *The Meme Machine*. Nesta obra, Blackmore afirma que "um meme é uma ideia, comportamento, estilo ou uso que se espalha de pessoa para pessoa dentro de uma cultura" (BLACKMORE, [1999] 2000, p. 65 *apud* Dias *et. al.* (2005)). Por essas razões, é possível destacar que os Memes são, de fato, o que nós, consciente ou inconscientemente, aprendemos por meio da imitação. Pois assim, ainda de acordo com Blackmore,

[...] quando você imita alguma outra pessoa, algo é passado adiante. Este 'algo' pode então ser passado adiante novamente, e de novo, e assim ganhar vida própria. Podemos chamar esta coisa uma ideia, uma instrução, um comportamento, uma informação... mas se nós vamos estudá-la precisamos dar a ela um nome. Felizmente, há um nome. É o 'meme'. (BLACKMORE, [1999] 2000, p. 4).<sup>10</sup>

Memos são, para Blackmore ([1999] 2000) e Dawkins ([1976] 2007), replicadores de ideias e usam desta característica para evoluir de acordo com a cultura. Contudo, Dawkins afere aos "memes" uma característica de replicação individual com forte influência humana. De acordo com ele, os memes se disseminam entre cérebros – levando consigo o fator evolutivo cultural – assim como os genes se replicam de um corpo a outro, levando características físicas.

A partir destas noções, podemos, de acordo com Recuero (2009), entender o porquê dos memes da internet terem esse nome. A autora aborda o conceito e características dos memes da internet a partir das noções abordadas por Richard Dawkins (1976) e Blackmore ([1999] 2000). Ela reformula a tríade hereditariedade, variação e seleção, adaptando-a para os memes. Sendo assim, a longevidade é a habilidade do meme de sobreviver no tempo, a fecundidade refere-se a seu caráter replicador (gerando cópias), a fidelidade remete ao quão semelhante o meme é do conteúdo original, e, por fim, Recuero (2009) complementa com a variável de alcance do meme na rede.

Da mesma forma, é possível observar o comportamento dos memes na Era Digital e explicar sua repercussão nas redes sociais, já que, conforme Lévy (1999), neste ambiente

---

<sup>10</sup>Tanto as traduções das citações de Richard Dawkins quanto as de Blackmore foram realizadas pelo trabalho de Dias *et. al.*(2015)

digital, os conteúdos são propagados tão facilmente devido à liberdade de acesso e às inúmeras opções de interatividade que o usuário tem disponível. Dizendo de outra forma, em razão da liberdade de acesso, liberdade de expressão e alta interatividade, os Memes da Internet constituem-se e propagam-se com enorme abrangência.

Além desses conceitos e características do Memes que apresentamos acima, vale salientar dois aspectos relevantes que alguns autores abordam sobre o Meme da internet. O primeiro, lembrado por Dias *et. al.* (2015) e Limor Shifman (2014), refere-se ao fato de que o Meme da internet é uma ideia disseminada, e não um texto, uma imagem, uma frase ou uma foto em si. Sobre esse fato, Blackmore (2000, p. 58) afirma que o meme de internet: “é uma ideia que está midiaticizada através de uma imagem, texto, ou som, com a característica de rápida difusão e manipulação por parte de atores sociais atuantes enquanto internautas na rede”. Assim, para esses autores, o Meme da internet não é a imagem, vídeo, texto que é replicado por diversas vezes pelas pessoas na rede, mas sim a ideia que acontece e se propaga por meio de um texto.

O segundo importante ressaltado por Dias (*op. cit.*) é que o Meme pode surgir em outras mídias. Ou seja, a internet não é o único criadouro dos Memes. Para os autores, nenhuma ideia carregada por Memes sai dos próprios Memes, elas têm origem em outras mídias. De acordo com Souza,

[...] no ciberespaço, os “memes” têm a ver principalmente com comentários, postagens de fotos, vídeos, paródias que são comumente relacionados a notícias do cotidiano provenientes em grande parte de outros canais midiáticos, sendo estes a televisão, os jornais impressos e o rádio. (SOUZA, 2001, p. 131).

Na grande rede de computadores, então, os “memes” são encontrados na forma de elementos textuais ou multimodais, normalmente contendo o humor, que atuam na transmissão de conhecimento sobre determinado assunto ou situação específica para os atores sociais. A título de exemplo, Dias (*et. al.*) nos apresenta o Meme “Para a nossa alegria”, que surgiu a partir de um vídeo publicado no *Youtube* e ganhou maciça repercussão entre os usuários da internet. Os autores afirmam que este Meme passou da esfera do audiovisual e migrou para uma que era apenas textual escrito. Como exemplo, os autores mostram esta imagem:

**Imagem 5** - Meme “para nossa alegria”

# SEXTA FEIRA CHEGOU PARA NOSSA ALEGRIA



Fonte: Google imagens através da frase “sexta feira chegou para a nossa alegria”

Segundo os autores, na imagem acima, o Meme é totalmente reinventado quando deixa a plataforma vídeo para virar imagem. Inclusive, o contexto também é mudado, já que no vídeo original, a frase “Para Nossa Alegria” é dita sob um contexto religioso (a frase faz parte da letra de uma música gospel), enquanto que na imagem acima, está apenas para demonstrar a euforia da chegada do final de semana.

Os elementos textuais e visuais caracterizados como Memes possuem alto poder de viralização, pois

Um meme da internet constitui uma ideia que se espalha de forma viral, caracterizada pela combinação de permanência de um elemento replicador original e pela mutação, fruto de seu aproveitamento por diferentes usuários para a criação de novas versões de memes. (FONTANELLA, 2009, p. 67).

A partir do surgimento de um Meme, os usuários podem se utilizar dele para a criação de outras versões do Meme original. Esta atitude vai depender da intenção comunicativa que o produtor do Meme tiver.

Através dos Memes, o usuário da internet tem a possibilidade de publicar suas críticas e opiniões sobre inúmeros temas. A exemplo da Charge e do Cartum, que são gêneros que possuem o humor crítico em sua constituição, enxergamos que o Meme pode ser usado em potencial para a produção crítica-humorística de seus produtores. Com isso, nos propomos a

seguir a fazer uma interseção entre o Meme, a Charge e o Cartum, a fim de apresentar semelhanças e diferenças entre eles.

### 1.5 INTERSEÇÕES ENTRE OS GÊNEROS: *CHARGE, CARTUM E MEME*

Como já dissemos no subtópico 1.2, o aspecto multimodal não é exclusivo dos gêneros digitais, nem dos Memes da internet. Essa característica também está presente na constituição de muitos outros gêneros, como a Charge e o Cartum.

Nossa interação, de acordo com pesquisas de Marcushi (2002; 2008) e Bezerra (2017) é realizada por textos, que se manifestam em gêneros. Estes são considerados como ação social relativamente estáveis. De acordo com Marcushi (2002, p. 120), “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações particulares”. Através dos gêneros, os produtores podem realizar linguisticamente seus objetivos comunicativos. Isso também se aplica aos Memes, pois neles, os usuários têm encontrado espaço para expressar suas opiniões sobre qualquer assunto.

Para Marcushi (2002, *apud* BEZERRA, 2017, p. 23) “já se tornou hoje bastante comum a ideia de que nossas atividades linguísticas se dão por textos realizados em algum gênero”. A atividade linguística, logo, se faz através de gêneros que são usados a partir da situação comunicativa e intenções do produtor. Os gêneros encontram espaço essencial em nossas interações.

Os gêneros que emergem da internet não surgiram de imediato, tampouco são totalmente inéditos, pois conforme Marcushi (2010) os gêneros emergentes possuem similaridades com gêneros já existentes. Diante disso, podemos perceber muitas semelhanças entre o Meme, a Charge e o Cartum; percebemos que eles mantêm entre si relações próximas entre forma, conteúdo e intenções comunicativas. Diante disso, apresentaremos a seguir as características da Charge e do Cartum, e apresentaremos quais as semelhanças entre estes com o Meme.

A Charge pode ser encontrada em vários suportes, como livros, jornais, revistas e na internet. Algumas Charges podem aparecer com movimento, como pequenos vídeos, o que podemos ver em alguns programas de televisão jornalísticos. A Charge virtual apresenta várias cenas de animação para configurar sua crítica. O Cartum, por sua vez, também pode aparecer em vários suportes, e também pode estar no meio virtual. Assim como o chargista, o cartunista imprime nos cartuns suas críticas quanto a assuntos sociais, crítica realizada a partir

do humor. Mas, o que caracteriza um e outro? Quais as diferenças já que ambos se utilizam, muitas vezes, de imagem e palavras em sua construção? Qual função o cartum e a charge exercem na sociedade? Como podemos comparar o Meme com a Charge e o Cartum?

Ainda sobre a Charge, fazemos justa citação do trabalho de Mestrado escrito por Cavalcanti (2008). Neste trabalho, vemos uma explicação que a Charge e o Cartum são extremamente parecidos em sua composição, uma vez que ambos se utilizam da multimodalidade e do humor para expressarem críticas sobre determinados assuntos sociais. Ambos os gêneros, normalmente, combinam imagens e textos, entretanto podem aparecer apenas com as imagens.

A Charge, segundo Cavalcanti (2008, p. 37), “transmite informações que envolvem fatos, e é, ao mesmo tempo, um texto crítico”. Este gênero pode ser entendido como a representação gráfica de um assunto conhecido pelos leitores segundo o ponto de vista crítico do desenhista ou jornalista responsável pela criação da Charge. A forma da Charge apresenta figuras do mundo real, como espaço delimitado para a melhor compreensão do leitor. O chargista pode se utilizar de caricaturas e símbolos, e faz sua crítica a um assunto em específico, atual e “preso” ao tempo.

Por sua vez, o Cartum, além de também ter o caráter multimodal e compartilhar do objetivo da charge, que é o de criticar de forma humorística, tem temas, de acordo com Pinheiro (2014, p. 5), podem ser entendidos em qualquer parte do mundo, “pois não é um assunto de uma determinada região no qual precisa de uma certa bagagem de conhecimentos específicos para entender”. É um desenho geralmente cômico e universal. Ou seja, o cartunista expressa sua crítica a assuntos considerados universais, principalmente quando se refere a comportamentos humanos.

Os Memes escolhidos nesta pesquisa apresentam a intenção clara de criticar alguns assuntos de forma humorística. O leitor pode perceber, desde então, que essa função comunicativa pertence também a Charges e aos Cartuns. Essa mescla entre criatividade e a crítica é percebida através do humor presente também no Meme da internet.

Em seu artigo, ao analisar o que eles chamam de memes políticos, Chagas (*et. al.* 2015) mostram o Meme como produto cultural, e que não pode ser desvinculado das experiências sociais de seu criador. Segundo os autores:

[o criador de meme] depende de um repertório cultural extraído das relações sociais, memórias, referências históricas, geográficas, econômicas, e aspectos conjunturais específicos. O internauta posta, compartilha e curte o que julga interessante (positivity), o que reflete suas impressões sobre um tema (packaging), o que o afeta ou o sensibiliza de alguma forma

(provocation), por isso o humor é uma característica tão presente nos memes. (CHAGAS *et. al.*, 2015, p. 9)

Meme, então, não é apenas usado para a diversão dos usuários das redes sociais digitais, mas faz jus a todo um conjunto de saberes que os usuários possuem e compartilham. Ou seja, os Memes são frutos de uma sistematicidade particular, e podem deslizar de uma tônica que vai do cômico ao satírico, mas também permeiam a criticidade, revestindo-se em seus enquadres de integração a múltiplas semioses.

Por sua vez, o humor, já vimos até aqui, é algo que vemos como ponto principal que aproxima o Meme das Charges e dos Cartuns. Também percebemos que a característica multimodal também é algo em comum entre o Meme, a Charge e o Cartum. Quanto aos temas abordados, percebemos que o Meme também pode tanto criticar algo em específico, como um político, uma pessoa da mídia, como também pode criticar algo de caráter universal, como um comportamento humano como a desonestidade, por exemplo. A partir disto, podemos dizer que o Meme fica entre a Charge e o Cartum, pois a primeira aborda, naturalmente temas específicos, logo temporais, e o último trata de assuntos mais gerais, o que lhe garante certa atemporalidade.

Levando em consideração o que Marsuchi (2004) diz ao falar do ambiente digital, ao afirmar que muitos gêneros surgem neste ambiente, mas, não como algo inédito, isto é, em sua maioria, esses gêneros não se tratam de criações novas, mas têm algum paralelo com outros gêneros já conhecidos, pensamos que o Meme mantém relação tanto com a Charge quanto com o Cartum.

Diante dessas similaridades entre o Meme, a Charge e o Cartum, podemos nos perguntar o que o Meme tem de novo. Qual é o seu real diferencial? Apresentamos três diferenças fulcrais neste gênero emergente: **a primeira** diz respeito a sua forma de surgimento. O Meme pode surgir desde simples frases ditas e viralizadas, como nos mostra Recuero (2009), até imagens que ganharam grande repercussão na sociedade.

**A segunda diferença** é que o Meme pode ser produzido a partir de imagens e frases que apareceram em outro lugar, que não na internet. Um exemplo disso são as imagens congeladas de filmes ou desenhos animados, que muitas vezes são usadas na produção de muitos Memes. Como demonstração, mostramos abaixo um exemplo de Meme que o produtor recorreu a uma cena do desenho Pica-Pau para produzir seu Meme.

Imagem 6 - Meme do desenho Pica-Pau



Fonte: página do instagram @corrupacaobrmemes

Este Meme, como podemos perceber, não surgiu exclusivamente a partir da internet. Para a sua produção, o produtor, a partir de seu conhecimento e sua intenção comunicativa, recorreu a esta cena do desenho animado.

Por fim, a **terceira diferença** que vimos no Meme é que ele pode ser produzido por qualquer pessoa. Ao contrário da Charge e do Cartum, que precisam que seus produtores sejam credenciados ou como desenhistas profissionais, ou jornalistas, o Meme não tem essa exigência de produção. Basta que o usuário da internet tenha conhecimento de alguns aplicativos que o ajudam na produção de Memes. Lister (1995) ao ser citado por Santanella (2004) equipara as possibilidades encontradas na era digital às práticas de um grande editor de filmes. As tecnologias permitiram que o usuário saísse da passividade das mídias tradicionais e virasse produtor, selecionando e editando os conteúdos que deseja postar; conteúdos esses que segundo Jenkins (2009) são resultados do encontro entre os meios de comunicação com a cultura popular.

Abaixo criamos uma tabela com o intuito fazer a interseção entre o Meme, a Charge e o Cartum:

**Tabela 3 - Interseção entre a Charge, o Cartum e o Meme**

Gênero	Forma	Conteúdo	Intenção comunicativa	Produção
Charge	<p>a) sua estrutura é pautada na multimodalidade, em que linguagens verbal e não verbal se unem para produzir efeitos de sentidos de acordo com a intenção do produtor;</p> <p>b) também pode apresentar apenas as imagens como forma de expressão da intenção do produtor;</p> <p>c) são muito presentes as caricaturas, que possibilitam o humor;</p> <p>d) no meio virtual e televisivo pode conter movimentos e sons. Neste meio pode ser entendida como Charge digital ou Charge animada</p>	<p>a) Pode-se dizer que a charge é presa ao tempo, ao contexto histórico de sua produção, pois é realizada a partir de temas sócio/políticos específicos. “A Charge, em linhas gerais, geralmente é datada e localizada geograficamente”. (MORETTI, 2002, p. 2)</p>	<p>a) prevalece a crítica ferrenha a temas políticos correntes em um determinado espaço de tempo.</p> <p>b) a crítica é realizada a partir do humor garantido pelo exagero das caricaturas e hipérboles bem trabalhadas e direcionadas.</p>	<p>a) como tem um alto grau de profissionalismo, sua produção pertence a profissionais da área do Jornalismo, do Design Gráfico ou qualquer profissional que se interessa por esta produção. Ou seja, a produção é realizada por profissionais formados e bem equipados de talentos no desenho e de instrumentos para a criação de charge, veiculadas muitas vezes nos jornais.</p>
Cartum	<p>a) sua estrutura é pautada na multimodalidade, em que linguagens verbal e não verbal se unem para produzir efeitos de sentidos de acordo com a intenção do produtor;</p> <p>b) também pode apresentar apenas as imagens como forma de expressão da intenção do produtor;</p> <p>c) é muito raro o uso de caricatura (MORETTI, 2002);</p>	<p>a) por tratar de temas gerais, que podem ser sociais, políticos e qualquer outro que se proponha a essa generalidade, o Cartum é atemporal. Para Moretti (2002), qualquer leitor do mundo ri com o amante dentro do armário, brigas entre anjo e diabo, gato e cachorro, marido e mulher. Os temas: ET's, amor, esportes, família e pesca, são muito explorados. O comportamento geral de políticos, militares e religiosos também, pois não é preciso definir seus países, uma vez que agem de forma igual.</p>	<p>a) prevalece a crítica ferrenha principalmente a temas relacionados a comportamentos gerais. O cartum, por abordar temas gerais, é menos preso ao tempo do que a Charge. Moretti (2002) diz que, a característica fundamental do Cartum é a universalidade, atemporalidade e ser não-perecível.</p> <p>b) a crítica é realizada a partir do humor bem trabalhado e direcionado.</p>	<p>a) como a Charge, por possuir desenhos e características que só um profissional pode executar, tem um alto grau de profissionalismo, sua produção pertence a profissionais da área do Jornalismo, do Design Gráfico ou qualquer profissional que se interessa por esta produção. Ou seja, a produção é realizada por profissionais formados e bem equipados de talentos no desenho</p>

	d) assim como a Charge, no meio virtual pode conter movimentos e sons. Neste meio pode ser entendido como Cartum Digital;			e de instrumentos para sua criação.
Meme	<p>a) sua estrutura é pautada também na multimodalidade, mas não somente. Muitos memes podem surgir em forma de áudio que ganhou repercussão e rapidamente viralizou, como também pode aparecer em apenas imagens e pequenos vídeos. Todavia, podemos ver muitos Meme que se utilizam das linguagens verbal e não verbal que contribuem para produzir efeitos de sentidos de acordo com a intenção do produtor;</p> <p>b) é muito raro o uso de caricatura, pois quando aparecem imagens, são usadas alguma que já existe. As imagens podem ser retiradas de vídeos amadores, filmes, novelas, entrevistas, etc.;</p> <p>c) O Meme circula no meio virtual, pois é neste espaço que encontramos sua veiculação viral, o ambiente virtual é o seu nascedouro; o que não nos impede de encontrar memes em alguns livros, todavia, eles surgem no ambiente virtual. (RECUERO, 2011)</p>	a) os Memes podem tratar de qualquer assuntos: uma busca no site #Museu de Memes e no próprio Google, podemos perceber uma quantidade imensa de memes e de assuntos por eles trabalhados. O que podemos dizer é que os Memes se aproximam mais das questões mais cotidianas das pessoas, daí o seu nível alto de humor.	a) a intenção dos memes pode ser diversa, desde uma simples brincadeira humorística, como fortes ironias, até fortes críticas ao assunto tratado por eles. Não há como eleger uma intenção apenas, porque são muitas. Como nesta pesquisa precisa-se de delimitação, apenas selecionamos os Memes que apresentam a intenção de criticar de forma humorística algum assunto social.	<p>a) a produção do Meme não é restrita a pessoas especializadas ou profissionais da área do desenho como a Charge e o Cartum. O meme pode ser produzido por qualquer indivíduo que saiba manusear certos aplicativos para a criação de Memes.</p> <p>b) há disponíveis inúmeros aplicativos que facilitam a criação de Memes, dada a criatividade e intenção dos sujeitos que pensam em criar algum meme.</p> <p>c) muitos aplicativos, como o pack de memes já disponibilizam memes prontos para o usuário baixar e usar em suas redes sociais, e outros aplicativos disponibilizam meios do próprio usuário criar a imagem e texto que deseja colocar na sua produção.</p>

Fonte: tabela produzida pelo autor desta pesquisa tendo ideias de Moretti (2002) e Recuero (2011)

A partir deste quadro comparativo, algumas características como o humor, a multimodalidade podem ser encontradas entre o Meme, a Charge e o Cartum, contudo, ao contrário destes últimos, que só profissionais do ramo do jornalismo e do desenho podem produzi-los, o Meme pode ser criado por qualquer usuário da internet. Este é o aspecto mais relevante e inovador para a existência do Meme: qualquer pessoa é capaz de elaborar um Meme e, dessa forma, a partir da sua liberdade de expressão e conhecimentos, expor suas críticas sobre os mais diversos temas e publicá-lo na Internet por meio das redes sociais digitais.

## 2 DEFINIÇÕES DE RETÓRICA

Como o intuito desta pesquisa é analisar o gênero Meme sob um viés retórico-argumentativo, neste capítulo, propomo-nos a fazer uma apresentação sobre o percurso histórico traçado pela disciplina Retórica para entendermos como a ela aborda a questão da persuasão e do convencimento a partir da exposição oral. Com isso, inicialmente, apresentaremos o período de início da retórica bem como as ideias de Aristóteles; em seguida, apresentaremos os estudos de Chaïm Perelman (2004; 2005) e a Nova Retórica.

### 2.1 A GÊNESE DA RETÓRICA E A VISÃO DE ARISTÓTELES

Podemos dizer, inicialmente, que assim como a Filosofia, a Retórica também teve origem na Grécia antiga; e, assim como aquela, esta também teve sua origem relacionada às novas relações sociais advindas do surgimento da Polis. Se, como já vimos acima, a essência da Retórica consiste na persuasão através da argumentação, não há como se pensar nela sem democracia e liberdade de debate, características da organização política do mundo grego.

A gênese da Retórica foi na antiga Grécia, ligada à Democracia e em particular à necessidade de preparar os cidadãos para uma intervenção ativa no governo da cidade.

Há várias versões para a origem para a Retórica. Uma delas afirma que a Retórica teria sido inventada por Empédocles, filósofo pré-socrático do século V a.C. Outras versões atribuem a gênese da Retórica a Górgias e Tísias, que teriam sido os primeiros a escreverem, depois da queda dos tiranos e da instauração da democracia em várias cidades da Sicília, um tratado de retórica com o objetivo de responder às necessidades dos litigantes na luta por terras.

Qualquer que seja a versão adotada, alinhada à democracia ou não, a persuasão passou a estar no centro da ação política e social e o seu domínio uma virtude fundamental nos tribunais, para convencer os jures diversos, bem como nas assembleias, para dobrar um auditório.

O termo retórica, inicialmente, teria surgido no século V antes de Cristo desenvolvido pelos sofistas Górgias e Protágoras, na Grécia Antiga. Contudo, foi Aristóteles (384-322 a.C.) quem primeiro teorizou sobre a disciplina em si. Mas o que significa a palavra

“Retórica”? Derivada da palavra grega *rhêtorikê*, retórica significa “arte da palavra”. Mas que arte seria essa? Como a Retórica realiza-se efetivamente na prática?

Ao dissertar sobre a natureza da Retórica, Quintiliano reflete sobre as várias definições, e deixa-nos perceber as seguintes quatro como as mais representativas das convenções retóricas clássicas: 1) a definição atribuída a Córax e Tísias, Górgias e Platão: geradora de persuasão; 2) a definição de Aristóteles: a Retórica é a habilidade que permite persuadir ouvintes sobre um dado assunto; 3) uma das definições atribuídas a Hermágoras foi que a Retórica seria a faculdade de falar bem no que concerne aos assuntos públicos; 4) a definição de Quintiliano, na linha dos retóricos estoicos: a ciência de falar bem. (JÚNIOR in Aristóteles, *Retórica*, 2005, p. 22).

Chegar a uma definição única acerca deste termo tão profundo e funcional não é fácil. Contudo, podemos concluir destas definições que a Retórica é caracterizada tanto como artifício de persuasão, quanto forma de falar bem. Essas distinções não são inúteis ou sem importância, pois quem tendia mais a tomá-la como persuasão, dava mais ênfase às relações entre a retórica e a argumentação; porém, quem dava mais importância ao bem falar, tendiam a dar mais importância às figuras do discurso, à eloquência e a outros aspectos da comunicação oral, como a entonação da voz e a posição das mãos.

Contudo, a definição mais comum hoje é a da retórica como *arte da persuasão*, entendendo-se o termo “arte”, não no sentido moderno, que o aproxima das *belas-artes*, mas no sentido antigo de uma *técnica* ou de um *sistema de regras práticas* que possibilitam ao orador obter o assentimento do auditório por intermédio do discurso.

O ato da persuasão não é exclusivo de alguns, mas é comum em todas as esferas da nossa vida. Sempre quando estamos defendendo um determinado ponto de vista, queremos não apenas manifestar nossa opinião ou crítica, mas desejamos que o nosso ouvinte a aceite como verdade, ou seja, que ele seja persuadido a ponto de adotar nossas ideias. A persuasão é, pois, usada em domínios da vida pública em que é possível deliberar, quando se trata dos interesses da sociedade e dos cidadãos, e em assembleias públicas e tribunais, embora, também possa ser usada em diálogos e em conversas privadas. (NUNES, 2015)

O desenvolvimento desta disciplina corresponde a um período que vai de Empédocles ou Córax e Tísias até ao fim da antiguidade clássica. Durante os quase mil anos, foram muitos os oradores, retores e até filósofos que escreveram sobre a Retórica.<sup>11</sup> Apesar de vários

---

<sup>11</sup> Era muito comum na Grécia Antiga a elaboração de pequenos tratados sobre a "arte retórica". Todos os sofistas e oradores proeminentes elaboraram, em algum momento de suas vidas, pequenos textos que pudessem

sistemas criados, há um conjunto de características principais que a maior parte dos autores antigos concorda em atribuir à retórica. Grande parte dessas características foi pela primeira vez investigada sistematicamente por Aristóteles.

A finalidade da Retórica aristotélica seria levar ao entendimento sobre como a persuasão ocorreria no discurso e como esse discurso deveria se estruturar para levar a plateia ao convencimento.

Contudo, Quintiliano vem se opor a esta concepção de Retórica, pois para ele existem discursos que não persuadem, bem como existem outras manifestações além do discurso retórico que persuadem, como as imagens, os filmes, um quadro, etc. Ele, por sua vez, define a Retórica como “a arte de falar bem”. A controvérsia está posta sobre como entender a finalidade da Retórica: se a partir de Aristóteles pelo espectro da persuasão do discurso retórico ou se de acordo com Quintiliano para o qual a Retórica seria o resultado artístico de quem falar bem? Segundo Tringali (1988, p. 22), a Retórica persegue ambos os objetivos. O que devemos saber é qual destes aspectos é o principal. Para o autor, a persuasão vem em primeiro lugar porque sem ela, a Retórica se desfaz. E para persuadir, é necessário que o discurso seja bem feito. Para ele, “dizer bem é uma propriedade inegável da Retórica, mas não a define. Um texto bem escrito ou pronunciado pode não ser retórico e um texto mal escrito e pronunciado pode ser retórico” (p. 22).

Os estudos teóricos, como já afirmamos, sistemáticos iniciais sobre a Retórica tiveram início a partir de abordagens do filósofo Aristóteles (2013 [340 a.C.] *apud*. SILVA, 2018), ou seja, ele foi o primeiro a teorizar sobre esta disciplina.

Desde os estudos de Aristóteles (384-322 a.C.), a Retórica focaliza os aspectos e implicações situados na performatividade e na ética da comunicação oral. A disciplina Retórica construiu toda uma tradição nos estudos da oralidade, porque surgiu no seio das tradições clássicas da Grécia Antiga, ao mesmo tempo em que foi adotada sob uma nova perspectiva: a dos estudos que se focam na argumentação pela língua.

Vale salientar que na Retórica, o fio condutor do pensamento aristotélico se baseia em dois campos de análise: 1) Retórica da enunciação, que tem foco na produção literária; e 2) a Retórica Argumentativa, que é responsável pelo estudo da palavra eficaz ou da elocução persuasiva. Nesta seção vamos nos ater na segunda perspectiva retórica a fim de mostrar como o filósofo descrevia a questão da argumentação pela língua.

---

servir de orientação para seus alunos. Mas a Retórica só receberia uma sólida base teórica através da obra daquele que foi o mais influente e mais versátil dos filósofos gregos: Aristóteles.

A Retórica surgiu com a intenção de sustentar argumentos, princípios e valores que nutririam um eficaz raciocínio capaz de convencer o auditório específico de alguma tese, ponto de vista ou posição. Segundo Aristóteles, ao definir a disciplina, ele afirma que a “Retórica é, pois, uma forma de comunicação, uma ciência que se ocupa dos princípios e das técnicas de comunicação. Não de toda a comunicação, obviamente, mas daquela que tem fins persuasivos.” (ARISTÓTELES, 2013 [340 a.C.], p. 24 *apud*. SILVA, 2018).

Percebemos a partir da citação acima que, para o filósofo, há textos que são persuasivos e outros que não o são. A forma de comunicação que a Retórica se vale é apenas aquela que tenha fins de persuasão, ou seja, uma comunicação que leve ao convencimento do auditório quanto às ideias do orador.

Aristóteles trata a Retórica e o discurso persuasivo como um domínio da realidade sobre o qual é necessário fazer uma investigação que permita a constituição de um saber. Consequentemente, considera a Retórica, não como a arte da persuasão, mas como a arte que *permite determinar quais são os meios de persuasão mais adequados a cada caso*.

Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. Esta não é seguramente a função de outra arte; pois cada uma das outras é apenas instrutiva e persuasiva nas áreas da sua competência; como, por exemplo, a medicina sobre a saúde e a doença, a geometria sobre as variações que afetam as grandezas, e a aritmética sobre os números; o mesmo se passando com todas as outras artes e ciências. Mas a retórica parece ter, por assim dizer, a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada. E por isso afirmamos que, como arte, as regras se não aplicam a qualquer gênero específico de coisas. (ARISTÓTELES, *Retórica*, I, 2., 2005)

Podemos concluir disso que a Retórica é a arte que estuda os meios de persuasão. Contudo, não podemos entendê-la apenas como um conhecimento teórico. Aquele que conhece os meios de persuasão está em melhores condições para aplicá-los e, por consequência, para ser persuasivo. Sendo assim, a Retórica não é apenas uma arte que visa compreender o discurso persuasivo, é também uma técnica que permite alguém ser persuasivo no seu discurso.

Mas como se estrutura a persuasão? Quais elementos perpassam o ato persuasivo? Respondendo a essas perguntas, Aristóteles elabora sua conceituação da Retórica dividindo-a em categorias e dando-lhe nomes às diversas técnicas utilizadas, a exemplo do que fez em diversos outros campos do conhecimento.

O filósofo, primeiramente, distingue três gêneros de discursos retóricos: o deliberativo (que se volta para o futuro, procurando persuadir ou dissuadir em relação a algo a fazer, sendo

típico das assembleias políticas); o judicial (que se volta para o passado, acusando ou defendendo em relação a atos mostrados como justos ou injustos, e é típico dos tribunais); e o epidíctico (que se volta para o presente e procura louvar ou condenar atos contemporâneos).

Depois de apresentar os gêneros do discurso retórico, o filósofo apresenta os caminhos que o orador deve tomar para que seu discurso se torne persuasivo. Aristóteles (2005 [340 a.C.]) apresenta os dois tipos de prova: as provas não técnicas e as provas técnicas. As primeiras dizem respeito à retórica judicial, são aquelas que já existem e que o orador pode usar em seu discurso. São exemplos dessas provas: as leis, as delações, o contrato, os testemunhos. Já as provas técnicas são aquelas que podem ser preparadas pelo próprio orador, tais provas existem em três espécies: o *logos*, *ethos* e o *pathos*.

Dividindo em três livros, o filósofo, no primeiro livro sobre *ologos*, disserta sobre o conceito de persuasão, além de apresentar as fontes das quais devem-se extrair os argumentos. Já no segundo livro, abordando *o ethos*, Aristóteles (2005 [340 a.C.]) mostra os caminhos para conquistar a adesão da audiência, propondo-o como uma construção central para a produção deste efeito de engajamento. E no terceiro livro, dedicado ao *pathos*, o foco é na produção, na ordenação e no estilo a ser empregado pelo orador no processo de persuasão, a fim de tocar a emoção da audiência.

Aristóteles divide ainda o raciocínio em dois tipos: o analítico e o dialético. O raciocínio analítico almeja uma verdade absoluta ou uma conclusão necessária. Ou seja, existe uma verdade a ser almejada e alcançada. Já o raciocínio dialético, que subjaz à Retórica, busca o convencimento a partir de uma solução mais convincente, a mais plausível para determinado contexto.

Como neste trabalho o objeto de análise é o Meme, logo não pertencendo exclusivamente à modalidade oral da língua, foco dos estudos aristotélicos da Retórica, discutimos questões sobre a retórica aristotélica com o intuito de fazer o que propomos quando escolhemos fazer um percurso histórico das teorias escolhidas. Da Retórica aristotélica valemo-nos da noção que se tem da persuasão através de argumentos. Mesmo os Memes não pertencendo à oralidade, percebemos a argumentação como um de seus mais importantes elementos constitutivos. O produtor do Meme almeja convencer e persuadir <sup>12</sup>os outros de que sua crítica e percepção de mundo devem ser refletidos e até mesmo aceitos.

---

<sup>12</sup> Entendemos melhor tanto o conceito quanto a diferenciação entre convencer e persuadir de Perelman (2005) pelo viés apontado em Abreu (2006). Para este autor, convencer é “saber gerenciar informação, é falar razão ao outro, demonstrando, provando” (p. 25). Ou seja, convencer é construir algo no campo das ideias. Perelman fala sobre o direcionamento ao auditório universal a partir de um ponto de vista racional, que alcance todo ser pensante. Já o persuadir, de acordo com Abreu, “é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro a

## 2.2 OS ESTUDOS DE CHAÏM PERELMAN E A NOVA RETÓRICA

É sabido que a retórica clássica abordada por Aristóteles teve seu declínio ao ponto de ser totalmente rejeitada por muitos. A justificativa para essa rejeição seria a de que a retórica poderia servir para a manipulação das outras pessoas através do engano, pois não buscava a verdade lógica, a partir do raciocínio analítico, mas baseava seus pressupostos num pensamento dialético, em que o outro se expressa através de argumentos prováveis, dos quais se poderiam extrair enunciados prováveis. (COELHO *apud* PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 11).

Depois de vinte e três séculos depois de Aristóteles, a visão sobre o pensamento dialético é resgatada, com novos direcionamentos, pelo filósofo belga Chaïm Perelman. A busca pela verdade no discurso faz com que haja ruptura de certos paradigmas. Dessa ruptura de paradigmas (do Positivismo Lógico-matemático defendido por René Descartes para a volta do pensamento dialético), podemos destacar que a verdade para Perelman e, em certo sentido também em Aristóteles, ao abordar o raciocínio dialético, é a espécie de assentimento do que é comum a todos, ou seja, um acordo do auditório universal. Contudo, cabe destacar que cada orador e cada tradição possui seu conceito do que é universal, de modo que o auditório universal é meramente uma aspiração subjetiva do orador. Isto, na visão cartesiana, constitui um absurdo, pois a verdade assim seria relativizada e dependeria da tradição de cada grupo de pessoas, o que, nessa perspectiva, não daria exatidão às coisas, mas vagueza, dúvida, inconclusão e ineficácia.

Interessa esclarecer também, como diferença fundamental, o ponto de vista que lidava com a noção da eficácia e o que se entende, hoje, por ideia de adesão. Enquanto o primeiro se debruça sobre o ato de convencer (e, portanto, lida com as valorações de falso e de verdadeiro), o segundo se interessa pela integração entre o fazer argumentativo e o fazer persuasivo como probabilidades de fazer crer nas possibilidades apresentadas como argumento, propondo a um auditório, portanto, uma admissão dos juízos levantados, logo um acordo.

Essa mudança de posturas caracteriza o que Kuhn (1998) chama de movimento de mudança de paradigmas, configurando-se como uma revolução nos trâmites da ciência. Entendemos que essa modificação foi e sempre será necessária para o avanço da ciência,

---

agir”, ou seja, quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize (p. 25). Perelman, por sua vez, mostra que a persuasão é quando o orador se direciona a um auditório particular, e de acordo com os objetivos do orador, afirma-se que há persuasão se o objetivo do orador está em obter um resultado.

principalmente as de cunho social. A sociedade muda a cada instante, a língua por sua vez evolui constantemente e os valores vão se adequando a cada evolução por que todos passam. Dessa forma, os estudos destes fenômenos devem focar nesta constante instabilidade e assim explicar melhor cada momento da humanidade. À luz de Kuhn (*op. cit.*), as instabilidades entre as teorias estariam inseridas no espaço para a retificação que permite à ciência harmonizar a relação entre progresso e desenvolvimento.

Depois de muito tempo rejeitada, a retórica de Aristóteles é resgatada por Perelman (2005), o qual surge com uma teoria da Argumentação, também denominada de Nova Retórica inicialmente apresentada nos anos 50. Em 1958, após debates, análises e apresentações menores, ela foi publicada por ele em parceria com Olbrechts-Tyteca no livro chamado *Tratado da Argumentação – a Nova Retórica*. Essa publicação retoma o estudo da argumentação a partir da retórica aristotélica e define como seu objeto de estudo “as técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que lhe são apresentadas ao assentimento” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.04).

Ao elaborar sua noção formal de justiça, e perceber que deveria incluir nesta noção valores de juízo e de “como se raciocina a propósitos de valores” (ATIENZA, 2000, p. 81 *apud* RUZON, 2010), Perelman (1912 – 1984) se deparou com a Retórica.

No pensamento aristotélico, como já dissemos mais acima, há duas formas de raciocinar: a analítica e a dialética; a primeira é aquela que se desejaria chegar a uma conclusão necessária, ou seja, a uma verdade a ser almejada e alcançada; e a última, em que Perelman situa sua teoria da argumentação, busca o convencimento a partir de uma solução mais convincente, a mais plausível para determinado contexto.

Deixando de lado sua formação lógica neopositivista, Perelman entende que para a solução de problemas cotidianos que tenham envolvimento com valores, a melhor forma de se buscar uma solução é através da chamada arte da discussão, segundo Chiaradia (*s/d: s/p – cf. referências*).

Perelman preocupa-se muito mais com a adesão intelectual de uma determinada tese pelos interlocutores do que com a verdade em si. Isto é confirmado por Bernard Meyer (2008, p.4 *apud* CHIARADIA *op. cit.*), ao afirmar que: a) a argumentação age sobre os indivíduos, sendo, portanto, um elemento pessoal e subjetivo; e, b) que ela não procura determinar se uma tese é verdadeira ou falsa, mas influenciar outra pessoa, logo, ela nunca será automática ou obrigatoriamente aceitável, como o é a demonstração matemática.

E como essa adesão pode ocorrer? De acordo com Perelman (2004, p. 143), o orador deverá moldar seu discurso à plateia, pois, todo discurso possui um contexto e,

consequentemente, um auditório para o qual ele é elaborado e o se amoldar àquele auditório é a condição para que exista a persuasão.

Para que aconteça essa adesão, é necessário, obviamente, que a argumentação obtenha sucesso. E para que esse sucesso aconteça, o orador deve pressupor um auditório concreto e explorá-lo, conhecendo os meios que o influenciam e os valores que cada auditório traz. Ou seja, o orador deve procurar adequar seu discurso aos valores pré-estabelecidos pelos seus ouvintes.

Nas palavras de Perelman, o que distingue a Retórica Clássica da Nova Retórica é que esta última amplia a noção de auditório, levando em consideração a qualidade dos espíritos:

o objeto da retórica antiga era, acima de tudo, a arte de falar em público de modo persuasivo, referia-se, pois, ao uso da linguagem falada, do discurso perante uma multidão reunida na praça pública, com o intuito de obter a adesão desta a uma tese que se lhe apresentava. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 6).

Em contexto e com objetivo distinto da proposta de Aristóteles, percebe-se, com este trecho, que Perelman trabalha com a estrutura da argumentação e com os diversos tipos de argumentos lançados pelo orador, não apenas da argumentação oral para uma específica multidão reunida numa praça. O que Perelman conserva da Retórica tradicional é apenas a ideia de auditório: “Mudando o auditório, a argumentação muda de aspecto e, se a meta a que ela visa é sempre a de agir eficazmente sobre os espíritos, para julgar-lhe o valor, temos de levar em conta a qualidade dos espíritos que ela consegue convencer.” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 8).

Para que se chegue à adesão do auditório, o orador deve percorrer alguns percursos persuasivos. Encontra-se em Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) a descrição de algumas condições para que a tese do orador seja aderida por seu auditório. Sobre essas condições de argumentação, falaremos no capítulo seguinte, pois aqui só objetivamos mostrar a contribuição geral que os estudos de Perelman e Tyteca trouxeram para a definição da Nova Retórica.

### 3 CONCEPÇÕES DE ARGUMENTAÇÃO

Nesta seção do trabalho, faremos uma apresentação das concepções de argumentação de acordo com a perspectiva de Ducrot (1998) e Perelman e Tyteca (2005), no que diz respeito ao funcionamento da argumentação linguística.

#### 3.1 LÍNGUA E ARGUMENTAÇÃO NA VISÃO DE OSWALD DUCROT

O dicionário de Antônio Houaiss mostra o verbete argumentação com quatro definições, considerando a especificidade do contexto da esfera jurídica e a especificidade do contexto da esfera literária. Para Houaiss (2001, p. 285), a argumentação é “arte, ato ou efeito de argumentar”. Além disso, argumentação é também “a troca de palavras em controversa, disputa, discussão”. No campo jurídico, por sua vez, argumentação significa “conjunto de ideias, fatos que constituem argumentos que levam ao convencimento ou à conclusão (de algo ou alguém)”. Por fim, na literatura, o termo argumentação está ligado ao estilo no desenvolvimento do discurso e corresponde aos “recursos lógicos, como silogismos, paradoxos, acompanhados de exemplos que conduzem à aceitação de uma tese e à uma conclusão geral” (HOUAISS, 2001, p. 285).

Diante destas definições apresentadas por Houaiss, é importante destacar um ponto em comum entre elas, a saber: a base conceitual destas definições é o convencimento, a persuasão que envolve sempre uma forma de diálogo. Diante destas definições da área jurídica e na literatura apontadas pelo dicionário, podemos nos perguntar como a Linguística entende a argumentação na e pela língua? Para esta discussão, recorreremos às ideias defendidas pelo linguista Oswald Ducrot.

Em entrevista concedida a Xavier (2012)<sup>13</sup>, Oswald Ducrot afirma que a Teoria da Argumentação da Língua – doravante TAL -, foi também construída por Jean Claude Ascombe; tal teoria teve posteriormente o desenvolvimento merecido por Marion Carel.

Na mesma entrevista, Ducrot diz que a TAL é considerada por eles como uma maneira de ser coerente com a refutação ao Logicismo. Isso porque, a argumentação era centrada a partir da lógica. Diante disso, percebemos que a argumentação apresentada em Ducrot e

---

<sup>13</sup> A entrevista foi publicada na Revista Investigações – Vol. 25, nº 2, Julho/2012. Também pode ser acessada a partir do link: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/download/337/282>

Ascombe vai na contramão dos estudos de argumentativistas que até o momento observaram a questão calcada na Retórica ou na Lógica.

Se para as teorias antigas a argumentação era vista como uma técnica de organização e planejamento do discurso, dando ênfase na ordem do *logos*, a Argumentação na Língua afirma que a conclusão está na própria argumentação, ou seja, a argumentação é construída no plano linguístico, já sendo possível antever a conclusão no enunciado proferido. Assim, Ducrot diz na entrevista (XAVIER, 2012, p. 15) que “Nossa ideia central é a de que a significação das palavras se constitui pelas argumentações [...] Defendemos a ideia de que a argumentação está primeiramente no próprio sentido das palavras e que ela não é um tipo de consequência do uso das palavras”.

Partindo desta ideia em que a argumentação é abordada a partir do sentido que as palavras possuem, a perspectiva da TAL nega a existência, no discurso, de “uma argumentação racional, que seria suscetível de provar, de justificar” (DUCROT, 2004, p. 05) e considera que “existem encadeamentos argumentativos na significação das palavras e dos enunciados em que o discurso é construído” (DUCROT, 2004, p. 10). Sendo assim, o centro da discussão é sobre a argumentação estar presente na oração, na frase, tendo a atenção focada em conectivos. Para os autores Ducrot e Ascombe, o fulcro de sua tese é que a argumentação está inscrita no funcionamento da língua.

O estudo da argumentação realizado por Ducrot e Ascombe caracteriza-se como o “estudo das capacidades projetivas dos enunciados, da expectativa criada por sua enunciação” (PLANTIN, 2008, p. 32). Logo, de uma sentença como “Ele é candidato ideal”, podemos esperar a conclusão “ele vencerá as eleições”, ou ainda, do enunciado “Ele era um bom candidato, mas”, pode-se presumir algo contrário como “não foi eleito”, dada a presença da conjunção adversativa “mas” (RODRIGUEZ, 2017).

É diante desses aspectos encontrados em conectivos, que os autores elaboram a teoria dos *topoi* argumentativos. Para esta teoria, o valor argumentativo das palavras é o responsável pela direção argumentativa do discurso. Ducrot sustenta essa tese afirmando que há em todas as línguas duplas de frases que, embora enunciem o mesmo fato do mundo, têm orientações argumentativas diferentes. Vejamos os exemplos do autor:

Frase 1: Pedro trabalhou pouco.

Frase 2: Pedro trabalhou um pouco.

Segundo Ducrot (1988), ambas as frases apontam para o mesmo fato: trabalho em pequena quantidade. Ademais, a verdade do enunciado 1 implica a verdade do enunciado de 2, isto é, se Pedro “trabalhou pouco”, pelo menos “um pouco” ele trabalhou, e vice-versa.

Essas frases, entretanto, permitem chegar a conclusões bastante diferentes entre si. Por exemplo, em um contexto em que se admita que o trabalho leva ao êxito, pode-se concluir a partir da frase 1 que Pedro “vai fracassar” e a partir da frase 2 que ele “terá sucesso”.

Dando continuidade em sua pesquisa, Ducrot e Ascombre ampliam o conceito de argumentação que não diz mais respeito aos enunciados na sua totalidade, mas aos elementos que constituem seu sentido. É partindo deste tipo de abordagem que surge a noção de *topos*, que diz respeito ao lugar comum argumentativo que direciona para uma conclusão. Os *topoi* apresentam três propriedades, a saber: universal, geral e gradual. São tratados como “universais” aqueles que são apresentados no enunciado como se fossem compartilhados por uma coletividade – são comuns pelo menos ao enunciador e ao destinatário; já os que são gerais, são os que se aplicam a um grande número de situações, não apenas a do momento em que se fala; e por fim, são graduais, característica que permite a passagem para a conclusão e que quer dizer que os *topoi* relacionam duas escalas, tal que o movimento em uma delas implica movimento também na outra, e a direção do movimento de uma condiciona a direção do movimento da outra; ou seja, se o valor apresentado em uma das escalas cresce, o valor presente na outra também crescerá; se ele decresce, o outro também decrescerá (DUCROT, 1988).

Essas características serão exemplificadas em nossas análises. Os Memes escolhidos servirão como base também para a demonstração de como essas características dos *topoi* se fazem presentes em sua constituição.

Diante do que foi exposto, podemos dizer que a Teoria da Argumentação da Língua nos apresenta mais um viés de análise dos estudos da linguagem. Deixamos claro que a questão da argumentação foi estudada por outras correntes linguísticas e filosóficas e que, ao seu modo, contribuíram para o desenvolvimento do fenômeno da argumentação.

Neste trabalho nos valem dos pressupostos teóricos sobre argumentação na língua, tese de Oswald Ducrot e Ascombre. No subtópico seguinte, apresentaremos como o funcionamento da argumentação foi concebida por Chaïm Perelman.

### 3.2 O FUNCIONAMENTO DA ARGUMENTAÇÃO EM CHAÏM PERELMAN

Na Retórica aristotélica, como já dissemos, há duas formas de raciocínio: a analítica e a dialética; à primeira intenciona levar a uma conclusão necessária, ou seja, há uma verdade a ser almejada e alcançada; e a última, em que Perelman situa sua tese de argumentação,

busca o convencimento a partir de uma solução mais convincente, a mais plausível para determinado contexto.

Diferente da Retórica clássica, ao invés de estar ligada à noção de verdade, a Nova Retórica está ligada à noção de valores. Além disso, os estudiosos da Retórica clássica se interessam pela comunicação oral, enquanto os estudiosos da Nova Retórica expandem seus estudos compreendendo também o discurso escrito. Para estes teóricos, a argumentação é definida em contraposição à demonstração; esta é “uma atividade do raciocínio que se reduz ao cálculo” (MENEZES, 2001, p. 185) e não depende de sujeitos, já aquela só se realiza subjetivamente por um orador em função de um auditório.

Podemos dizer que o objetivo principal de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) é reconstruir empiricamente a teoria da argumentação em função dos diferentes tipos de discurso, analisando os meios de provas dos quais se servem os mais diversos discursos.

O filósofo e sua colaboradora, fundamentados nos alicerces da Retórica Clássica e entendendo a situação argumentativa como uma situação de conflito em que teses contraditórias são postas à prova para a resolução de uma questão, propõem categorias de auditórios e de argumentos base dos discursos.

Podemos dizer que os teóricos definem o auditório como “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN; OLBRETCHS-TYTECA, 2005, p. 22), ou seja, aquelas pessoas as quais se destinam à argumentação.

O orador precisa elaborar para si uma imagem de seu auditório, presumindo um possível pathos. A noção dessa imagem pode ser classificada como um auditório universal ou um auditório particular. O particular é aquele auditório situado num tempo e num espaço, constituído por um grupo específico, delimitado; já o universal é um conjunto potencialmente aberto do qual fazem parte todos os homens.

Essa questão do auditório é tão importante que os autores afirmam que “O conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz” (PERELMAN; OLBRETCHS-TYTECA, 2005, p. 23), por isso ele deve ser “presumido tão próximo quanto possível da realidade. Uma imagem inadequada do auditório, resultante da ignorância ou de um concurso imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis consequências” (PERELMAN; OLBRETCHS-TYTECA, 2005, p. 22)

Sobre alcançar uma argumentação eficaz, os autores afirmam que:

Uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar a intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma

disposição para a ação que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN; OLBRECHTS- TYTECA, 2005, p. 50).

Para que se alcance a desejada eficácia da argumentação, Perelman e Olbrechts-Tyteca estabelecem algumas premissas da argumentação. A partir da segunda parte do livro, os teóricos começam a mostrar que é necessário um acordo inicial entre orador e auditório sobre o ponto de partida da argumentação, e esse acordo pode se fundamentar em premissas retiradas do real ou do preferível.

Os autores classificam três condições indispensáveis de argumentação. A primeira condição é a linguagem comum que o orador deve ter com seu auditório. Segundo os autores “o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 23). A segunda condição levantada é que a argumentação se realize numa comunidade que esteja de acordo a debater algum assunto determinado. Esse assunto seria a tese, que ao ser defendida pelo orador, deveria ser de interesse dos seus ouvintes. E, por fim, os autores trazem a terceira condição de argumentação, que diz respeito ao orador ter um contato positivo com seu auditório. cremos que esta condição engloba as outras duas, uma vez que não se pode ter contato positivo como auditório quando não há adesão à tese defendida pelo orador, menos ainda quando não se compartilha da linguagem em comum. Para conquistar seu auditório, o orador deverá ter essas condições bem estabelecidas para que sua tese seja aderida.

Algo que muito interessa a nossa pesquisa é o fato de que, além dos argumentos verbais utilizados, outros meios podem servir para conseguir a adesão do auditório. Pensamos assim a partir do que Perelman e Tyteca dizem:

Para poder influenciar mais o auditório, pode-se condicioná-lo por meios mais diversos: música, iluminação, jogos de massas, paisagem, direção teatral. Tais meios foram conhecidos em todos os tempos, foram empregados pelos primitivos como pelos gregos, pelos romanos, pelos homens da Idade Média; os aperfeiçoamentos técnicos possibilitaram, em nossos dias, desenvolvê-los poderosamente; de modo que se viu nesses meios o essencial da ação sobre as mentes (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 26)

Essas afirmações devem ser levadas em consideração pelo orador quando o desafio é ter contato positivo com o auditório. Ademais, isso é muito relevante quando tratamos de gêneros multimodais que circulam em nosso dia a dia. Como o auditório na internet são pessoas que usam as redes sociais digitais e estão imersas no mundo das imagens, os Memes, por exemplo, ao fazer uso da multimodalidade, pode contribuir para que o auditório (os usuários de internet) seja influenciado e instigado a adotar a tese defendida e abordada em

algum Meme que tenha por objetivo emitir opinião contra ou a favor de uma ideia ou de um comportamento. cremos, dessa forma, que as características multimodais presentes em inúmeros gêneros, de forma geral, são facilitadores para o contato positivo com a sociedade contemporânea, o que facilita a adesão das teses defendidas pelo orador.

## 4 FENÔMENOS DA PRAGMÁTICA NAS AÇÕES RETÓRICAS DO GÊNERO MEME

Neste capítulo, apresentamos teorias ligadas à Pragmática, especialmente os seguintes conceitos: os Atos de fala, teoria defendida por John Austin (1990) e o Princípio de Cooperação proposto por Grice (1982) e suas noções de máximas e implicaturas conversacionais. Outrossim, trazemos as contribuições de Charles Bazerman (2005), no que diz respeito à concepção de gêneros textuais e digitais como fatos sociais. Essas teorias são importantes para análise dos Memes, pois nos ajudarão a entender o funcionamento dos Memes particularmente como eles se constituem como atos de fala concretizando ações de seus produtores e não apenas imagens com palavras que nada pretendem.

### 4.1 ATOS DE FALA (AUSTIN)

Os efeitos de sentido que brotam das nossas interações são diversos e podem mudar de acordo com os mais variados contextos e circunstâncias. Também sabemos que, ao proferir palavras, não estamos apenas falando por falar, mas estamos agindo por meio delas. E é justamente nessa discussão que Austin (1990) situa sua tese. Em seu livro *Quando dizer é fazer*, o autor tem como centro de sua discussão a ação pela e na linguagem. O filósofo afirma que palavras não apenas significam, mas fazem coisas, executam ações. O livro é dividido em 12 capítulos, que foram escritos de acordo com as conferências realizadas pelo autor.

Como um dos principais expoentes da Filosofia da Linguagem Ordinária, Austin considera a linguagem a partir de seu uso. Em outras palavras, a linguagem é tida por ele como forma de ação. Desta forma, em sua época, houve uma passagem na análise sobre a linguagem, ou seja, houve uma mudança da análise da sentença à uma análise do ato de fala, do uso da linguagem inserida num contexto, com determinada finalidade e de acordo com certas normas e convenções.

Os seis primeiros capítulos do livro – ou seis primeiras conferências – dá-se atenção à análise dos proferimentos performativos e constataativos/declaração (em que os primeiros podem ser felizes ou infelizes e os segundos como verdadeiros e falsos). Com inúmeros exemplos, o autor vai tecendo sua tese e defendendo seu ponto de vista, mostrando que verbos como: “aceito – numa cerimônia de casamento”, “prometo”, “aposto”, “batizo”, “dou” são de essência performativa, ou seja, são dizeres que não descrevem ou declaram alguma ação, mas dizeres que de fato mudam estados de coisas e situações de pessoas quando proferidos, tendo

não um caráter de verdadeiro ou falso, mas de felicidade ou infelicidade dado o êxito ou falha da ação pretendida, respectivamente.

Bazerman (2005), ao se referir a essa tese de Austin, diz que para que determinada ação seja feliz, ou seja, cumpra seu objetivo, as palavras ditas para a realização de atos como fazer uma promessa e casar pessoas, devem ser ditas por pessoas apropriadas, em momentos apropriados e em tempo apropriado. Assim, uma pessoa qualquer que não um juiz ou um líder religioso não executa a ação de casar algumas pessoas, pois esta autoridade não lhe foi outorgada.

Uma consideração que devemos fazer é que algumas pessoas que lerem esta obra de John Austin, podem encontrar certa dificuldade em distinguir os performativos dos constataivos. O próprio autor percebe isso e propõe que “devemos considerar de modo global a situação em que se fez o proferimento - isto é, o ato de fala em sua totalidade - para que se possa perceber o paralelismo que há entre a declaração e o proferimento performativo, e como um e outro podem dar errado (p. 56). Embora o autor prefira em sua tese os performativos dos proferimentos na primeira pessoa do singular do indicativo na voz ativa, ele afirma que há certo problema na distinção entre os constataivos e performativos. Com muita sinceridade e análise filosófica, ele sublinha que “é muito comum que a mesma sentença seja usada, em diferentes ocasiões de proferimento, das duas formas, como performativo ou como constataivo” (p. 66)

Todavia, todo o livro propõe essa reflexão sobre os nossos dizeres. É a partir dos nossos dizeres que mostramos nossa moral, falsidade, insinceridade, verdades, mentiras, intenções, ações e comprometimentos. Ou seja, a nossa palavra nos faz comprometidos com a(s) consequência(s) que dela advém. É dada atenção não à análise da sentença (os nomes, predicados e seus constituintes gramaticais), mas uma atenção às condições sob as quais o uso de determinadas expressões linguísticas produz certos efeitos e consequências em uma dada situação.

Deixando de lado por um momento a distinção inicial entre performativos e constataivos, o autor faz uma nova tentativa de considerar os sentidos em que dizer algo é fazer algo, ou seja, ele distingue um conjunto de coisas que fazemos ao dizer algo. Assim, o autor aponta três atos: o ato locucionário, o ato ilocucionário e o ato perlocucionário.

O primeiro ato, o *ato locucionário* inclui um ato proposicional, isto é, este ato representa aquilo o que é dito. Então, se um sujeito diz: “está frio nesta sala”, ele estará expondo um estado de coisas e, ao mesmo tempo, poderá estar fazendo uma proposição sobre

a temperatura da sala como uma solicitação para que a temperatura seja aumentada. Nas palavras do próprio autor:

A esse ato de "dizer algo" nesta acepção normal e completa chamo de realização de um ato locucionário, e ao estudo dos proferimentos desse tipo e alcance chamo de estudo de locuções, ou de unidades completas do discurso. Nosso interesse no ato locucionário é, basicamente, esclarecer bem em que consiste o mesmo para distingui-lo de outros atos com os quais nos vamos ocupar primordialmente" (AUSTIN, 1990, p. 85)

O segundo ato proposto por Austin é o *ato ilocucionário*, que diz respeito ao que se pretende dizer quando dizemos algo, ou seja qual ação se quer realizar. Tomando o mesmo exemplo acima "está frio nesta sala", a pessoa que proferiu essa sentença pode estar, indiretamente, pedindo para que alguém desligue o ar-condicionado da sala, e não afirmando apenas a temperatura da sala. Ou seja, ao dizer esta frase, o sujeito pretendia que suas palavras fossem dotadas de uma força ilocucionária específica, que acreditava que seria reconhecida pelos outros, em função das circunstâncias e do modo como a sentença foi expressa. (AUSTIN, op.cit., p. 87).

Alguns exemplos de atos ilocucionários são o ato de informar, ordenar, prevenir, avisar, comprometer-se, etc., isto é, proferimentos que têm uma certa força (convencional).

O autor explica que a realização de um ato nesse novo sentido como sendo a realização de um ato "ilocucionário", isto é, a realização de um ato ao dizer algo, em oposição à realização de um ato de dizer algo, que é o *ato locucionário*.

Sabemos que nossas palavras têm certo peso de influência, bem como de atingir o outro em suas emoções, razões, sentimentos, pensamentos, etc. Com isso, Austin elabora o terceiro ato que realizamos no uso da Língua: o *ato perlocucionário*. Para o autor, essas ações, que podemos realizar na outra pessoa (como advertir, alertar, convencer, menosprezar), são feitas a partir de nossos propósitos, objetivos ou intenção de produzir certos efeitos.

Neste terceiro ato, é importante destacar que nossas intenções nem sempre são compreendidas e felizes em sua realização, e, dependendo das circunstâncias que permeiam nossos proferimentos, nossas palavras podem surtir outras consequências que não estavam de acordo com nosso intuito inicial. Quanto a isso, Austin (1990) diz que

O ato perlocucionário pode incluir o que, de certo modo, são consequências, como quando dizemos: - "Ao fazer x estava fazendo y" (no sentido de que como consequência de haver feito x pude fazer y). Sempre introduzimos nesse caso uma gama maior ou menor de "consequências", algumas das quais podem ser "não intencionais". (p. 93)

Em síntese, podemos realizar atos perlocucionários, os quais produzimos porque dizemos algo, tais como convencer, persuadir, impedir ou mesmo surpreender ou confundir. Para que haja um esclarecimento sobre o ato ilocucionário e o ato perlocucionário, devemos ter em mente, portanto, que separar bem a ação que fazemos (no caso um ilocução) de sua consequência.

A relação entre esses atos apresentados por Austin (1990) nos é útil para entendermos as ações que realizamos enquanto falamos. Muitas ações dessas não obedecem às regras gerais, como sempre dizer a verdade, responder na medida necessária à pergunta feita, entre outros aspectos da língua. É sobre isso que nos interessa falar sobre as máximas conversacionais (que seriam princípios gerais na comunicação humana) e a quebra dessas máximas, que resultam nas implicaturas, que nos ajudam a interpretar a intenção comunicativa das pessoas.

#### 4.2 MÁXIMAS E IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS (GRICE)

A noção de implicaturas, como bem disse Levinson (2007) é uma das ideias mais importantes da Pragmática. Isso se dá pela tentativa de se explicar a natureza e a importância das condições que governam a conversação (GRICE, 1982, p. 83).

Em sua Teoria das Implicaturas, Grice (1982) afirma que o elemento central da comunicação é o reconhecimento, por parte do ouvinte, da intenção que o falante possui de induzir com seu proferimento.

Quando o sentido não pode ser apreendido meramente pelo significado literal de algum proferimento, o interlocutor recorre a outras informações que subjazem àquele proferimento. Quando isso ocorre, o interlocutor, na tentativa de encontrar significação naquilo que não é conseguido no plano do literal das palavras, acredita que há algo implicado, sugerido. A busca desse algo a mais na conversação é o que podemos entender como implicatura.

Grice (1982) estabelece a teoria inferencial das implicaturas, com a finalidade de explicar como, em contextos específicos, o falante consegue passar uma informação além do literalmente dito. Com esse objetivo, ele observa que, para que a conversação seja bem sucedida, os interlocutores devem cooperar um com o outro no discurso. A partir dessa observação, ele formula o Princípio da Cooperação (PC): “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado.” (GRICE, op. cit, p. 86).

Este princípio reúne em quatro categorias denominadas máximas conversacionais as regras que regem a conversação, segundo Grice (1982, p. 87 – 88). São elas: 1) Máxima da quantidade: Faça sua contribuição tão informativa quanto for requerido (para o propósito corrente da conversação). Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido; 2) Máxima da qualidade: Não diga o que você acredite ser falso. Não diga senão aquilo para que você pode oferecer evidência; 3) Máxima da relação: Seja relevante; 4) Máxima do modo: Evite obscuridade de expressão. Evite ambiguidade. Seja breve. Seja ordenado.

Embora tenha feito essa observação de como a conversação é regida, sabemos, como propõe Levinson (2007, p. 127) que “ninguém fala efetivamente dessa maneira o tempo todo!”. Muitas vezes usamos ambiguidades, às vezes não damos a informação necessária, por não ser capaz ou estarmos indisposto, por exemplo.

Logo, Grice aponta que essas máximas podem ser violadas, e quando isso acontece, fazemos uso das inferências<sup>14</sup> para chegarmos ao sentido pretendido pelo autor de determinado proferimento.

Violações intencionais de máximas conversacionais, normalmente, são compreendidas pelos interlocutores. Isso significa dizer que, tanto os implícitos quanto as violações das máximas não são, em nenhum momento, uma tentativa de o locutor enganar ou omitir informações, mas sim recursos conversacionais para uma compreensão rápida e para provocar determinados efeitos de sentido para o interlocutor.

No caso do nosso objeto de estudo, percebemos que os Memes coletados quebram, propositalmente, algumas das máximas para produzir humor e crítica. Veremos que, com o intuito de ironizar, o produtor do Meme viola certas máximas conversacionais e que os usuários/leitores deste gênero devem fazer o cálculo inferencial necessário para chegar ao sentido pretendido pelo produtor do Meme.

Percebemos que a quebra de alguma máxima conversacional é um fato importantíssimo na produção do humor presente em Memes da internet, principalmente para o efeito da ironia e a produção de críticas apontadas na análise.

---

<sup>14</sup> Segundo Marcushi (2008, p. 249) “a contribuição essencial das inferências na compreensão de textos é funcionarem como provedoras de contexto integrador para informações e estabelecimento de continuidade do próprio texto, dando-lhe coerência”. E mais: “na compreensão influenciam condições textuais, pragmáticas, cognitivas, interesses e outros fatores, tais como conhecimento do leitor, gênero e forma de textualização” (ibidem). Partiremos dessa noção de inferência para explicar a compreensão que podemos ter acerca das implicaturas utilizadas pelos Memes em análise.

#### 4.3 GÊNERO TEXTUAL COMO AÇÃO RETÓRICA (BAZERMAN)

Antes de tudo, é importante ressaltar o que Bazerman entende sobre fato social, pois em seu livro *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*, ele deixa bem claro que cada texto bem sucedido cria para seus leitores um fato social. Os fatos sociais, de acordo com ele, consistem “em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala” (BAZERMAN, 2005, p. 22).

Evidentemente, na interação social pode haver os mal-entendidos, que se constituem quando não há compreensão da intenção comunicativa de alguém que fala ou escreve. Frente a isto, “uma maneira de coordenar melhor nossos atos de fala uns aos outros é agir de modo típico, modos facilmente reconhecidos como realizadores de determinados atos em determinadas circunstâncias” (*id.* p. 29)

A partir disto, Bazerman (2005) elabora sua noção de tipificação. Para ele, tipificação diz respeito ao processo de se mover em direção a formas de enunciados padronizados que reconhecidamente realizam certas ações em determinadas circunstâncias, e de uma compreensão padronizada de determinadas situações.

A título de exemplo, podemos perceber quando alguém almeja um cargo em determinadas profissões. O interessado precisa produzir seu currículo profissional para enumerar todos os fatos relevantes e realizações profissionais de sua vida, além de destacar suas habilidades e competências que o ajudarão a ser contratado. (BAZERMAN, 2005, p. 30). Partindo da ideia dos formatos padronizados dos gêneros, quanto ao currículo, Bazerman (2005) diz que a padronização nos direciona no sentido de qual informação deve-se apresentar, como por exemplo, o endereço, a formação acadêmica e as experiências anteriores.

É importante ressaltar que essas formas não são estanques, mas podem variar de acordo com a situação e propósitos comunicativos. É por isso que o autor não considera gênero apenas como um conjunto de traços textuais, mas considera também: a) o papel dos indivíduos no uso e na construção do sentido; b) as diferenças de percepção e compreensão; c) o uso criativo da comunicação para satisfazer novas necessidades percebidas em novas circunstâncias; e, d) a mudança no modo de compreender o gênero com o decorrer do tempo.

Nas palavras do próprio autor, podemos chegar a uma compreensão mais profunda de gêneros se os compreendermos como fenômenos de reconhecimento psicossocial, que são parte de processos de atividades socialmente organizadas, por isso:

Gêneros são tão-somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam. Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2005, p. 31)

Diante desta ideia que aborda os gêneros como fatos sociais por meio dos quais as pessoas tentam compreender umas às outras, podemos dizer que uma das principais contribuições de Bazerman para os estudos dos gêneros é essa sua noção de ação social pela/na linguagem. A sociedade no seu próprio ato de cidadania compartilha ações, funções sociais e participa da vida a partir de suas manifestações linguísticas. Manifestações estas que não são aleatórias e puramente constituídas de palavras vazias. Mas cada palavra dita, cada manifestação realizada só ocorrem a partir de contratos sociais, em que as intenções e propósitos comunicativos fazem valer a cidadania de um povo. É por esse motivo que nos amparamos nesta ideia de Bazerman para basear nosso estudo no tocante aos Memes aqui escolhidos. Podemos perceber que muitos usuários se utilizam dos Memes para exercer sua cidadania no que diz respeito à crítica sócio-política. Vemos que os Memes não são apenas para causar motivo de riso, mas a partir das novas circunstâncias e situações no contexto atual, os usuários sentem a necessidade de usá-los também para fins de expor sua crítica sobre diversos assuntos sociais.

Evidentemente que, para o autor, o texto em si pode ter uma ou algumas ações dominantes que definem sua intenção e seu propósito, “que recebemos como o efeito perlocucionário ou como um fato de realização social do texto” (p. 35). É claro que Bazerman se refere aos textos pertencentes aos gêneros escritos, contudo ao levarmos em consideração que o Meme, assim como a Charge e o Cartum (estes já reconhecidos como gêneros) possui características classificáveis como gênero, podemos sustentar que os Memes coletados para esta pesquisa, como outras manifestações linguísticas na vida da sociedade, tem constitutivamente a intenção do produtor, bem como seus propósitos, que neste caso seria o de criticar de forma criativa e bem humorada.

Diante disso, podemos nos perguntar o que é um gênero e como podemos reconhecê-lo. Bazerman (2005, p. 37 a p. 46) explica e responde a esse questionamento. O autor utiliza duas situações para iniciar sua explicação sobre o que é um gênero e como reconhecê-lo, e aqui as apresentaremos *ipsis litteris*:

[1ª situação]: Você recebe uma oferta via correio de um cartão de crédito. Imediatamente, você reconhece o que é, talvez sem nem abrir o envelope. Como é que você faz isso? Está em um envelope padronizado, mas com uma janela de papel transparente para o endereço, de forma que o reconhecemos como comercial ou institucional. (p. 37-38)

[2ª situação]: Você entra numa cafeteria e dá uma olhada num jornal sobre uma mesa. Você imediatamente sabe muita coisa sobre qual será o seu conteúdo e como serão os textos, em que estilo serão encontrados dentro do jornal. Novamente, esse conhecimento de rápido acesso nos ajuda a estruturar o que faremos com aquele jornal.

A partir destas duas situações, podemos perceber que vários exemplos poderíamos trazer. Muito fácil alguém reconhecer um poema, e sabe que se vir algum jamais o confundirá com uma conta de luz, muito menos com algum currículo. Dito isto, a partir do reconhecimento, sabemos mais ou menos o que é um boleto bancário, uma conta de luz elétrica. Neste caso da conta de luz elétrica, por exemplo, encontraremos, além de outras informações, o valor que deverá ser pago, a data de vencimento, e, se não pagarmos no dia indicado, corremos o risco de nossa energia elétrica ser desligada como consequência da inadimplência.

A maioria dos gêneros tem características de fácil reconhecimento, todavia, Bazerman (2005) afirma que os gêneros não se minimizam à apenas uma coleção de características. Quanto a isto, o autor apresenta quatro razões que nos ajudam a conceber os gêneros não apenas por suas características.

A *primeira razão* é que “isso nos limita a compreender aqueles aspectos do gênero que já temos conhecimento” (p. 39).

A *segunda razão* nos diz que as pessoas podem receber cada texto de diferentes formas, por causa das suas diversas intenções, diferentes saberes, etc. Um agente da polícia, por exemplo, lerá um cartaz de procurado de uma forma, enquanto outras pessoas lerão o mesmo cartaz a partir de outros significados.

A *terceira razão* que Bazerman nos explica é que “a coleção de elementos característicos pode dar a impressão de que tais elementos do texto são fins em si mesmo” (p. 39), ou seja, não se pode crer que os gêneros possuam características estanques, como se houvesse um padrão abstrato de correção em relação à forma.

E, por fim, a *quarta razão* que o autor traz é que todo gênero possui elementos característicos flexíveis em qualquer instância. Não somente suas características, mas também

a compreensão geral do gênero que pode mudar com o passar do tempo. A exemplo disso, o autor diz que “as reportagens jornalísticas de hoje têm ‘sabor’ diferente daquelas de um século atrás, tais como a expectativa de uma comunicação rápida, o reconhecimento do papel da celebridade e de pessoas famosas”. (BAZERMAN, 2005, p. 40)

Como não se pode limitar o reconhecimento dos gêneros, única e exclusivamente, através de seus elementos característicos, Bazerman concebe os gêneros como fato social. Segundo o autor, um fato essencial que reside nos textos é conduzido a ser um fato social a partir do momento em que as pessoas o tomam como real “e na medida em que essa realidade de sócio-psicologia influi na sua compreensão e no seu comportamento, dentro da situação como elas a percebem” (BAZERMAN, 2005, p. 50).

Por falar sobre essa ligação entre os gêneros e a construção da vida diária, quando os gêneros influenciam na compreensão e no comportamento das pessoas, Thomas Luckman (1992 *apud.* BAZERMAN, 2005, p. 56), aponta qual seria a função elementar dos gêneros. Para ele:

A função elementar dos gêneros comunicativos na vida social é de realizar, rotinizar e condicionar (em maior ou menor grau) as soluções para os problemas comunicativos recorrentes. Os problemas comunicativos para os quais tais soluções são estabelecidas socialmente e depositadas no estoque social do conhecimento tendem a ser aqueles que afetam os aspectos comunicativos das interações sociais que são importantes para a manutenção de uma dada ordem social... Dessa forma, sociedades diferentes não têm o mesmo repertório de gêneros comunicativos, bem como os gêneros comunicativos de uma época podem se dissolver em processos comunicativos mais “espontâneos”, enquanto outros gêneros até então pouco definidos podem se congelar em novos gêneros. (THOMAS LUCKMAN, 1992 *apud.* BAZERMAN, 2005, p. 56)

Esta citação permite-nos entender que os gêneros mantêm uma relação direta com o que acontece em toda sociedade. Se a sociedade passa por evoluções, é válido afirmar que os gêneros devem acompanhar as transformações; um exemplo disso é a forma de se comunicar no século XXI, em que o uso da linguagem e muitos gêneros se modificaram bastante por causa do avanço tecnológico. O papel dos gêneros comunicativos na sociedade é enfatizado por Bazerman. Para o autor, o repertório de gêneros em cada momento de uma sociedade particular constitui o “centro” das dimensões comunicativas da vida social.

Fazendo uma conexão entre gêneros e sociedade, o autor também apresenta sua ideia sobre a orientação e identificação das pessoas para com os gêneros que circulam em sociedade e o ambiente em que esses gêneros são produzidos. Bazerman diz que à medida que os participantes se inserem num espaço social comunicativo, eles adotam características

próprias destes espaços. Como exemplo disso, podemos citar as redes sociais digitais, como *Facebook* e *Instagram* com as muitas páginas criadas para que os usuários compartilhem suas atividades. Muitas páginas, por exemplo, produzem Memes com intuitos variados (levar humor, criticar assuntos políticos, fazer propagandas etc.). No caso específico de páginas que produzem Memes com temas políticos, podemos encontrar algo em comum entre elas, que é a crítica humorística. Neste caso, para que o usuário queira produzir Memes e publicá-los nestas páginas, ele deve ter conhecimento destas características.

Esse aspecto de contrato entre os participantes e o espaço comunicativo que ele deseja participar é sublinhado por Bazerman (2005, p. 101), ao afirmar que os participantes: “vão àquele lugar para fazer coisas que ali são pensadas, para se sentir como ali se sente, para satisfazer o que pode ser ali satisfeito e para se transformar no tipo de pessoa que ali se pode tornar”. Há a necessidade, portanto, de que haja não somente interesse dos participantes, mas identificação com o espaço comunicativo que se deseja participar.

Você sabe também que se passar a frequentar um certo lugar o tempo suficiente, você se transformará num típico frequentador do lugar – conhece o lugar, sabe como agir lá, o que dizer ali, quem pertence ou não ao lugar, e quem é novato. Os lugares que você frequenta desenvolve em você aquelas partes que estão mais relacionadas e orientadas às atividades daqueles espaços. (BAZERMAN, 2005, p. 102)

Os lugares sociais e comunicativos que participamos têm o poder de nos influenciar. E para que possamos fazer parte deles, temos que agir, pensar, falar como se age, se pensa e se fala nos lugares que escolhemos participar e interagir. Essas ações a serem realizadas são executadas a partir dos gêneros disponíveis em nossa interação social. Nesse sentido, e conforme Bezerra (2010, p. 134), “os gêneros, portanto, devem ser concebidos e analisados a partir de sua inserção na vida social, como parte importante da própria organização das ações humanas”.

As contribuições que Charles Bazerman nos traz são importantíssimas por ter a noção de gêneros como fato social. Essa perspectiva nos leva a considerar os gêneros para além de suas características estruturais, textuais. A partir dos gêneros, as pessoas agem em sociedade, realizam atividades e expressam suas diversas intenções comunicativas.

Partindo desses pressupostos teóricos, faz-se necessário irmos às análises dos Memes selecionados. O intuito é o de verificar nestes Memes como a multimodalidade contribui para o posicionamento crítico dos usuários da internet.

## 5 ANÁLISES DE MEMES

Como já apresentamos anteriormente nos procedimentos metodológicos, a análise será realizada a partir de 10 Memes coletados em sites de relacionamentos, como o *Facebook* e *Instagram*. Optamos em realizar a análise a partir de pares de Memes que se assemelham quanto à proposta crítica e estrutural. Dessa forma, a análise buscou contemplar tanto a explicação de como a crítica do produtor foi construída, quanto seu modo de estruturação.

Cabe destacar novamente que, para entender algo como um Meme, devemos ter em mente o que entendemos por este termo. No caso desta pesquisa, consideramos os Memes como o gênero digital multimodal (linguístico, visual e sonoro) que organiza uma crítica argumentada e bem-humorada sobre um determinado tema. Esta concepção de Meme aproxima-se da que foi defendida por Dias (*et. al.*, 2015) - como apresentamos no tópico 1.3, no capítulo da fundamentação teórica. Esses mesmo autores afirmam que, na biologia, o Meme é bem definido, mas, no campo da internet, não há uma definição exata para este fenômeno retórico-comunicativo.

Limor Shifman (2014, p. 189) e Blackmore (2000, p. 56) entendem que “o meme de internet é uma ideia que está midiaticizada através de uma imagem, texto, ou som, com a característica de rápida difusão e manipulação por parte de atores sociais atuantes enquanto internautas na rede”. Desse modo, o Meme de internet não é a imagem, vídeo, texto que é replicado por diversas vezes pelas pessoas na rede, com modificações pessoais de acordo com seu próprio gosto ou intenção, mas sim a intenção retórico-argumentativa que estaria por trás daquela imagem ou texto.

Tomamos essa definição de Memes para os objetivos desta pesquisa, pois a escolha se deu a partir da intenção que subjaz à construção destes Memes. É fácil observar que os Memes aqui não são as imagens em si, pois muitas delas não são viralizadas. Consideramos Meme aqui como uma ideia veiculada através de um gênero multimodal que carrega uma intenção retórico-argumentativa e que também por seu efeito de humor é viralizado na Internet.

A análise será realizada a partir dos objetivos levantados (vide página 16), bem como da pergunta que direciona essa pesquisa, a saber: *por que e como os sujeitos argumentam pelos Memes nas redes sociais digitais?*

Para responder a esta pergunta, vamos utilizar como objeto de análise os Memes, que serão contemplados de acordo com *aspectos multimodais e linguísticos-enunciativos*, que serão suas categorias de análise.

Nos aspectos multimodais, pretendemos analisar como a união da imagem e da palavra contribui para a manifestação do posicionamento crítico do produtor de Memes, bem como elucidar a importância da leitura multimodal para alcançarmos a intenção pretendida veiculada em Memes. Vale lembrar que encontramos na coleta ampla alguns Memes que se utilizam apenas das imagens, contudo optamos por escolher apenas aqueles que trazem em sua constituição a multimodalidade veiculada a partir do uso simultâneo entre imagens e palavras. Para isso, inicialmente, analisamos quais efeitos de sentidos são veiculados a partir do uso das imagens presentes nos Memes. O foco dado às imagens é a partir da descrição de como essas imagens aparecem e como, aliadas às palavras, contribuem para o posicionamento crítico do produtor.

No que diz respeito aos aspectos linguísticos-enunciativos, analisaremos como os *topoi* argumentativos são construídos, bem como observaremos o uso de alguns elementos retóricos de Aristóteles, como a verossimilhança, muito usada para validar os argumentos pretendidos. Além desses aspectos, analisaremos também, a partir do Princípio de Cooperação (GRICE, 1982), as máximas conversacionais e implicaturas. Ademais, mostramos que os Memes constituem um ato de fala, a partir da perspectiva austiniana, (AUSTIN, 1990), ressaltando que os indivíduos ao falarem, produzem atos, isto é, agem em sociedade. Todos esses recursos linguísticos-enunciativos são usados aliados às imagens para que o produtor se posicione criticamente frente a um determinado tema por ele discutido.

Imagem 7- MEME 1



Fonte: página do instagram @corrupcaobrmemes

#### **Contextualização do Meme 1:**

Este Meme foi produzido depois de vários acontecimentos na Síria, onde, de acordo com o site da Revista Veja, foram mortas mais de 1.000 crianças em 2018. Uma imagem que ganhou assaz repercussão nas mídias foi a de uma criança, que morreu afogada, e foi encontrada de bruços no chão de uma praia. Esse fato ganhou enorme repercussão no mundo inteiro.

Imagem 8 - MEME 2



Fonte:página do instagram @corrupcaobrmemes

### Contextualização do Meme 2:

Duas pessoas são alvos da produção deste Meme. A primeira pessoa que aparece é a vereadora Marielle Franco que, em 2018, foi assassinada junto com seu motorista Anderson Gomes. O crime ganhou repercussão mundial, haja vista que a representação da ONU (Organização das Nações Unidas) no Brasil emitiu uma nota pedindo mais rigor na investigação do assassinato. Suspeita-se que o crime tenha sido efetuado por policiais e milícias da cidade do Rio de Janeiro. A outra pessoa que aparece no Meme é o jovem estudante Matheus Passareli Simões Vieira, que foi brutalmente assassinado por traficantes e queimado numa favela do Rio de Janeiro. O caso também aconteceu em 2018, depois do caso da vereadora Marielle Franco.

Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 1)**

Percebemos de imediato que ambos os Memes são produzidos de forma multimodal, obedecendo assim à condição fundamental para a construção de Memes. Consideramos que a intenção presente na construção de ambos foi a de comparar a reação de algumas pessoas frente a certas notícias. Fazer comparações é uma estratégia comum em Memes para mostrar contradições humanas e, dessa forma, realizar uma crítica.

Quanto ao aspecto visual constitutivo da multimodalidade, a construção destes Memes se dá em duas colunas paralelas. Sua leitura exige obediência ao movimento comum de lançar o olhar do topo do texto para a base, e da esquerda para a direita. Vejamos o primeiro Meme.

O **Meme 1** trazem toda a sua primeira coluna dois olhos de uma personagem, que é o Lula Molusco do desenho Bob Esponja. Na coluna que apresenta os olhos, nos dois primeiros quadrinhos, os olhos aparecem fechados, e no terceiro quadrinho os olhos aparecem abertos; nesses olhos, contudo, mostram-se não os globos oculares propriamente ditos, mas a logomarca da ONU (Organização das Nações Unidas). Na segunda coluna, aparecem frases que podem ser concebidas como notícias. Por isso, este Meme só pode ser compreendido a partir da leitura do todo. Para o leitor perceber a intenção do produtor e a que/quem sua crítica é endereçada, as partes do Meme não deveriam ser lidas de forma isolada.

A possível intenção de comparar os olhos abertos e fechados diante de alguma suposta notícia parece ter o intuito de nos mostrar a (não) preocupação da ONU frente a determinadas notícias. Entendemos que os olhos da personagem não estão por acaso ou simplesmente aparecem para fazer alusão ao desenho. A disposição das imagens e do texto escrito leva-nos a interpretar que há a demonstração do (des)interesse dessa Organização Internacional quanto a determinadas notícias. Desta forma, quando os olhos se apresentam fechados significam que não se é dada a devida importância à suposta notícia; quando, por sua vez, os olhos se apresentam abertos, há um forte indicativo de que é dada muita importância a algo, chegando a despertar interesse.

A leitura das imagens é tão importante quanto a dos textos inseridos no Meme. Para os autores Kress e van Leeuwen, proponentes da teoria semiótica funcional das imagens, há três funções da análise de imagens, a saber: a função representacional, a função interativa e a função composicional. A primeira é tida como sendo responsável pelas estruturas que constroem visualmente a “natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as

circunstâncias em que ocorrem”<sup>15</sup>(UNSWORTH, 2004, p. 72). Já a segunda função – a interativa – é onde recursos visuais constroem “a natureza das relações de quem vê e o que é visto”.<sup>16</sup>(UNSWORTH, 2004, p. 72). Enquanto que a função composicional se refere aos significados obtidos através da “distribuição do valor da informação ou ênfase relativa entre os elementos da imagem”<sup>17</sup>(UNSWORTH, 2004, p. 72).

Optamos, neste Meme 1, por analisar os olhos da personagem a partir da função representacional, uma vez que os significados obtidos derivam da ênfase dada entre os olhos fechados e abertos. Fechados representando a não importância dada a determinadas notícias, e abertos quando realmente a notícia chama atenção ao ponto de despertar interesse da personagem. Personagem que pode ser interpretada como a ONU, o que podemos constatar através do uso da logo desta organização.

No Meme 1, percebemos a presença de enunciados ao lados dos olhos da personagem. Na primeira sequência, de cima para baixo, os olhos aparecem fechados ao lado da inscrição da suposta notícia: “Brasil tem mais de 60 mil homicídios registrados a cada ano”. Na segunda sequência, os mesmos olhos permanecem fechados diante da inscrição: “Os países muçumanos declaram querer a destruição de Israel e o atacam todo ano”. Já na terceira sequência de texto, os olhos aparecem abertos diante do enunciado: “a criancinha síria tossiu”.

Evidentemente, o último enunciado verbal “a criancinha síria tossiu” não fez parte de alguma notícia, mas seu uso é realizado a partir da hipérbole para facilitar a construção da crítica pretendida. Podemos afirmar, então, que houve a quebra da máxima de qualidade. Em sua teoria, Grice (1982) diz que a máxima da qualidade se refere a: não diga o que você acredite ser falso. Neste caso, todavia, consideramos que o produtor do Meme acredita que a informação (“a criança síria tossiu”) seja falsa, transgredindo a máxima de qualidade propositalmente, no intuito de deixar seu argumento mais contundente, e dessa forma, evidenciar seu caráter humorístico. O exagero do enunciado revela a intenção de criticar a reação da ONU frente a notícias banais.

Tentando mostrar a incoerência da ONU, este Meme critica a postura de muitos no que se refere à importância dada ou não a alguns problemas sociais. A primeira sequência mostra que, ao lado da informação de que mais de 60 mil homicídios acontecem no Brasil, os olhos aparecem fechados, indicando que a ONU não se comove ou não se manifesta contra

---

<sup>15</sup> “... nature of events, the objects and participants involved, and the circumstances in which they occur.” (UNSWORTH, 2004, p. 72)

<sup>16</sup> “... the nature of relationships among... viewers and what is viewed.” (UNSWORTH, 2004, p. 72)

<sup>17</sup> “... distribution of the information value or relative emphasis among elements of the text and image.” (UNSWORTH, 2004, p. 72)

notícias assim. O mesmo acontece com a frase da suposta destruição de Israel. No entanto, ao fazer coincidir o enunciado “a criancinha síria tossiu” com a abertura dos olhos, produz-se uma crítica contra essa postura, uma vez que, com notícias sérias, os olhos estão fechados e para uma frase “banal” os olhos se abrem pelo espanto.

Além disso, no enunciado “a criancinha síria tossiu” há uma palavra-chave que ajuda a compreender a crítica. Para compô-la, além dos aspectos multimodais, o produtor do Meme também se utilizou do adjetivo “síria”. Essa palavra é posta no intuito de se fazer uma conexão com tudo o que aconteceu no ano de produção deste Meme quanto à guerra na Síria, que comoveu todo o mundo.

A partir do contexto de produção, apenas a presença do adjetivo “síria”, no **Meme 1**, é suficiente para despertar interesse e atenção de muitos (já que os olhos da personagem estão abertos), pois o nome “síria” faz com que pessoas lhe de em máxima atenção pela referência à guerra cruel que vem vitimizando muitos inocentes civis inclusive crianças.

Na composição deste Meme, vemos a multimodalidade como importante recurso para o fazer crítico do produtor. Seria muito difícil fazer essa crítica desta forma sem o uso simultâneo das linguagens verbal e não-verbal. De acordo com Silvestre (2015), embora a linguagem verbal, em sua forma impressa, tenha se tornado um modo privilegiado de veicular o conhecimento através dos tempos, nas últimas décadas, juntamente com o modo visual, este modo tem se convertido em co-modo. A partir disto, podemos dizer que a linguagem verbal, junto com a linguagem não verbal, não concorrem entre si, mas realizam a comunicação de forma cooperativa. Elas não formam dois atos separados. As duas linguagens combinadas chegam a formar apenas um único ato comunicativo, como nos mostra também o trabalho de Cavalcanti (2008) sobre as Charges. Isto nos permite perceber tanto a criticidade do produtor, quanto sua criatividade ao elaborar seu Meme, especialmente por escolher o símbolo da ONU para representar os olhos abertos.

Além da multimodalidade e do uso da hipérbole em “a criança síria tossiu”, podemos identificar a presença da verossimilhança apontada por Aristóteles. Para o filósofo, para que haja o convencimento do auditório, é necessário o uso de argumentos dialéticos eficazes, que tenham semelhança com a realidade do auditório pretendido. O orador, para ter sucesso em sua argumentação, deve fornecer provas aceitáveis para que suas teses sejam acolhidas. Diante disso, podemos ver neste Meme que as provas usadas devem ser reconhecidas como verossímeis por parte dos usuários. A tese apresentada neste Meme defende que há pessoas ou organizações que se preocupam apenas com aquilo que alcança repercussão nas mídias de informação. Na defesa de sua tese, o sujeito que produziu este Meme lança mão de duas

notícias tão perturbadoras para mostrar que, por não receberem tanta visibilidade e propagação das mídias, a ONU não lhe dá a devida importância. Já a última notícia (óbvio que não real, mas usada para provocar efeito irônico através do adjetivo “síria”) desperta a ONU a tal ponto que lhe dá atenção máxima – tal como representado pelos olhos abertos da personagem.

Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 2)**

No tocante ao **Meme 2**, vemos uma forte crítica sobre a postura de pessoas quando o assunto é notícia calamitosa. Quanto à estrutura, a do **Meme 2** segue à mesma do **Meme 1**. A diferença é que aparecem duas pessoas reais ao lado de fotos de ruas, uma com pessoas protestando e outra completamente vazia. A leitura das imagens obedece à mesma direção que a do Meme 1, a saber: da esquerda para a direita e de cima para baixo.

O fulcro da análise dessas imagens, que colaboram para a criticidade do produtor deste Meme, são as ruas ao lado das imagens das vítimas. Do lado da vereadora, o Meme mostra um grupo de pessoas protestando contra o crime que vitimou a parlamentar. Isso revela que as pessoas estavam muito revoltadas com o acontecido, haja vista que ganhou repercussão no mundo. Vale ressaltar a inscrição que aparece na faixa “fim da PM já”, pois especula-se que a própria polícia tenha cometido o crime ou então o ordenado. Em oposição, podemos ver que, ao lado do jovem Matheus, também assassinado, o Meme traz uma rua deserta. cremos que o efeito de sentido desejado para a rua deserta é criticar o desequilíbrio dos protestantes. A crítica no Meme é construída a partir de três argumentos: a) mostra a incoerência quanto a (não) mobilização das pessoas frente a assassinatos similares, já que ambos envolvem seres humanos; b) critica-se às pessoas que culpam os PM’s por certos crimes de assassinato, e por terem tal suspeita, protestam veementemente; e, c) critica-se também às pessoas que, mesmo sabendo que traficantes mataram uma outra pessoa, não saem às ruas para protestar. O argumento b) é esclarecido pelo argumento c) se o protesto é contra o assassinato de pessoas, por que muitos só se revoltaram com a suspeita de que policiais militares assassinaram a vereadora e não se incomodaram com crime comprovado em que o estudante fora assassinado por traficantes? É justamente nestes descompassos e incongruências que repousa a forte crítica do Meme 2.

Vale destacar a eficácia da argumentação frente a um auditório. Segundo Perelman e Tyteca, em seu Tratado da Argumentação (2005), para conquistar a adesão do auditório, o

orador deverá saber falar a linguagem desse auditório, ou seja, a primeira condição de argumentação é ter uma linguagem comum ao auditório. Para os autores, “o conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz” (2005, p. 23). No caso dos Memes, o foco não é a oralidade, mas como há um produtor que põe seu ponto de vista, criticando algum assunto, ele tem que inicialmente saber a linguagem do auditório que deseja convencer. No caso dos Memes, a linguagem é multimodal, geralmente usando linguagem verbais e linguagem não-verbal. Como os leitores dos Memes participam do meio virtual, há de se saber usar essa linguagem para poder construir qualquer que seja o Meme, principalmente aqueles que analisamos, pois, a crítica, o humor e os argumentos devem ser bem utilizados para se obter sucesso quanto à intenção comunicativa do usuário.

Fazendo uma análise geral dos Memes 1 e 2, percebemos, de acordo com as ideias de Austin (1990) sobre atos de fala, a presença de dois atos de fala realizados a partir da multimodalidade usada na construção dos Memes. São eles: o de informar (no que diz respeito aos assassinatos e manifestações frente aos fatos referidos), e o de convencer, a partir de um ponto de vista crítico realizado através da explicitação da contradição de atitudes frente a crimes semelhantes. Isso nos confirma o que dissemos na fundamentação teórica deste trabalho em relação à multimodalidade. Trata-se de uma composição de recursos semióticos que produz um único ato de fala em ambos os Memes até então analisados. A dissertação de Cavalcanti (2015) sobre as Charges já demonstrava esse efeito da multimodalidade.

Quando caracterizamos o Meme no capítulo 1 deste trabalho, realçamos uma observação elucidada por Dias (*et al.*, 2015), afirmando que o Meme pode surgir em outras mídias. Ou seja, a internet não é o único criadouro dos Memes. Para os autores, nenhuma ideia carregada por Memes sai dos próprios Memes. As ideias podem ter origem em outras mídias. Percebemos esta característica em nosso *corpus* e abaixo vemos como essa característica contribuiu não somente para a construção dos dois Memes analisados a seguir estruturados em críticas bem argumentadas.

Imagem 9- MEME 3



Fonte:página do instagram @corrupcaobrmemes

Imagem 10 - MEME 4



Fonte:página do instagram @corrupcaobrmemes

### Contextualização dos Memes 3 e 4

Escolhemos apresentar neste mesmo espaço, os contextos de ambos os Memes, por acharmos que estão em mesma situação social. O Meme 3 foi produzido em meio ao caos em que o Brasil vive, onde a corrupção na política brasileira e em grandes empresas se sobressai em todos os noticiários durante todo o ano de 2018. O Meme 4, por sua vez, também produzido e veiculado em 2018, foi produzido a partir da greve dos caminhoneiros que ocorreu a partir do dia 21 de maio de 2018. Durante os dez dias de greve, enormes filas se formavam para abastecer em postos, que elevavam o preço da gasolina. Frente à escassez de combustíveis nos postos, causada pela impossibilidade do reabastecimento, uma vez que os caminhoneiros estavam em greve, muitos motoristas lotaram postos de gasolina mesmo tendo um imenso aumento no preço dos combustíveis.

### Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 3)**

O Meme entendido como uma ideia, defendido por Blackmore (2000), Limor Shifman (2014), Dias (*et al.*, 2015) e Souza (2001), pode surgir em outros ambientes e não somente na internet. Isto é constatado tanto de forma teórica quanto através da experiência de navegação nas redes sociais digitais. Para explicar esse fenômeno, escolhemos dois Memes exemplares.

O **Meme 3**, de forma bem construída, traz-nos expressa e nitidamente a imagem da Bandeira Nacional Brasileira com suas cores já tradicionais. Contudo, sobre a imagem da Bandeira há outra imagem, como se fosse um bilhete escrito por uma criança. Neste Meme, vemos a sobreposição de uma imagem à outra, contudo, constituindo uma imagem apenas, para poder fazer jus ao posicionamento e à intenção do produtor.

As imagens contribuem muito na comunicação virtual. E concordamos com Dionísio (2005, p. 115) quando ela diz que a combinação de material visual com a escrita está muito presente em nossas comunicações, o que nos mostra que vivemos numa sociedade cada vez mais visual. Dessa forma, cremos juntamente com a autora, que a união de palavras e imagens – especificamente falando dos Memes – faz com que percebamos que os Memes não são apenas formas de expressão para proporcionar humor, mas, acima de tudo, são manifestações multimodais construídas, que revelam as nossas relações no ambiente virtual.

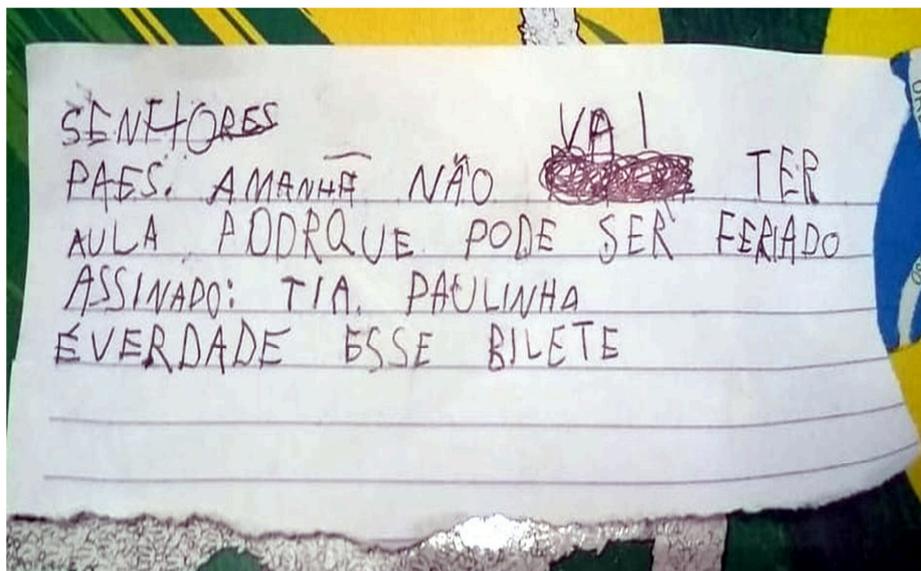
Neste Meme, por exemplo, ao usar duas imagens sobrepostas, o produtor, a partir dos seus múltiplos conhecimentos, conseguiu deixar registrado o seu posicionamento crítico quando o assunto é falar de sua própria nação. O que nos diz que, o produtor de Meme não está alheio aos assuntos e contextos sócio-políticos do Brasil, pelo contrário, percebemos sua total participação por meio da produção de Memes divulgando-os nas redes sociais digitais.

Deixamos claro que, para construir seu Meme, o produtor partiu do argumento universal, o que podemos concluir conforme a ideia de Ducrot (1988) sobre as propriedades do topos, uma vez que é de conhecimento nacional que o Brasil se encontra, pelo menos no momento de produção deste Meme, num momento caótico e de intensa crise política, o que inviabiliza a crença e propagação do emblema estampado na Bandeira: Ordem e Progresso. Para analisarmos como a crítica foi construída, vamos à análise dos elementos linguísticos-enunciativos, inclusive explicar a natureza da inscrição “É VERDADE ESSE BILETE”.

#### Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 3)**

O considerado Meme “É VERDADE ESSE BILETE” surgiu a partir da imensa visibilidade na internet, mais especificamente nas redes sociais digitais *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, por fazer parte de um bilhete escrito por uma criança de 5 anos. A criança tenta enganar a mãe com um bilhete falso. No bilhete, a criança fingia ser sua professora informando que não haveria aula, e no fim ainda afirma que "é verdade esse bilhete". O caso aconteceu em 2018. Eis a imagem do bilhete:

**Imagem 11** - Bilhete que deu origem ao Meme “é verdade esse bilhete”



Fonte: Google Imagem a partir da busca “é verdade esse bilhete”

Percebe-se que a simplicidade do bilhete, a caligrafia e os erros na escrita deixaram fácil descobrir a mentira do menino Gabriel Lucca. Com isso, a partir da publicação feita pela sua mãe, rapidamente a história repercutiu na Internet e viralizou como Meme. No #MuseudosMemes podemos ver inúmeros Memes feitos a partir da frase “é verdade esse bilete”. Os muitos Memes consistem em escrever uma mensagem que claramente é mentira, e no final escrever “É VERDADE ESSE BILETE”, com intuito de ironizar ou criticar algo.

Tomando posse dessa explicação contextual, podemos perceber que no **Meme 3** a crítica se faz necessariamente sobre o emblema “Ordem e Progresso” estampado na Bandeira Nacional do Brasil. A partir da criatividade do produtor e de sua posição crítica ao momento conturbado que o Brasil vive quanto a violência, corrupção e intensa crise política, percebemos que no Brasil falta justamente aquilo que é impresso em sua bandeira: Ordem e Progresso. Na construção desta crítica humorística, podemos também perceber o argumento que Ducrot chama de universal, pois como já dissemos acima, o caos em que vive o Brasil é um conhecimento compartilhado por todos os brasileiros. De acordo com Ducrot (1988), os argumentos são tratados como “universais” quando são apresentados no enunciado como se fossem compartilhados por uma coletividade – são comuns pelo menos ao enunciador e ao destinatário.

Neste **Meme 3**, podemos admitir três conclusões, a saber: a) mais uma vez percebemos que a imagem em si não se constitui um Meme, mas o Meme é veiculado a partir da ideia que se tem da inscrição “É VERDADE ESSE BILETE”; b) a origem do Meme foi a partir de um bilhete escrito por uma criança de 5 anos, e que virou Meme a partir do momento em que a ideia surgiu após ser publicada na internet, ganhando, dessa forma, repercussão dentro da mídia digital<sup>18</sup>; e, c) a partir do uso da multimodalidade presente na imagem da Bandeira Nacional e do recorte que se fez do bilhete da criança, o produtor, a partir de sua aguda criatividade, pôde, da melhor forma possível, aliar o humor à argumentação, para poder marcar seu posicionamento frente às suas intenções, crenças e opiniões.

Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 4)**

O **Meme 4**, por sua vez, apresenta o que discutimos nos **Memos 1 e 2**, a saber: o Meme é a ideia da comparação para mostrar incoerências de pessoas frente à alguma atitude

---

<sup>18</sup> Vários usuários se utilizaram deste Meme para criticar algum assunto de seu interesse ou apenas se expressar como forma de humor. Estes Memes podem ser encontrados em vários sites. Como sugestão, temos o próprio Museu dos Memes que traz mais de 40 exemplos em que este Meme foi utilizado, através do humor, para expressar alguma crítica frente a diversos assuntos.

(não) tomada. Para a construção da crítica, vemos que na imagem são utilizadas cenas do desenho animado Bob-Esponja.

A imagem é composta por quatro quadrados, em que na parte esquerda vemos imagens da personagem Bob-esponja como se estivesse vendendo algo, e na parte direita, vemos imagens mostrando pequena quantidade de pessoas e uma incrível multidão.

A leitura deste Meme, obedece à mesma leitura dos Memes 1 e 2, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Essa construção nitidamente mostra o intuito de fazer o que os Memes 1 e 2 fizeram: comparar situações.

A partir desta composição, em que as imagens aparecem ao lado de outras, podemos ver que o uso das imagens da personagem ao lado de imagens mostrando quantidade diferente de “pessoas” tem como principal intenção comparar o que acontece de um lado e qual o efeito ou reação causados.

Frente ao contexto da produção deste Meme (vide página 80) a comparação entre as inscrições “Gasolina R\$4,00” e poucas pessoas e “Gasolina R\$10,00” ao lado de uma multidão faz referência a este momento pelo qual o Brasil passou. Não encontramos apenas essa referência, como também a crítica feita a partir dessa comparação. É-se criticada a incoerência de muitas pessoas em aceitarem o alto preço dos combustíveis, se tornando capachos dos postos de gasolina. A contradição seria que quanto mais se aumenta o combustível, mais as pessoas compram. Como protestar neste caso contra o abuso do preço dos combustíveis, se quanto mais se aumenta, as pessoas lotam os postos mostrando conviência com tal aumento?

O Meme em si seria construído de outra mídia, que seria a televisiva a partir do desenho Bob Esponja. A partir das imagens paralisadas deste desenho, para comparar atitudes dos brasileiros quanto à compra de combustíveis, o produtor não somente fez referência a esse momento caótico do Brasil como também expôs sua crítica à ação de pessoas irem aos postos de gasolina abastecerem mesmo com o elevado preço do combustível.

No caso deste Meme, podemos inferir que o *topos* – lugar comum argumentativo que orienta uma conclusão – (DUCROT, 1988) evocado seria “quanto mais se aumenta o combustível, mais pessoas compram”. Esse *topos* é evocado indicando a contradição dos motoristas indo abastecer quando o preço da gasolina aumentou esporadicamente. Dessa forma, mostra-se a incoerência, pois se se reclama tanto do preço abusivo dos combustíveis, por que justamente quando mais os aumenta, os consumidores compram? É diante dessa contradição que o produtor do Meme fundamenta sua crítica.

Ainda dialogando com Ducrot e Ascombre (1988), no que diz respeito às propriedades dos *topoi*, a saber: o universal, o geral e o gradual, percebemos que não somente neste Meme, mas também em outros se evidencia a propriedade geral, que são os que se aplicam a um grande número de situações, não apenas ao momento em que se fala. Trazendo para a análise dos Memes, essa propriedade se justifica pela possibilidade de aplicação da comparação em Memes para se criticar, ironizar algo ou alguém. Neste caso, do Meme 4, a ideia de se comparar os preços da gasolina e as multidões frente a esses preços, dá-se relevo a uma crítica construída a partir dessa comparação. Essa forma de se criticar em Memes é muito comum, logo, podendo ser aplicado em outras situações e inúmeras vezes.

Além disso, podemos perceber, portanto, que as imagens da personagem não representam propriamente o desenho, mas os postos de gasolina na época da greve em questão, e a quantidade de pessoas representado o número de motoristas que buscam abastecer os seus veículos, sem a greve e com a greve em evidência. Essa representação que as imagens fazem do mundo, de acordo com Kress e van Leeuwen, mostra que as imagens não apenas representam a realidade, elas “produzem imagens da realidade” e, nesse sentido, não devem ser vistas apenas como meio para construir um conhecimento sobre fatos de uma cultura, mas funcionam para ajudar na compreensão de valores, crenças, práticas sociais da cultura alvo, pois são textos impregnados de sentidos “investidos” política e ideologicamente (FROW, 1985 apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 95) a serem desnaturalizados.

Os usuários produtores de Memes veiculados em redes sociais digitais, logo, a partir de seus conhecimentos culturais, sociais, políticos e argumentativos, escolhem, a partir das imagens presentes em Memes, fazer uma representação da realidade, para que, desta forma, os outros usuários se identifiquem e tenham conhecimento da sua crítica e de seu posicionamento.

Quanto a esta identificação que os usuários devem ter com o que é veiculado em um Meme, podemos fazer relação ao que nos disse Perelman e Tyteca (2005) sobre a argumentação eficaz. Segundo os autores, “uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar a intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 50). Somando essa perspectiva trazida por Perelman e Tyteca (2005) à noção de argumento universal defendido por Ducrot (1988), podemos perceber que quanto mais o argumento é universal, logo compartilhado por uma coletividade, mais ele será aceito e aprovado pelos ouvintes. No caso dos Memes, quanto mais o argumento é universal, mais adesão este Meme terá dos usuários das redes sociais digitais. Logo, entendemos que se o produtor do Meme conhece de antemão o seu público, ele

fará uso de recursos na construção de seus Memes, que são comuns aos usuários da rede. Uma vez que, ter a linguagem comum daqueles que se pretende conquistar é também um passo primordial para se conseguir uma argumentação eficaz.

Além desses recursos usados na produção do humor e argumentação presentes em Memes, podemos entender que os Memes servem como ação para os usuários, uma vez que se evidencia o posicionamento crítico de seus produtores. A ação pelos Memes pode ser explicada a partir do que Austin (1990) formulou sobre os atos de fala: ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário. Queremos enfatizar o segundo ato, o ilocucionário. Este ato proposto por Austin, diz respeito ao que se pretende dizer quando dizemos algo, ou seja, qual ação se quer realizar. Tomando os Memes aqui analisados, podemos entendê-los não como forma inocente de proporcionar humor, mas os concebemos como verdadeiros atos, verdadeiras ações, pois a partir destes Memes, percebemos claramente a força ilocucionária de ironizar, convencer, criticar algum tema de conhecimento público. Os usuários conscientes disto produzem seus Memes a fim de mostrar seu posicionamento na sociedade; revelando sua criatividade na produção destes Memes.

Imagem 12 - MEME 5



Fonte: página do instagram @corrupcaobrmemes

Imagem 13 - MEME 6



Fonte: página do instagram @corrupcaobrmemes

#### **Contextualização dos Memes 5 e 6:**

Assim como os Memes 4 e 5 foram produzidos a partir de contexto igual, em que um abrange o outro, os Memes 5 e 6 tratam da mesma situação. Ambos os Memes foram produzidos num contexto em que se questiona e se critica muito o serviço prestado pelos Correios- única empresa pública federal responsável pela execução do sistema de envio e entrega de correspondências no Brasil). Vários Memes foram e ainda são produzidos no intuito de ironizar/criticar os Correios, contudo, escolhemos estes dois, pois representam bem a crítica humorística que se faz ao serviço prestado por esta empresa.

Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 5)**

Não somente assuntos sociais e políticos, como os Memes 1, 2, 3 e 4, são alvos de críticas. Serviços prestados também viram alvo das críticas dos usuários da internet. Nos **Memos 5 e 6** percebemos de imediato a crítica feita sobre o serviço prestado pelos Correios (única empresa pública federal responsável pela execução do sistema de envio e entrega de correspondências no Brasil).

O **Meme 5** traz uma imagem de alguém que provavelmente está em sua colação de grau, o que pode ser percebido pelo seu traje. Ao lado desse possível formando, há pessoas vibrando enquanto ele caminha. Ao lado esquerdo da imagem, percebemos algumas pessoas com uma faixa: “era pra ser ano retrasado, mas tá bom!”, fazendo uma brincadeira com a pessoa que, pelo dizer da placa, deveria ter se formado mais cedo. Várias imagens parecidas como essas circulam entre os internautas<sup>19</sup> a fim de ironizar ou criticar algo que demora chegar à conclusão ou destino. O Meme surgiu a partir da imagem abaixo:

**Imagem 14** - Fotografia do formando Luan



Fonte: site de busca Google imagens

Tendo esse conhecimento contextual, o usuário, para criticar o serviço prestado pelos Correios, insere acima da imagem da faixa o enunciado: “quando finalmente o correio entrega sua encomenda”, e, põe a logo dos Correios no lugar do nome Luan (como vocativo) e no rosto do formando. Fazendo essa troca e inserção de imagens, o produtor do Meme fez com

<sup>19</sup> Outros Memes criados a partir da imagem do jovem Luan podem ser buscados no Google imagens, a partir da busca: “Luan, era pra ser ano retrasado, mas tá bom”

que, o que inicialmente era uma crítica bem humorada ao formando, seja uma crítica bastante firme contra o serviço prestado dos Correios.

De forma bem sagaz e criativa, o que se critica neste Meme é a possível lentidão com que os Correios fazem suas entregas. Em ambos os Memes percebemos claramente o tom humorístico mais crítico, através da ridicularização.

Aqui podemos perceber novamente o que Ducrot (1988) levanta sobre a universalidade do topos, pois, neste Meme, vemos que o efeito crítico causado é possível porque o mau serviço prestado pelos Correios é algo compartilhado por toda uma coletividade, e que também é confirmado pela quantidade considerável de Memes produzidos criticando este órgão governamental.

Diante disto, no que diz respeito aos gêneros, de acordo com a perspectiva de Bazerman (2005), podemos afirmar que a função elementar dos gêneros comunicativos na vida social é de realizar, rotinizar e condicionar (em maior ou menor grau) as soluções para os problemas comunicativos recorrentes. Os problemas comunicativos para os quais tais soluções são estabelecidas socialmente e depositadas no estoque social do conhecimento tendem a ser aqueles que afetam os aspectos comunicativos das interações sociais que são importantes para a manutenção de uma dada ordem social.

Esta citação permite-nos entender que os gêneros mantêm uma relação direta com o que acontece em toda sociedade. Se a sociedade passa por evoluções, é válido afirmar que os gêneros devem acompanhar as transformações; um exemplo disso é a forma de se comunicar no século XXI, em que o uso da linguagem e muitos gêneros se modificaram bastante por causa do avanço tecnológico. O papel dos gêneros comunicativos na sociedade é enfatizado por Bazerman (2005). Para o autor, o repertório de gêneros em cada momento de uma sociedade particular constitui o “centro” das dimensões comunicativas da vida social.

Os Memes, especificamente, constituem uma forma em que os usuários enxergam uma oportunidade bem eficaz para manifestarem seu posicionamento crítico. Neste caso, do Meme 5, o produtor se utilizou do Meme e sua constituição multimodal para expressar sua crítica ao serviço prestado pelos Correios. Assim, a partir do uso de sua liberdade de expressão, também agindo em sociedade a partir de sua criaticidade.

#### Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 6)**

O **Meme 6**, por sua vez, critica também o serviço prestado pelos Correios. Para expor a crítica, há a referência ao filme “Vingadores: guerra infinita” estreado no Brasil em 2018.

Percebemos isso primeiramente pelo design do enunciado “Entregadores”. Contudo, no lugar do nome do filme, o produtor do Meme fez um trocadilho e escreveu “Entregadores” fazendo alusão aos carteiros que trabalham na empresa. Abaixo trazemos as duas imagens para melhor compreendermos a referência que se fez neste Meme.

**Imagem 15** - Pôster do filme: “Vingadores: guerra infinita”



Fonte: site de busca Google imagens

**Imagem 16** - MEME 7



Fonte: página @corrupcaobrmemes

Além do nome “Entregadores”, percebemos uma espécie de subtítulo “Prazo de entrega infinita”, que também faz alusão ao filme a partir do enunciado: “Guerra Infinita” (como se constata na imagem acima). Nessa troca e referências de enunciados, o que pode caracterizar também uma paródia, o produtor do Meme deixa perceber mais uma vez a crítica humorística que comumente se faz pelos usuários quanto aos serviços dos Correios. “Entrega infinita” constitui-se como sendo uma crítica exagerada contra a demora da entrega das

mercadorias e correspondências fornecida pela companhia. Essa demora de entrega pode ser considerada como um conhecimento compartilhado, dessa forma pode ser entendida como um argumento assaz favorável à crítica realizada. Mais uma vez encontramos o que Ducrot (1988) classifica como argumentos “universais”, que são aqueles apresentados no enunciado como se fossem compartilhados por uma coletividade.

Além desses enunciados inclusos no Meme, podemos ver outra referência ao filme “Os Vingadores: guerra infinita”, que é a imagem do carteiro se desfazendo. Neste filme, alguns super-heróis são mortos pelo vilão Thanos. A morte é através da desintegração das personagens, pois seus corpos vão se desfazendo. No caso do **Meme 7**, isto também foi levado em consideração, pois dá a entender que os Correios (representado pelos carteiros) oferece um serviço tão mal prestado que chega a se desintegrar pelo tempo por causa da demora da entrega.

Vemos que nestes Memes analisados, opiniões são construídas e divulgadas num processo persuasivo em que os argumentos são formados por uma mescla de contextos informativos que proporcionam uma crítica humorística. Em sua dissertação, Cavalcanti (2008) ao analisar a Charge e sua argumentatividade, diz que como o artigo de opinião, a Charge consegue, muitas vezes, “ser mais contundente e objetiva em seus argumentos que os demais gêneros com os quais dialoga” (p. 71). Esse poder de persuasão leva a pesquisadora a se interessar por esse gênero. Não pensamos diferente quando o assunto é o Meme da internet. À semelhança da Charge (e também do Cartum, como discutimos no capítulo 1 deste trabalho), os Memes, que nos serviram de análise, possuem esse poder de persuasão que também despertou interesse investigativo. A força argumentativa se deve por dois motivos: o uso da multiplicidade de linguagem que o Meme possui e a quantidade de informações trazidas em sua construção crítica-humorística.

A presença de imagens e palavras faz com que o produtor do Meme se muna do que há de mais útil da multimodalidade para construir e externar sua crítica. De acordo com Dionísio (2005, p. 115) cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita. A autora ainda afirma que vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para a divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações.

Logo, sendo o aspecto multimodal muito presente nos Memes, os usuários, de forma bem criativa, crítica e bem humorada, se utilizam desta característica para expressarem seus variados pensamentos críticos e variadas opiniões frente a qualquer assunto por eles

problematizado. Os Memes também podem ser concebidos como uma forma que os usuários de internet têm de se relacionar e interagir com os outros usuários a fim de estabelecerem relações pessoais e sociais.

Tanto o **Meme 5** quanto o **Meme 7** obedecem às características apontadas pelo biólogo Dawkins (1976). Segundo o autor, elucidado por Recuero (2009), existem três características que definem o Meme, a saber: a longevidade – que diz respeito à permanência ao longo do tempo; a fecundidade – que estaria relacionada à capacidade que um determinado Meme tem em produzir cópias de si mesmo; e a característica da fidelidade de cópia, em que os Memes descendentes têm um alto grau de semelhança com o Meme original. No caso em específico do **Meme 7**, muitos outros Memes usaram deste efeito do filme “Os Vingadores: guerra infinita” para a sua manifestação linguística. Outros Memes se utilizam deste efeito “a desintegração realizada pelo vilão Thanos” no intuito de dizer que algo se desfez por algum motivo. Isso nos chama atenção quanto à característica da fecundidade que um Meme pode possuir. Como a ideia de desintegração obteve grande alcance a partir do filme, muitos produtores de Memes passaram a usá-la para manifestar sua intenção comunicativa nas redes sociais digitais. Nos anexos, o leitor pode ter acesso a alguns Memes que contém essa mesma composição e ideia.

Diante disso, portanto, novamente chamamos a atenção para o que nos dizem Dias *et. al.* (2015) e Limor Shifman (2014 *apud.* DIAS *et. al.* 2015, p. 7): o Meme da internet é uma ideia disseminada, midiaticizada através de uma imagem, texto ou som, e que, segundo Blackmore (2009), possui “a característica de rápida difusão e manipulação por parte de atores sociais atuantes enquanto internautas de rede” (BLACKMORE, 2009, p. 35). Essas características estão presentes nos Memes até aqui analisados uma vez que, no caso dos Memes 5 e 6 percebemos duas ideias disseminadas: a) a ideia que se tem do serviço prestado pelos Correios, b) e a ideia oriunda do filme “Os Vingadores” no que diz respeito à desintegração de personagens; como também a manipulação por parte dos internautas desta ideia disseminada, uma vez que, como já dissemos, outros Memes foram produzidos a partir desta ideia inspirada na cena do filme.

Imagem 17 – MEME 8



**Corrupção Brasileira Memes**



17 de jun às 17:54 • 🌐

Tributou foi pouco



Fonte: página do facebook “Corrupção Brasileira Memes”

**Imagem 18 – MEME 9**



Fonte: página do instagram @corrupcaobrmemes

**Contextualização do Meme 8**

A Copa do Mundo FIFA de 2018 foi a vigésima primeira edição deste evento esportivo. Trata-se de um torneio internacional de futebol masculino organizado pela Federação Internacional de Futebol(FIFA), que ocorreu na Rússia. O Brasil participou desta Copa. As imagens dos jogos serviram de inspiração para os produtores de Memes. Inúmeros Memes foram criados, e aqui escolhemos um para representar essa gama de produção durante os jogos desta Copa do Mundo.

### Contextualização do Meme 9

O Brasil sofre demasiadamente com a desigualdade social. Estima-se que em 2018 chegamos a alguns números preocupantes, a saber: são 13 milhões de desempregados, 34 milhões de trabalhadores informais e 27 milhões de pessoas fora do mercado de trabalho; não somente esses números nos preocupam, mas também a forma como os serviços públicos são oferecidos: filas imensas em hospitais, atendimento precário, falta de leito, escolas mal equipadas, professores mal remunerados, etc. Em contrapartida, não somente a desigualdade aumentou como também o arrecadamento do Governo Federal quantos aos impostos cobrados. Os brasileiros pagaram nada menos do que R\$ 1,5 trilhão em impostos até o dia 23 de agosto de 2018, segundo dados do Impostômetro da Associação Comercial de São Paulo (ACSP). Segundo o mesmo site, até 20 de janeiro de 2019, o Brasil já arrecadou mais de 165 bilhões de reais. Evidentemente que nem todos os estabelecimentos pagam impostos, a exemplo dos templos religiosos. As instituições religiosas não pagam IPTU, imposto de renda sobre o que arrecadam em dízimo, nem IPVA sobre os carros que possuem. Tampouco pagam o ISS, que é o imposto municipal. Desde a Constituição de 1988, a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios são proibidos de instituir impostos sobre “templos de qualquer culto” — essa expressão, ampla, abrange não só as igrejas, mas também lojas maçônicas, conventos e casas paroquiais.

### Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 8)**

Neste Meme vemos imagens de um jogo de futebol que aconteceu na Copa do Mundo FIFA 2018. Na cena, aparecem como foco dois jogadores. Um com a camisa vermelha, supostamente da seleção de Portugal, e o outro com a camisa da seleção brasileira, o jogador Neymar.

A partir de muitos jogos da seleção brasileira, o jogador Neymar caiu inúmeras vezes, algo que não passou despercebido pelos internautas. As muitas cenas das caídas que Neymar sofria foram aproveitadas por vários usuários na construção de muitos Memes. Neste caso, o jogador Neymar aparece sendo puxado pela camisa pelo jogador adversário. No entanto, neste Meme não se tem o foco nas pessoas dos jogadores, haja vista que sobre a imagem de ambos aparecem uma inscrição e um slogan de um órgão governamental.

As imagens aqui contribuem muito para o efeito pretendido. O efeito alcançado através da representação da imagem é que se o jogador cai, logo, ele é impedido de continuar sua jogada. Aqui podemos elucidar o que Vieira (2015) nos diz sobre os recursos visuais que usamos para interagir. Segundo o autor, estamos produzindo muitos outros recursos semióticos (visuais), e que, através desses recursos, ao longo da nossa história social, cultural e política, “atribuímos sentido às realidades interior e circundante, interagimos e criamos os nossos textos” (VIEIRA, 2015, p. 7). Aqui nos chama a atenção que os Memes, em específico o **Meme 8**, têm em sua produção a imagem que não foi criada pelo produtor do Meme, mas capturada de uma outra mídia. O que era vídeo veiculado na televisão foi transformado em imagem estática, que posteriormente seria usada para atender à intenção comunicativa do produtor. É dessa forma que os usuários parecem significar nos Memes produzidos: captura-se uma imagem que atenda às suas necessidades e intenções na interação em redes sociais digitais.

A partir dessa representação via imagem, o produtor, ciente do efeito pretendido, escolhe por colocar duas referências linguísticas acima das imagens dos jogadores. Encima da imagem do jogador Neymar aparece o enunciado “produto importado”, e encima do outro jogador, o logotipo da Receita Federal, órgão este responsável pela cobrança e taxaço de impostos, inclusive de produtos importados.

Se de um lado vemos o jogador puxando Neymar a fim de impedi-lo de continuar sua jogada, esse efeito é invocado quanto à tributação realizada pela Receita Federal quanto os produtos importados. A crítica aqui se faz no que diz respeito ao “abuso” de cobranças feitas quanto aos impostos de produtos comprados no exterior. A taxa possivelmente abusiva de tributação pode impedir a compra do produto importado, dessa forma, impedindo-o de chegar ao seu destino.

Neste Meme é mais organização de imagem do que de palavras. Aqui evocamos novamente o que Krees e van Leeuwen (2006) nos propõe sobre a teoria da gramática visual. Os autores afirmam que as imagens têm uma organização e uma leitura própria tal como a Língua tem em sua estruturação sintática. Percebemos que a utilização de diferentes recursos semióticos presente neste Meme proporciona a multimodalidade, a fim de construir um evento comunicativo capaz de expressar as intenções dos usuários produtores de Memes.

Para justificar a importância de uma teoria da Gramática Visual, Kress e van Leeuwen (2006) destacam os seguintes fatores: o incremento do papel da comunicação visual em materiais didáticos, o avanço das novas tecnologias – como os softwares, cada vez mais acessíveis a indivíduos não especialistas no manuseio e na manipulação de imagens – e o

fenômeno da globalização, pois, ao mesmo tempo em que constrói representações semióticas, conforme uma complexa rede de especificidades atribuídas a um povo, demanda um entendimento generalizado acerca de seus efeitos semióticos devido à rápida veiculação e consumo dessas representações.

A partir disso, o segundo fator nos chama atenção, que é sobre o avanço das novas tecnologias. Em meio aos inúmeros aplicativos disponíveis para a produção dos Memes, os usuários da Internet, em meio a tantas imagens, se sentem livres e capazes de retratarem também através das imagens suas intenções, e representações da realidade. Normalmente os Memes possuem em sua composição a multimodalidade, em que imagens e palavras se unem para significar o que se quer significar permitindo os produtores de Memes expressarem também seu ponto de vista crítico-humorístico.

Mais uma vez, quanto à performatividade teorizada por Austin (1990), assim como dissemos sobre os Memes 1 e 2, vemos neste Meme 8 dois atos de fala: o ato de informar sobre a taxação de impostos nos produtos, e o ato de criticar a partir da representação da Receita Federal impedindo os produtos importados por conta dos possíveis altos impostos cobrados. Sendo assim, percebemos duas forças ilocucionárias: informar e criticar. A partir desses atos, o produtor deixa claro o seu posicionamento frente ao tema por ele tratado.

O argumento usado novamente obedece à característica dos topoi, uma vez que o argumento é universal, pois é compartilhado por toda uma coletividade, sendo comum tanto ao produtor quanto à plateia.

Ainda nessa perspectiva de críticas ao pagamento de impostos, vamos ao **Meme 9**, onde podemos encontrar outra crítica. O Meme explicita uma incoerência para justificar a sua crítica.

#### Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 9)**

O Meme em questão faz uma crítica contundente quando o assunto é pagamento de impostos; a ênfase dada é por um lado quanto aos contribuintes que não possuem condições financeiras, mas pagam seus impostos, e, por outro lado, mostra que instituições religiosas riquíssimas são isentas de impostos.

O Meme apresenta duas imagens. A primeira imagem mostra uma rua com casas, toda esburacada e com problemas de saneamento básico, o que denuncia a condição financeira dessa população. Na outra imagem, vemos um monumental templo religioso, o que nos revela o alto poder aquisitivo dos líderes. Além dessas imagens, temos dois enunciados

sobrepostos a elas: sobre a rua, temos o enunciado “paga imposto”; e sobre o templo religioso, o enunciado “não paga imposto”.

Mais uma vez, como outros Memes, a ideia é de criticar através da comparação. O **Meme 9** compara duas situações reais. Na primeira imagem – a da rua não devidamente asfaltada – há dois efeitos produzidos: 1) que os moradores cumprem com seu papel de pagar seus impostos, todavia, parecem não usufruir da devida aplicação desses impostos, e que 2) mesmo, aparentemente, sem condições financeiras são obrigados a pagarem seus impostos. Na outra imagem – a do templo religioso – somos levados a crer através do enunciado “não paga imposto” que, por ser templo religioso, não lhe é obrigado o pagamento de impostos. Além dessa informação, podemos perceber o efeito da ironia, pois se mostra na imagem um prédio monumental, construído com muito investimento financeiro.

O efeito causado pode ser apreendido a partir da seguinte afirmação evocada pelos *topos* argumentativo: quem não tem condições paga imposto, quem tem condições não paga. O *topos* aqui relevado seria o de característica universal (DUCROT, 1988), pois o Meme evoca um conhecimento compartilhado por toda uma coletividade, a saber: que pessoas paupérrimas pagam impostos e que templos religiosos, por mais ricos que sejam, são isentos desses pagamentos.

Cabe agora ressaltar algo muito importante que foi discutido nos pressupostos teóricos deste trabalho. Quando se fala de Memes, é bem provável que se faça uma relação direta com o humor, o que concordamos. Todavia, já podemos constatar que não apenas o humor se faz presente nos Memes, como também duras críticas a um determinado assunto ou a uma pessoa. Chagas (*et. al.* 2015, p. 9) nos diz que o criador de Meme depende de um repertório cultural extraído das relações sociais, memórias, geográficas, econômicas [...]”. Para se produzir um Meme que tenha a pretensão, inclusive, de se criticar humoristicamente algo, o produtor deve deter conhecimentos múltiplos para expressar seu ponto de vista crítico.

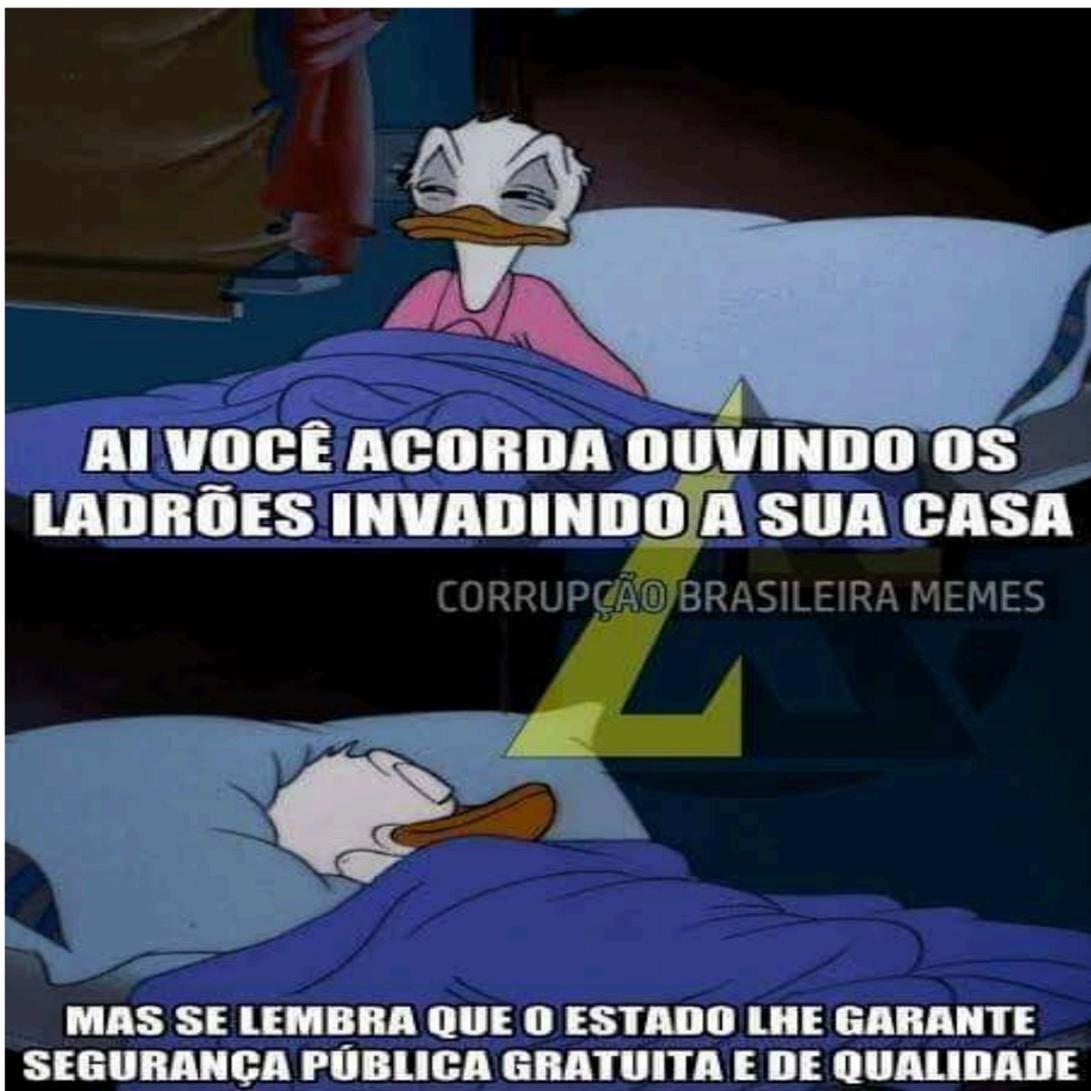
A partir deste repertório, podemos perceber, segundo os autores supracitados, que o Meme não é apenas usado para a diversão dos usuários das redes sociais digitais, mas faz juz a todo um conjunto de saberes que esses usuários possuem e compartilham. A prova disso é o próprio **Meme 9**, que para a sua produção, o usuário deveria entender sobre a questão dos impostos pagos ou não por pessoas e instituições religiosas.

Vale trazer aqui também a nossa pergunta de pesquisa, a saber: por que e como os usuários argumentam pelos Memes nas redes sociais digitais? À essa altura da análise já podemos dizer a motivação que leva os usuários a argumentarem através dos Memes, ou seja, o porquê é justamente a ideia de posicionamento. Os usuários entendem que através dos

Memes eles podem se posicionar frente a qualquer assunto de seu interesse. E esse posicionamento é realizado através do uso da multimodalidade presente e construída nos Memes, em que palavras e imagens colaboram para a manifestação da intenção do usuário das redes sociais digitais que pretendem criticar algum assunto relevante na sociedade.

Isso é muito válido numa sociedade reconhecida como democrática, onde a liberdade de expressão é assegurada, preservada e exercida. Os usuários produtores de Memes, ao contrário dos profissionais produtores de Charges e Cartuns, detentores de seus saberes, produzem os Memes, a partir da multimodalidade, para publicar seu ponto de vista. No **Meme 8**, por exemplo, o produtor ao produzir seu Meme age no sentido de seu posicionamento crítico quanto ao pagamento ou não de impostos, e os benefícios e malefícios dos investimentos que deveriam acontecer com a arrecadação desses impostos.

**Imagem 19 – MEME 10**



Fonte: Página do facebook “Corrupção Brasileira Memes”

Imagem 20 – MEME 11



Fonte: Página do facebook “Corrupção Brasileira Memes”

### Contextualização do Meme 10

É inegável afirmar que o Brasil passa por um momento muito caótico no que diz respeito à Violência e Segurança Pública. Segundo o Atlas da Violência de 2018 produzido pelo Ipea e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em 2016, o Brasil alcançou a marca histórica de 62.517 homicídios, segundo informações do Ministério da Saúde (MS). Isso equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes, que corresponde a 30 vezes a taxa da Europa. Apenas nos últimos dez anos, 553 mil pessoas perderam suas vidas devido à violência intencional no Brasil. Segundo o Monitor de Violência, resultado de uma parceria do G1 com o Núcleo de Estudos da Violência da USP e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o número consolidado até agora (28 de agosto e 2018) contabiliza todos os homicídios dolosos, latrocínios e lesões corporais seguidas de morte, que, juntos, compõem os chamados crimes violentos letais e intencionais. Houve uma média de 4.350 casos por mês.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Essas informações e outras podem ser acessadas no site: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2018/08/28/brasil-registra-mais-de-26-mil-assassinatos-no-1o-semester-de-2018.ghtml>> Acesso em 21.jan.2018

### Contextualização do Meme 11

A corrupção passou a ser tema de várias publicações na internet. Nos jornais televisivos, dificilmente não assistiremos a alguma notícia que trate sobre a corrupção dos brasileiros, políticos e empresários do Brasil. Muito se fala sobre a corrupção dentro da política, o que é divulgado em massa pelas mídias televisivas. Mas não apenas muitos políticos cometem corrupção, em nosso dia a dia é facilmente visível algum ato corrupto de nossa parte; seja a fura de uma fila, a compra de um cd ou dvd pirata, o suborno dado à blitz para que não recebamos uma multa, irregularidade nos contadores de energia elétricas, entre outras ações. Isso nos mostra um retrato bastante perturbador de nossa sociedade. Nas palavras do Papa Francisco, ele diz que a corrupção é “uma praga apodrecida da sociedade, é um pecado grave que brada aos céus, porque mina as próprias bases da vida pessoal e social. A corrupção impede olhar para o futuro com esperança, porque, com a sua prepotência e avidez, destrói os projetos dos fracos e esmaga os mais pobres. É um mal que se esconde nos gestos diários para se estender depois aos escândalos públicos”.<sup>21</sup>

### Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 10)**

Percebemos duas imagens na estruturação. Duas imagens, que são da mesma personagem, o pato Donald. Na imagem de cima aparece a personagem como que despertando do seu sono, e na segunda imagem, a mesma personagem se encontra dormindo novamente.

As imagens por si só não produzem efeito crítico, mas ao se colocar os enunciados nestas imagens, a crítica se constrói de forma bem criativa e bem humorada, uma vez que a ironia se faz presente no posicionamento do produtor do Meme. Contudo, a leitura eficaz é aquela que fazemos, neste caso, da imagem e dos enunciados simultaneamente.

Além das ações apresentadas da personagem, ações de “acordar e voltar a dormir”, o x da questão são os enunciados postos. Primeiramente temos na imagem do pato Donald se acordando o enunciado: “Ai você acorda ouvindo os ladrões invadindo a sua casa”. O que indica que o Pato Donald deixa de ser o Pato Donald e pelo pronome “você” passa a ser qualquer pessoa que será alcançada pelo Meme.

<sup>21</sup> Frase divulgada no site <<https://www.pensador.com/frase/MTk3NTk4NQ/>> Acesso em 21 jan. 2018

Podemos diante disso, mencionar categoricamente o que Aristóteles e Perelman dizem sobre a plateia do orador. Aristóteles (2013 [340 a. C.]), ao falar sobre o *pathos*, apresenta a necessidade de o orador e sua audiência se mostrarem em adequada disposição de espírito, mobilizando as paixões (emoções) desse público. cremos que ao escrever “você”, o produtor deste Meme pretende levar seu público (os usuários que lerão seu Meme) à identificação do Meme, e assim, alcance sucesso na veiculação de sua crítica.

Semelhantemente a esta visão aristotélica, Perelman e Tyteca (2005) afirmam que há três condições indispensáveis de argumentação. A primeira seria a linguagem comum entre orador e auditório, a segunda é que a argumentação se realiza numa comunidade que esteja de acordo a debater algum assunto, e a terceira diz respeito ao orador ter um contato positivo com seu auditório. Esse contato, acreditamos, pode ser feito também quando o produtor do Meme traz o leitor como participante de seu discurso. Dessa forma, a quem o Meme alcançar, se identificará a partir da leitura do pronome “você”, uma vez que este pronome carrega uma ideia muito geral, e não um indivíduo em específico.

Na outra imagem, aparece a mesma personagem voltando a dormir. Também aparece o enunciado: “mas se lembra que o Estado lhe garante segurança pública gratuita de qualidade”. Isto é, por se sentir seguro, a personagem volta a dormir tranquilamente.

É impossível negar que este Meme traz uma ironia bem afinada e perspicaz ao sistema de segurança pública atual. Constatamos isto pelo contexto social pelo qual o Brasil passa. Qualquer pessoa pode perceber os altos índices de violência veiculados pelas demais mídias televisivas e de internet. Para obter este efeito de sentido, o produtor do Meme quebra uma das máximas propostas por Grice (1982), a saber: a máxima de qualidade, em que a autora diz que na comunicação “não diga algo que você acredite ser falso”. A crítica humorística é apreendida a partir da leitura de todo o Meme e de todo o contexto social em que ele foi produzido.

A ironia presente é expressa além do dito literal das palavras. O produtor do Meme faz com que sua ironia seja percebida apenas através das inferências, que ele, como produtor, crer que os usuários que terão acesso ao seu Meme, farão para poder interpretar a sua intenção comunicativa de criticar o Sistema de Segurança Pública vigente no Brasil.

Os Memes pertencendo ao ambiente digital, e tendo em sua maioria a presença da multimodalidade, nos indica que as imagens têm ganhado imenso espaço em nossas práticas comunicativas. Segundo Silvestre (2015, p. 35), a linguagem verbal junto com a não verbal tem se convertido em co-modo, ou seja, a união dessas linguagens colabora para a construção de significados. E vemos isto claramente neste Meme analisado, pois o significado e a

intenção pretendidos pelo produtor do Meme são expressos a partir do uso da multimodalidade, em que imagem e palavras contribuem para a manifestação da crítica humorística.

#### Categoria de Análise: **Recursos multimodais e linguísticos-enunciativos (Meme 11)**

Nesse Meme vemos a presença de mais uma personagem usada a partir do desenho animado. O produtor se utilizou de outra mídia para compor o seu Meme e construir a sua crítica.

Na imagem temos duas imagens indicando duas diferentes expressões da mesma personagem. Ao lado de cada imagem, temos dois enunciados: “falar que todo político é corrupto” e “baixar jogos e filmes pelo torrent”.

A proposta do Meme, inicialmente, é comparar duas situações para poder elucidar a incoerência de pessoas. A estruturação do Meme, a partir da expressão de raiva ao lado do enunciado “falar que todo político é corrupto” nos leva a perceber que o produtor quis mostrar que as pessoas frente a esta afirmação ficam enfurecidas e muito revoltadas e, inclusive, usam muito em seus discursos cotidianos como forma de protesto e indignação. O que podemos constatar empiricamente, pois é bem normal no nosso dia a dia vemos alguém afirmando tal enunciado. A proposta do Meme, nesta parte, é mostrar a reação de pessoas frente a afirmação de que todo político é corrupto.

O uso da expressão da personagem junto ao enunciado nos direciona a este efeito de sentido, uma vez que o uso simultâneo de imagens e palavras ajuda nesta percepção. De acordo com Vieira e Silvestre (2015), a multimodalidade pode ser entendida como a combinação de diferentes recursos semióticos para a criação de um ato comunicativo. Isso nos ajuda a confirmar o que na hipótese levantamos, que o usuários estariam argumentando pelos Memes, e essa argumentação, seu posicionamento crítico, é estruturada a partir do uso simultâneo das imagens e enunciados.

Ao unirmos a expressão, que invoca o efeito de braveza (raiva, indignação) ao enunciado “todo político é corrupto”, cremos que a intenção comunicativa do produtor foi realçar essa indignação que muitas pessoas têm com a nossa classe política, uma vez que essa indignação se justifica a partir dos escândalos de corrupção veiculados pela mídia. Isso nos leva ao que Aristóteles chamou de verossimilhança na retórica. Para o filósofo, baseado em sua perspectiva do pensamento dialético, para que haja o convencimento do auditório, faz-se necessário o uso de argumentos eficazes, que tenham semelhança com a realidade do

auditório pretendido. E essa semelhança nos é explicitada pela expressão da personagem, bem como o enunciado “todo político é corrupto”, uma vez que quem não se irrita quando se fala de corrupção na política?

Chamamos a atenção também à ideia de que todo político é corrupto a partir da visão de Ducrot (1988) sobre as propriedades dos *topoi* argumentativos. Vemos novamente a presença do *topos* universal, uma vez que relacionar político com corrupção é algo que podemos constatar como universal, ou seja, é algo que se é compartilhado por uma coletividade, tanto para o produtor quanto para aqueles que lerão o Meme.

Abaixo desta imagem, notamos a presença da mesma personagem, mas com uma expressão diferente da primeira. Se na primeira imagem, a personagem nos mostra raiva, indignação e fúria, na segunda imagem, vemos a brandura, a calma. Esta imagem aparece ao lado do enunciado “baixar jogos e filmes pelo torrent”. O efeito aqui evocado é totalmente diferente do efeito da primeira imagem junta com o primeiro enunciado.

Como já dissemos acima, a intenção deste Meme é a de comparar duas situações para revelar a incoerência e hipocrisia de algumas pessoas frente ao tema corrupção.

Para entendermos melhor este efeito causado, é-se necessário perceber o significado da palavra “torrent”. Essa palavra diz respeito a um programa de downloads. É um protocolo de conexão que acelerou e simplificou a tarefa de baixar arquivos grandes via Internet. Diferente do download comum, que depende do tráfego no servidor; ou do P2P, que é menos eficiente e mais suscetível a spywares, o torrent permite obter arquivos pesados em partes, criando uma rede de computadores conectados que otimiza o tempo. O usuário pode baixar filmes, inclusive, que ainda estão em cartaz nos cinemas. O que configuraria crime de pirataria.

É a partir desta informação que o produtor do Meme tece sua crítica quanto a hipocrisia de pessoas. Pois, se de um lado as pessoas ficam indignadas com a corrupção dos políticos, por que elas mesmas agem em algumas situações de forma corrupta? Por isso, que ao aparecer o enunciado, coloca-se a expressão branda da personagem, causando o efeito de constrangimento das pessoas frente ao seu ato corrupto.

Na visão de Bazerman (2005) que concebe os gêneros como fato social, vale ressaltar que os Memes podem ser usados pelos usuários como mais uma forma de se posicionar sócio-politicamente. A partir das ideias do autor, podemos dizer que os gêneros mantêm uma relação direta com o que acontece em toda sociedade. Um exemplo disso é o próprio **Meme 9**, em que o tema muito discutido e falado em 2018 foi o da corrupção.

Além disso, podemos trazer Austin (1990), pelo qual podemos entender que quando proferimos palavras não estamos apenas falando por falar, mas estamos agindo por meio delas. Contextualizando para a nossa pesquisa, dizemos que quando os usuários decidem produzir Memes, não estão apenas juntando imagens às palavras para fazer humor, mas estão agindo por meio dos Memes, e essa ação mostra o seu posicionamento crítico frente a qualquer assunto de seu interesse. Não somente vemos a ação de criticar neste **Meme 11**, como também ousamos dizer que há o ato de denunciar, uma vez que a hipocrisia de muitas pessoas é revelada neste Meme sabiamente produzido. Contatamos mais uma vez que os aspectos multimodais contribuíram para que o produtor do Meme argumentasse em favor de seu ponto de vista.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ingressa no mundo científico como uma possibilidade de análise científica dos Memes da internet. A evolução humana não nos permite crer que toda pesquisa se esgote nela mesma, e que seu objeto de análise seja totalmente contemplado pelos pressupostos teóricos usados para a sua descrição e análise. Contudo, cada pesquisa realizada tem sua contribuição para a área a que pertence.

Na hipótese deste trabalho, afirmamos que **os usuários de redes sociais digitais estariam argumentando por meio de Memes como forma de expressão da sua criticidade sagaz e bem humorada**. Postulamos que o percurso de nossa análise confirmou nossa hipótese inicial, posto que revelamos os posicionamentos críticos e humorísticos dos produtores Memes postados e coletados nas redes sociais digitais. Essa confirmação, indicamos que a internet oferece boas condições para a emergência da autoria de seus usuários. Na esteira dos gêneros Charge e Cartum, o Meme também propicia uma maior expressividade no que se refere à exposição de crítica e bom-humor em relação a assuntos até mesmo polêmicos. Antes da internet, somente profissionais do traço (cartunistas e chargistas) eram capazes de expressar seu veio crítico e criativo. Hoje muitos podem fazê-lo utilizando os recursos semióticos multimodais. Pela internet, qualquer usuário, que se disponha a produzir Memes, poderá publicar suas produções para acesso de quem consegue navegar no oceano das informações conectadas.

Fundamentados nas teorias escolhidas para orientar nossas análises, acreditamos ter respondido à pergunta que motivou toda nossa pesquisa, a saber: **Por que e como os usuários argumentam pelos Memes nas redes sociais digitais?** O motivo, como buscamos deixar claro nas análises, seria a necessidade de querer marcar e registrar uma posição em face aos temas diversos. Posicionamentos críticos são constitutivos de uma sociedade que defende a liberdade de expressão de seus cidadãos. Ao produzir os Memes nesta perspectiva, os usuários mostram que estão a par dos assuntos relevantes para a sociedade, participando de forma ativa das discussões e mostram-se assim que não estão alheios às questões sociais e políticas de seu país. Na internet, para participarem das grandes discussões da sociedade contemporânea, uns comentam, outros escrevem artigos, outras pessoas gravam vídeos, e existem também aqueles que produzem Memes pelos quais veiculam suas interpretações, saberes e opiniões.

Nos Memes, a expressão de sua crítica geralmente é dotada de uma boa dose de humor. Aliando imagens a enunciados verbais, usuários muito criativos usam o forte potencial semiótico da multimodalidade e assim conseguem deixar marcada sua mais genuína intenção

comunicativa, informando, advertindo, zombando, criticando o que acha merecedor de sua crítica. Como dissemos, através da multimodalidade, os usuários conseguem explicitar o que estamos chamando neste trabalho de criaticidade.

A inspiração dos pressupostos teóricos também nos ajudou a alcançar os nossos objetivos. Levantamos como objetivo geral **analisar o gênero Meme em sua dimensão retórica-argumentativa, observando quais elementos linguísticos e multimodais são usados para o posicionamento do produtor**. A partir de nossas análises, percebemos que os elementos multimodais presentes nos Memes contribuem para o posicionamento crítico do produtor. Este, através de sua aguçada criatividade e criticidade, consciente de sua liberdade de expressão e da importância dos Memes na sociedade brasileira atual, faz uso dos Memes para se posicionar de forma crítica e bem humorada.

Partindo dos Memes, qualquer internauta tem em suas mãos a possibilidade de criticar de forma humorística qualquer assunto. Com essa possibilidade criativa, o internauta tem mais um recurso para expressar suas intenções comunicativas, suas críticas e pontos de vista nas redes sociais digitais. Somado a outros textos que possuem o objetivo de criticar qualquer assunto de relevância pública, os Memes também podem ser um excelente gênero, em que os produtores deixam registrado o seu posicionamento crítico, argumentando a partir do uso das múltiplas semioses a eles disponíveis na internet.

Para se posicionar, os produtores de Memes, através do uso simultâneo de imagens e enunciados verbais, veiculam suas produções nas redes sociais digitais, o que ganha grande repercussão e visibilidade dentro desses meios virtuais. O interessante a se dizer é que há um reconhecimento e identificação entre os usuários de redes sociais digitais quando o assunto é Meme. A prova disto é a vasta quantidade de Memes, que não param de ser publicados nestas redes, e de trabalhos que estudam cientificamente este fenômeno. Logo, este trabalho de pesquisa se soma a outros que estudam os Memes e seus impactos em nossa sociedade atual.

Podemos afirmar que esta pesquisa traz suas contribuições quando o assunto for Memes na internet, uma vez que analisa este objeto de estudo a partir de uma perspectiva retórica-argumentativa, no intuito de mostrar como os usuários estão criticando nas redes sociais digitais através deles. Contudo, não é objetivo desta pesquisa afirmar que os produtores utilizam os Memes apenas para criticar assuntos sociais e políticos. Assuntos do dia a dia, como nos mostra Recuero (2007), podem ser alvos dos Memes, que têm intuídos diversos, inclusive os de “brincar” com algum comportamento humano.

Esta pesquisa, por sua vez, tem seu espaço marcado nos estudos científicos dos Memes por trazer mais um viés investigativo quanto o assunto. O Meme, que aqui é tomado

sob um viés científico, é conhecido e usado por pessoas de fora do mundo acadêmico, independentemente de classe social, idade e poder aquisitivo. Trazer algo tão comum entre as pessoas como objeto de pesquisa é, além de ser algo assaz significativo, algo que nos exige responsabilidade e sabedoria. Os Memes sendo compartilhados por inúmeros usuários das redes sociais digitais têm muito o que nos mostrar sobre como nossa sociedade se comporta e o que de novo surge a partir de suas produções na internet.

A importância dos Memes como um fenômeno cada vez mais presente na comunicação de massa não deve ser ignorado pelas pesquisas científicas nem ficar restrito apenas ao campo do humor. Ainda é difícil saber o quanto os Memes irão evoluir, mas os muitos trabalhos que já pesquisaram este campo fértil podem dar grande contribuição no quesito no estudo dos Memes. Esta pesquisa, por sua vez, traz mais uma contribuição, mostrando que através dos Memes, os usuários das redes sociais digitais se sentem autorizados para criticar e que estão se posicionando de forma crítica-humorística sobre qualquer assunto relevante que lhes interessam.

Percebemos que a novidade no que diz respeito a produção de Memes é que qualquer pessoa pode, através deles, se posicionar criticamente a partir de sua criatividade em usar da multimodalidade e publicar seus Memes nas mais diversas redes sociais digitais. Desta forma, os produtores de Memes estão marcando nossa sociedade atual, pois os Memes não são usados unicamente como objetivo humorístico, mas principalmente são produzidos como uma forma em que os usuários se posicionam criticamente.

Se gênero, segundo Bazerman (2005) é entendido como fato social, podemos perceber que essa perspectiva nos leva a considerar os gêneros para além de suas características estruturais, textuais, pois segundo o autor, a partir dos gêneros, as pessoas agem em sociedade, realizam atividades e expressam suas diversas intenções comunicativas. Diante disto, entendemos que através dos Memes, os produtores agem em sociedade através de suas críticas e reflexões propostas a partir de suas produções publicadas nas redes sociais digitais.

Como apresentamos nos pressupostos teóricos adotados nesta pesquisa, vimos que o ato da persuasão não é exclusivo de alguns textos, mas é comum em todas as esferas da nossa vida. Sempre quando estamos defendendo um determinado ponto de vista, queremos não apenas manifestar nossa opinião ou crítica, mas desejamos que o nosso ouvinte a aceite como verdade, ou seja, que ele seja persuadido a ponto de adotar nossas ideias. A persuasão é, pois, usada em domínios da vida pública em que é possível deliberar, quando se trata dos interesses da sociedade e dos cidadãos, e em assembleias públicas e tribunais, embora, também possa ser

usada em diálogos e em conversas privadas (NUNES, 2015). Diante disso, podemos perceber que através dos Memes, os usuários exercem esse fato da vida em sociedade, que é a persuasão através de argumentos plausíveis. O que constatamos nos Memes analisados, foi que a ideia aristotélica de verossimilhança é algo que se destaca, pois os produtores dos Memes sempre partem deste princípio para argumentar de forma eficaz.

Para o filósofo Aristóteles, para que haja o convencimento do auditório, é necessário o uso de argumentos dialéticos eficazes, que tenham semelhança com a realidade do auditório pretendido. O orador, para ter sucesso em sua argumentação, deve fornecer provas aceitáveis para que suas teses sejam acolhidas. Diante disso, podemos ver neste Meme que as provas usadas devem ser reconhecidas como verossímeis por parte dos usuários. Além dessa verossimilhança, percebemos a presença do argumento universal, uma das características do topos argumentativo (DUCROT, 1988), pois os argumentos usados são de conhecimento de uma coletividade. Desta forma, a argumentação é realizada de forma mais contundente possível, haja vista que os usuários compartilham de uma mesma informação, sendo possível, serem convencidos da verdade divulgada e criticada nos Memes.

Algo que muito interessou nesta pesquisa e vale lembrar nestas considerações, foi o que abordamos amparados em Perelman e Tyteca (2005) sobre o que os autores falam que, além dos argumentos verbais utilizados, outros meios podem servir para conseguir a adesão do auditório. Pensamos assim a partir do que Perelman e Tyteca dizem ao afirmar que para poder influenciar mais o auditório, pode-se condicioná-lo por meios mais diversos: música, iluminação, jogos de massas, paisagem, direção teatral. [...] “os aperfeiçoamentos técnicos possibilitaram, em nossos dias, desenvolvê-los poderosamente; de modo que se viu nesses meios o essencial da ação sobre as mentes” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 26).

Isso é muito relevante quando tratamos de gêneros multimodais que circulam em nosso dia a dia. Como o auditório na internet são pessoas que usam as redes sociais digitais e estão imersas no mundo das imagens, os Memes, por exemplo, ao fazer uso da multimodalidade, pode contribuir para que o auditório (os usuários de internet) seja influenciado e instigado a adotar a tese defendida e abordada em algum Meme que tenha por objetivo emitir opinião contra ou a favor de uma ideia ou de um comportamento. cremos, dessa forma, que as características multimodais presentes em inúmeros gêneros, de forma geral, são facilitadoras para o contato positivo com a sociedade contemporânea, o que favorece a adesão das teses defendidas pelo orador. Entendemos que os Memes são um excelente meio que os usuários têm à sua disposição para criticarem e assim exercerem a persuasão, através do uso de argumentos consistentes. E tudo isso sendo realizado em sua

própria casa, bastando-lhes ter acesso à internet e a alguns aplicativos que ajudam na produção de Memes.

Diante do exposto, podemos concluir que o presente estudo vem se juntar à literatura sobre o assunto, buscando acrescentar não somente possíveis respostas para as questões que podem ser discutidas posteriormente, mas também suscitar novas investigações, pois como dissemos, os Memes são um campo fértil e que ainda há muitos aspectos a serem investigados. As portas da pesquisa científica linguística se abrem aos estudos voltados para a análise de gêneros. Muitos caminhos já foram trilhados e outros tantos ainda estão por ser desbravados. Esse estudo é apenas mais uma pequena contribuição para a área e tem o intuito de instigar outras tantas pesquisas, já que este é um mundo novo e, conforme Marcuschi (2005), oferecerá interessantes desafios aos estudos linguísticos deste século.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **A Arte de Argumentar: Gerenciando Razão e Emoção**. 5. ed. Cotia: Ateliê editorial.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas: 1990. 136p.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Volume VIII, Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- ASSIS, M. de. **Máximas, pensamentos e ditos agudos**. Seleção e apresentação de Hélio Seixas Guimarães. – 1ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.
- BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. – 1ª ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais**. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- \_\_\_\_\_. Os propósitos comunicativos em gêneros introdutórios no ambiente virtual. In: BEZERRA, Benedito G. **Leitura e escrita na interação virtual**. Recife: EDUPE, 2011. p. 123-144.
- BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Gênero, Agência e escrita**. – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]. -- Brasília: Supremo Tribunal Federal, Secretaria de Documentação, 2018.
- BLACKMORE, S. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CAVALCANTI, M. C. C. **Multimodalidade e argumentação na charge**. Recife: Dissertação de Mestrado, 2008.
- CHAGAS (et al.) **A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo sobre memes dos debates nas Eleições 2014**. V Congresso COMPOLÍTICA. PUC-Rio, 2015.
- CHIARADIA, G. A. S. **A Nova Retórica e os valores de Chaïm Perelman**. Disponível em: <<http://www.arcos.org.br/artigos/a-nova-retorica-e-os-valores-em-chaim-perelman/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.
- DAHL, Robert A. **A democracia e seus críticos**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- DIAS (et al.) **Uma Meta-análise: Proposta a Um Estudo Sobre As Reflexões Acadêmicas do Tema**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro - RJ – 4 a 7/9/2015.
- DIONÍSIO, Â. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, Acir M.; GAYDECZKA, Beatriz. ; BRITO, Karim S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas/União da Vitória/PR: Kaygangue,. 2005. p. 159-177
- \_\_\_\_\_. “Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades)”. In: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. (orgs.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

- DUCROT, O. Argumentação e ‘topoi’ argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e Sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. – 1ª ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.
- FONTANELLA, F. I. **O que é um meme na Internet? Proposta para uma problemática da memesfera**. III Simpósio Nacional ABCiber – ESPM/SP: 2009.
- GRICE, Paul H. **Lógica e conversação**. (Trad. João W. Geraldi). In: DASCAL, Marcelo (Org.). Fundamentos metodológicos da linguística (vol. IV): Pragmática - Problemas, críticas, Perspectivas da Linguística. Campinas: UNICAMP. 1982.
- HOUAISS, A. e VILLAR, Mauro. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 1ª reimpressão, 2009. São Paulo, SP: Aleph, 2009.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading images: the grammar of visual design. London: Routledge, 2006.
- KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. Tradução Luís Carlos Borges, Aníbal Mari; revisão da tradução Aníbal Mari; revisão técnica Rodolfo Ilari. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. – 3ª edição. – São Paulo: Editora 34, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 13-67.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros emergentes e atividades linguísticas no contexto da tecnologia digital**. Trabalho apresentado no Gel. São Paulo, em 2002; (mimeo)
- \_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MENEZES, W. A. Faces e usos da argumentação. In: MARI, H. et all. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, 2001.
- MORETTI, F. **Qual a diferença entre charge, Cartum e quadrinhos?** Disponível em: <<http://ccghumor.com.br>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- MUSEU DOS MEMES. Através do link: <[www.museudosomes.com.br](http://www.museudosomes.com.br)>. Acesso em 15, 16, 17 e 18 mar. 2018.
- NUNES. **Argumentação e Retórica**. Disponível no link: <<https://criticanarede.com/anunesargumentacaoeretica.html>>. 2015. Acesso em 10/07/2018.
- PÉCHEUX, M. ; FICHANT, M. Sobre a história das ciências. São Paulo: Edições Mandacaru, 1986. REZENDE, W. S. **A Retórica como Saber Sujeitado**. PLURAL, Revista do Programa de Pós -Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18.2, 2011, pp. 53-81.
- PERELMAM, C.; OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PERELMAN, C. **Lógica jurídica**. Tradução Vergínia K. Pupi. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PINHEIRO, V. L. Gênero textual charge e cartum como prática social e discursiva. In.: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Paraná, Governo do Estado, 2014.

RECUERO, R. **Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia**. In: Revista famecos, 32, 2007

\_\_\_\_\_. Sobre memes e redes sociais. In: **Social Media**, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/ZfzohH>>. Acesso em 2 jun.2018.

RUZON, B. P. **As origens da teoria da argumentação no pensamento de Chaïm Perelman**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 15, n. 2551, 26 jun. 2010. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/15107>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

SANTANELLA, Lucia. **Culturas e Artes do Pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 2 ed. São Paulo, SP: Paulus, 2004.

TRINGALI, Dante. **Introdução à retórica: a retórica como crítica literária**. – São Paulo: Duas Cidades, 1988.

SILVA, P. S. L. **A linguagem da palestra: estratégias retóricas, linguísticas e pragmáticas**. Tese de Doutorado: UFPE, 2018.

UNSWORTH, L. **Teaching Multiliteracies Across the Curriculum: changing contexts of texts and image in classroom practice**. New York: Open University Press, 2004.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015. 170 p.

XAVIER, A.C.S; SANTOS, C. F. **O texto eletrônico e os gêneros do discurso**. Veredas – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2000. v.4, p 51-57, jan./jun. 2000.

XAVIER. A. C. S. **Trajetória e legado de um filósofo da linguagem: Oswald Ducrot**. Entrevista publicada na Revista Investigações – Vol. 25, nº 2, Julho/2012.

\_\_\_\_\_. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.